

GOVERNO DE TODOS



JOSÉ AUGUSTO

# Preá

REVISTA DE CULTURA ■ NATAL/RN ANO VI NÚMERO 19 ■ ABR/MAI 2008

## SOB A SOMBRA DO CABUGI

ENTREVISTA SÉRGIO MAMBERTI LITERATURA O MORRO CARECA  
FOTOGRAFIA A ILHA DE CUBA CINEMA MARIPOSA BLANCA ARTES CÊNICAS  
O TEATRO VAI AO POVO MÚSICA KHRYS TALINA VOZ QUE ME DOMINA



PROJETO  
seis e meia

# A CULTURA EM FORMA DE CANÇÕES

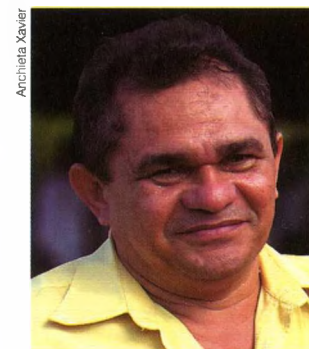


O Governo do Estado leva lazer e cultura ao povo potiguar, valorizando o talento dos artistas da terra.



FUNDAÇÃO  
JOSÉ AUGUSTO

www.projetoseisemeia.com.br



Archieta Xavier

## Preá sai da toca

No fojo da burocracia e do descuido, caiu a Preá há muitos meses. E ficou enganchada no balseiro da força do não fazer que impera no serviço público com a potência de um coice de mula. Uma licitação, forma correta e legal mas quase sempre complicada de se definir a contratação de compras e serviços, levou a que tivéssemos uma revista cujas folhas despregavam nas mãos dos leitores. Isso gerou uma série de dificuldades e tivemos que cancelar aquele contrato e recomeçar tudo com muito mais penar. É mais que sabido que se é difícil fazer as coisas começando do começo, mais difícil ainda é desamassar o que está troncho para fazê-lo apumado, escorreito. Limpo o meio de campo, tínhamos que retomar, mas não por cima de paus e pedras. Uma preá como a nossa, com

o conceito que granjeou, não pode ser pegada a dente de cachorro. Como se não bastassem os problemas burocráticos tivemos ainda o esfacelamento de equipe. Já tinha acontecido a saída de Gustavo Porpino, que passou num concurso da Embrapa, e por último, a saída do editor, Tácito Costa, que por força de outros compromissos se afastou da editoria. Foi mais uma mão-de-obra pesada. Depois de tudo chegamos a bom termo. Mary Land Brito vai segurar peteca, articulada com uma plêiade de bons colaboradores.

Finalmente estamos conseguindo chegar com a Preá nas suas mãos. Doravante esperamos poder dar-lhe regularidade. De início bimestral, o que já é um avanço, pois era trimestral. Em vez de quatro revistas por ano, teremos seis. Depois veremos a possibilidade amiudar o passo. Melhor no trote que no "chôto". Mas o sonho é o galope. Sonhamos também em aumentar a tiragem e chegar às escolas e até às bancas, sem prejudicar a distribuição gratuita que vinha sendo feita. Precisamos romper fronteiras não só através de cortesias, mas num esquema de distribuição mais profissional. A Preá nas suas mãos. Sabemos que é isso que lhe satisfaz. E você pode ter certeza que isso nos satisfaz profundamente.

Preá correndo, Circulador circulando em breve, Casas de Cultura casando cultura e cidadania, uma política de editais substituindo o balcão pela prateleira, desfulanizando o apoio ao empreendimento cultural, as diversas linguagens artísticas falando através das suas câmaras setoriais sobre a cultura que queremos, eventos ligados a programas mais permanentes de formação, produção e circulação, sem aquele caráter "eventualista" (o fim da política do "é vento..."). Lei Câmara Cascudo sendo reformada, Pontos de Cultura fazendo um Do-in antropológico nas artes potiguarinas nos meios mais populares. Estas são algumas atividades, entre tantas, para a retomada do ritmo da Fundação José Augusto e a consolidação de uma Política Cultural no Rio Grande do Norte. Estamos felizes por termos acreditado que era possível superar as barreiras iniciais. Tinha uma pedra no meio do caminho, usamo-la para edificar. Tinha um limão? Por que não fazer uma limonada?

**Crispiniano Neto**  
Diretor Geral

# Sumário.

## Capa. Angicos

Artistas anônimos perpetuam tradições artísticas e culturais da região.

### 36.



Viadimir Alexandre

Arquivo Frenze

# Preá 19.

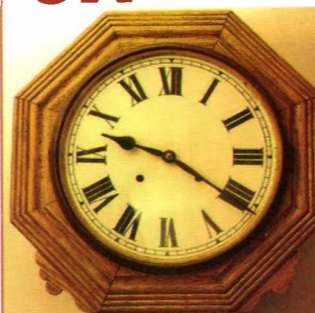
## Literatura.

### Poesia

#### Tempo.

Thiago Barbalho

### 07.



#### Imagens umbilicais.

Plínio Sanderson

08

### Conto

</br>.

Alex de Souza

10

#### O morro careca.

Carlos Fialho

12

### Crônica

#### Albertina.

Vicente Serejo

16

#### E o palhaço, o que é?

Rubens Lemos Filho

18

## Artigo

#### Ser potiguar.

Clauder Arcanjo

20

#### Poetas del mundo.

Deth Haak

22

#### Uma poetisa caraubense.

Anchieta Fernandes

26

#### Onde, o calor do abraço?

Rizolete Fernandes

28

## Artes Visuais.

### Fotografia

#### Cuba.

Andréa Gurgel

### 54.



Andréa Gurgel

## Galeria

#### Quadros em tinta óleo.

Franklin Serrão

60

## Audiovisual.

### Cinema

#### Mariposa Blanca.

Buca Dantas

### 62.



Julio Castro

### Curtas

Difundir a produção independente é condição para a criatividade e a diversidade cultural.

Josimey Costa da Silva

64

## Artes Cênicas.

### Teatro

O teatro vai ao povo.

Cefas Carvalho

### 68.



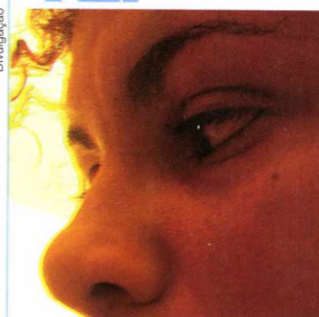
Arquivo Alegria Alegria

## Música.

Khrystalina voz que me domina.

Carlos Gurgel

### 72.



Divulgação

O caleidoscópio-Caetano e a diferença em suas canções.

João Batista de M. Neto

76

## Mais...

Fundação José Augusto, 45 anos.

Tarcisio Rosas

### 80.



Anchieta Xavier

Retratos de uma cidade através do cartão-postal.

José Correia Torres Neto

84

#### Quadrinhos.

Emanoel Amaral

90

## Seções

Crispiniano Neto. 03

Editorial. 06

Entrevista. 30



Sérgio Mamberti

*I've got butterflies in my stomach.* Peço licença a nossa língua portuguesa para iniciar esse texto com uma expressão em inglês, mas realmente ela é o que melhor descreve o que estou sentindo agora. Uma tradução da expressão *I've got butterflies in my stomach* seria algo como Estou com borboletas na barriga. É usada para expressar uma situação de ansiedade, nervosismo. É algo muito além do nosso famoso frio na barriga. Dá pra imaginar borboletas, dezenas delas, voando e batendo suas asas na parede do seu estômago? Que nervoso isso daria? Pois é... A razão de me sentir assim está em suas mãos.

**Ela enfim, voltou. A tão desejada Revista Preá novamente circula pelas rodas de cultura da cidade, do Estado, do Brasil. A expectativa de sua volta era grande. Meimundo de gente perguntava quando a Preá ia ficar pronta. Como a nova editora da Revista, sei da responsabilidade que me foi confiada. E agradeço a uma reca de gente.**

A Crispiniano Neto e Fábio Lima, obrigada de coração pela confiança; a Tácito Costa, que foi se dedicar a outros projetos, agradeço o carinho e a atenção; aos amigos e colegas que atenderam meus pedidos de contribuição de textos e imagens, meu muito obrigada e um complemento: - Num disse que ela saía? Ainda tem mais gente pra agradecer: Gilson Matias, Donizete Lima, Anchieta Xavier, Rosa Moura, Wecsley Cunha, Venâncio Pinheiro, Zaíra Botelho, Fátima Carreras, Socorro Soares, Lula (Aluizio Lucas), Raimundo Vitorino e Vaníria Dantas. E como sempre acontece quando temos a ousadia de citar nomes, posso ter esquecido alguém, então além de obrigada, perdão.

Sua nova Preá, também vem com um novo projeto gráfico. Queríamos algo mais moderno, mais limpo, com cores mais fortes, mais alegres. E acho que conseguimos.

Sem mais delongas.... Boa leitura. E como autêntica nordestina que sou, grito de felicidade:

**Repare só! A Preá taqui!**

**Mary Land Brito**

PS: E só mais uma confissão... Se você estava ansioso pra ver a PREÁ novamente, imagine a gente da FJA? É com muito orgulho e alegria que entregamos esta Revista pra você.



Anchieta Xavier

## Preá

REVISTA DE CULTURA DO RIO GRANDE DO NORTE | ANO 06 - N 19

**Governadora**

Wilma de Faria

**Diretor Geral**

Crispiniano Neto  
fjagabinete@rn.gov.br

**Diretor Adjunto**

Fábio H. Lima de Almeida  
fabiolima@rn.gov.br

**Editora** Mary Land Brito marybrito@rn.gov.br **Revisores** José Albano da Silveira, Francisco Alves C. Sobrinho e Nelson Patriota **Foto Capa** Vlademir Alexandre **Projeto Gráfico e Design** Firenzze Design & Comunicação **Direção de Arte** Paulo Moreira **Assistência de arte** Roberto Luiz e Victor Olavo

**Fundação José Augusto.** Rua Jundiáí, 641 – Tirol  
CEP 59020 120 - (84) 3232 5304 - www.fja.rn.gov.br



# Tarde

Por  
**Thiago Barbalho**

Meu gatilho não diz nem dispara pára e se depara com o agora (e sempre) protesta sobre o tempo ou qualquer objeto fácil. um picolé derrete menos seu palito. Outra revolução. A gota que disfarça a queda as coisas não diferem umas delas mesmas e as demais moscas, no pesar pesado árduo do gelo, dissecam o cadáver desprezo. Há uma grande calúnia nos dias se consumindo todos os dias. ■



Por  
Plínio Sanderson

# IMAR- IGENSILL- GUMBIL- CAIS

à praia de santa rita dos bebeus

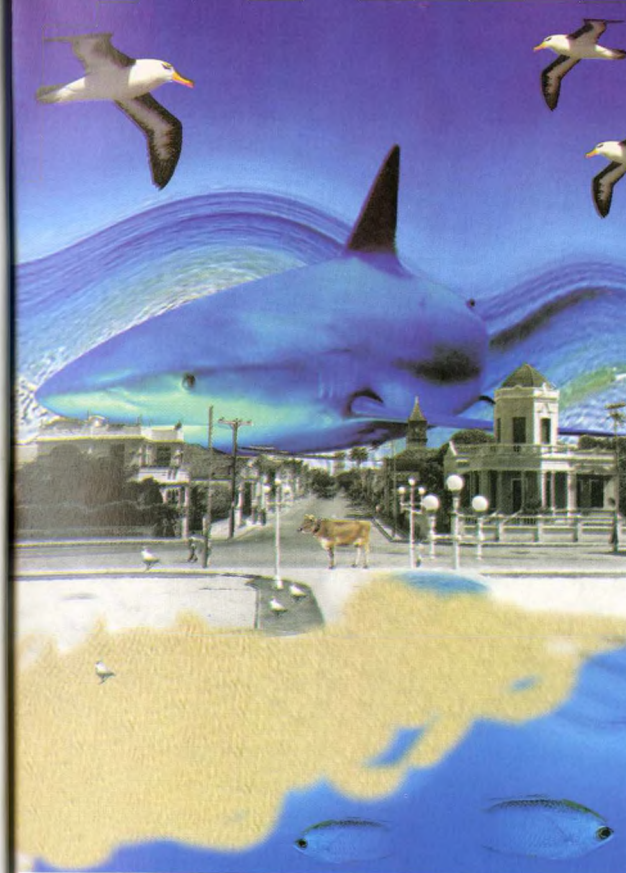
Trono atlântico no anteparo do continente  
pasárgada à deriva no umbigo do uni-verso  
pontamargiz delinea o tom de matizes imbricadas  
"tem tanto azul no verde do mar".

a bombordo  
farol de mãe luiza  
cin(co)tila fagulhas de lux e um breu azimuthal.  
cinzasombras concretas da urbe  
escondem a cada tijolo um drama particular.  
de testa o forte estrela dos magos reis  
visão reinventada em suas histórias & lendas:  
"natal, já hoje é antiga e será eterna como o mundo  
porque nasceu envolta na lenda".

a cidade espraia-se fluvialmente  
espremida entre a cervical de clorofila  
do parque das dunas  
e aluvião do potengy rio arrimo  
afogando sóis e luas, incessantemente...  
em solstícios e equinócios fugidios.

e segue, tortuosamente no feito geo-lógico  
boca da bicuda  
aresta dos grandes lábios da estrela.  
transamazônia  
das venéreas aventuras adolescentes.  
praia do ipsilon  
aquartelada & proibida como hímen ribeirinho.  
rampa da limpa  
pipeline of oil, cine drive-in-boate do farol.  
canto do mangue  
fétido e espumante na cerveja do pernambuco.  
cais portuário  
bandeiras tremulando pegadas de fariseus.  
cais tavares de lyra  
esquecido nas remotas travessias de botes.  
pedra do rosário  
raia de regatas veladas no suor e na fé.  
maria boa  
de todos os santíssimos pecados.  
refoles  
esconderijo das recônditas piratarías.  
ponte  
inscrição metálica incrustada  
nas entranhas salobras do grande rio.  
espicha e esvai-se nas marés rumo ao jundiá  
encontro de benditas águas estuárias.  
guarapes  
entrepasto propulsor da economia in província.  
em macaíba  
adjacências do ferreiro torto  
ouvir no "horto" os lampejos tímidos da  
"cotovia mística das rimas".

a estibordo  
igapó velhaldeia  
proto-berço de zorobabé, acauã,  
paraupaba, clara e poti redimidos  
vae victis...  
contorno de mangues na tessitura dos caranguejos  
da gamboa jaguaribe ao cemitério dos ingleses  
almas (de)penadas na memória  
fantasmas do populus.



Infogravura  
Venâncio Pinheiro

circunvizinhando-se, redinha arredia  
tresmalhada em algazaras de veraneios  
outrora, pic-nics, serestas ao labor dos alísios  
mercado, meiota, ginga com tapioca  
pé-do-gavião, toca do rei  
o arame farpado do "clube de pedra" a ser burlado.

seguindo aleatório  
a incongruente linha das barcanas & parabólicas  
formula teoremas nas paragens  
do sambaqui "fim do mundo"  
vestígio do elo perdido num retalho de conchas  
descortina reminiscências glaciais  
"moitas das dunas de sutil fragrância"  
vagas ondulações sinuosas  
afloradas sob plataformas de abrasões  
nas alvuras, veredas de cristais  
rastros afogados pelo vento  
(onde ele começa a fazer a curva?)  
muralhas de areia, barlaventos  
paredões friáveis, sotaventos  
eterna construção e destruição da paisagem  
capricho do acaso, prima matéria de quartzo  
preenche vazios do ócio e devaneios.

na popa  
limite cartográfico front  
corcova dorsal de genipabu  
joga merda na geni  
agonizante vitimada pelo apartrade turístico.  
oásis das fozes: potengy (putigi),  
doce, ceará-mirim (baquipe)  
guajiru  
pasto de rebanho vacum  
suporte alimentar de batavos  
usufruto da ocupação holandesa  
sustentáculo das vizinhas filipéia e olinda  
territórios de nassau providos por nova amsterdã.

na proa  
negra ponta ferruginosa  
ícone elementar ao sul maravalha  
a quimera do morro do careca  
supõe ostracismo da laia  
sob a égide do progresso atroz  
chão de gringos ninguéns  
invasão predatória travestida de modernidade.  
teus rebentos renegados, reféns relegados  
nos espaços imagéticos do prazer  
desumana vastidão globalbarbarizada.

dadivosamente defronte  
oceano amálgama da vida  
após calmarias cabralinas, nereidas, marolas  
espumas flutuantes levitam em terrais  
sugadas pelo ciclo hidrológico  
clímax de adentrar como eu-partícula suspensa  
na profusão cromática do arco-íris.

santa rita  
na pena do pretexto da existência  
"praieira... encanto do meu olhar" ■

Por  
Alex de Souza

A espuma do champanhe molhava seu bigode. Era doce, mas só levemente, e recendia um discreto odor de uvas. Aquela safra fora excepcional. No salão, os lustres derramavam uma claridade amarelada que combinava com o vestido branco de Luana. Estava lotado. Enquanto atravessava a pista de dança para encontrá-la, sentia os diferentes tecidos que vestiam os convidados roçarem sua pele, seu smoking. Seda, algodão, cetim. Uma loira, que dançava animada com seu par, encostou no braço dele. A pele parecia veludo. Teve um breve calafrio. Parou em frente a Luana. Encostou a mão na nuca dela, esfregou os dedos na delicada penugem. O hálito esquentou-lhe o rosto e um calor percorreu todo seu corpo, numa onda, até alojar-se em suas calças. Trouxe o corpo dela para junto do seu. Sorriu ao escutá-la suspirando. Ela gostava de estar em seus braços.

</br>

A lancha cruzava a baía em alta velocidade. O vento trazia o acre dos sargaços e o sol era quente. Sentia a pele grudenta pelo sal e a blusa, com os botões entreabertos, pinicava seu torso musculoso e bronzeado. Luana abraçou-o por trás e passou as mãos pelo ventre delineado. Tinha as mãos frias e ele ficou arrepiado. Sentaram-se. Ele pediu ao piloto que desligasse os motores. Abriu a caixa térmica, cheia de gelo. Comeram ostras, com sabor salgado de luxúria. Sentia que, cedo ou tarde, ela haveria de ceder. Não tardaria o momento em que a possuiria. Mas não naquele dia, nem naquele lugar. Levantou-se e, num sobressalto, pulou da lancha, mergulhando na água fria, que refrescou todo seu corpo. Os olhos ardiam quando retornou a bordo.

</br>

A lareira espalhava um gostoso bafejo morno na cabana. Lá fora, a neve se acumulava lentamente, em breve alcançaria a janela. Mas, não havia motivos para preocupação. Abraçados, próximo às chamas, trocavam também calor. Ela sussurrou uma brincadeira fútil ao seu ouvido e lhe ofereceu uma gole de chocolate quente. Era cremoso, mas muito doce. Ela lambeu um excesso que se alojou em seus lábios, próximo à bochecha. Sentiu cócegas. Ela continuou, lambendo seu queixo e descendo pelo seu pescoço, enquanto desabotoava-lhe a camisa. Sorveu profundamente o perfume do seu cangote, soltando pelas narinas um ar quente, agradável. Passeou com a ponta da língua pelos seus mamilos e, parando, fitou-o nos olhos. Duas poças verdes. Ele segurou-a firme,

Artista Franklin Serrão



pelos ombros e a recostou na poltrona. Começou a despi-la, devagar, apreciando cada pequeno fragmento da paisagem em mármore que era o corpo dela. Os seios ainda em botão. Os pequenos pêlos que nasciam logo abaixo do umbigo e corriam em direção ao sexo dela, como se escapassem a um refúgio. Ela tremia a cada toque de sua mão. Não existia mais frio. Deitou-se sobre ela. Havia chegado o momento que aguardara tão ansiosamente. Antes de penetrá-la, beijou-a com ternura e perguntou: "Você me ama?". "Sim", ela respondeu. E seu hálito cheirava a urina.

</br>

Urina?

</br>

Engasgou-se com a sonda e golfou uma baba espessa, amarga e biliosa. O líquido subiu pela garganta, queimando tudo em seu caminho e saiu num longo jato, pela boca e pelo nariz. O tubo de látex caiu no chão e logo um outro desceu pelo terminal. Os neuroeletrodos parietais se desgrudaram de sua testa, como que por vontade própria, e se recolheram de volta à parede. Uma voz feminina e fria pedia que jogasse o material descartável na próxima lixeira. Caiu na calçada, sobre as calças úmidas e mal-cheirosas, enquanto um outro transeunte evitava encostar-se ou mesmo pisoteá-lo. Deve ser por isso que instalaram os terminais públicos, pensou, enquanto um esgar se infiltrava em sua face. Levantou-se, com as pernas trêmulas e bateu nos bolsos. Sempre andava com um creiom. Procurou, num beco próximo, um pedaço de papelão e, nele, desenhou a mensagem, em letras garrafais. Cofiou a barba suja e puxou um piolho. Foi até a rua e postou-se, com o papelão na mão, numa esquina: TRABALHO POR CRÉDITOS. "Hoje ela será minha", pensou.

</end> ■

"Dr. Ivinson, dermatologista. Especialista em combater os efeitos da calvície". Era o que dizia o cartão. Sempre que via um homem com entradas um pouco mais salientes que o habitual, ia falar com ele. Apresentava-se cordialmente e dava um de seus cartões de visita. Conhecia todos os métodos modernos e tradicionais para repovoar de pelos os recônditos mais calvos. Diz para os quatro cantos de Natal que é o melhor do Brasil em sua especialidade e jura que faz crescer cabelo em qualquer lugar do corpo. Aparece nas colunas sociais como mago da dermatologia, prodígio da medicina, sempre acompanhado de sua bela esposa, um vistoso topete e o sorriso inconfundível dos vencedores.

# Morro Careca

Por  
Carlos Fialho  
Arte sobre foto de  
Anchieta Xavier



Dr. Ivinson está por trás de todas as celebridades e personalidades que chamem a atenção pelos... er... pêlos. O topete do Itamar? Foi ele que fez. O implante do Abílio Diniz? Obra dele. A franja do Ronaldinho na Copa de 2002? Recomendação do doutor. O visual da Cláudia Horrana e da Vera Fischer? Ele nega, mas muita gente desconfia que teve dedo dele ali.

Chegou a andar com um enorme adesivo em seu carro: "Quer ter cabelo? Pergunte-me como!" Mas com o tempo e a ótima reputação conquistada à custa de muito suor, trabalho duro e fertilidade capilar, não precisava mais procurar clientes. Eram eles que o procuravam. Passou a ser conhecido como o Pitanguy do couro cabeludo e carecas ilustres e anônimos de todo o país, e até do exterior, vinham em busca de seus tratamentos milagrosos e eficientes.

Uma de suas histórias preferidas, e talvez o seu grande caso de sucesso, foi a de um jovem ator em início de carreira, chamado de Tônico, que tinha sérios problemas de calvície. Ele chegou para o Dr. Ivinson e

disse: "Faça o máximo que puder por mim, Doutor!" E o Dr. Ivinson fez o máximo por ele e assim nasceu para a televisão brasileira o grande galã Tony Ramos! O tratamento não só acabou com o problema do ator como também fez crescerem pêlos nas mais diversas partes de seu corpo. Quem duvidar, pode perguntar ao próprio entre uma novela e outra que ele pode confirmar o fato pra você. A única frustração do Dr. Ivinson até agora foi não ter convencido o Esperidião Amin a ter uma consulta. O médico tem certeza de que uma bela e vasta cabeleira poderia impulsionar de vez a carreira do ex-governador e torná-lo um dos políticos mais influentes do país.

No entanto, esse nem é o mais ambicioso projeto do maior caçador de carecas do Brasil. Dia desses, ele passou a liderar um movimento revolucionário. Foi no fim do ano, quando um grupo de natalenses resolveu agir para preservar um dos cartões postais da cidade. A mobilização em torno da preservação do Morro do Careca envolveu toda a cidade e escolheram até um dia para abraçar simbolicamente a ilustre duna. O Dr. Ivinson participou do gesto simbólico como bom natalense que é, mas não se conteve e a sua vocação de especialista em calvície falou mais alto. Ele resolveu que iria sim salvar o Morro do Careca, mas a seu modo, fazendo com que o morro deixe de ser careca!





Começou assim a campanha de reflorestamento do Morro do Careca encabeçada pelo Dr. Ivinson. O projeto pretendia plantar em todo o morro, mudas de espécies nativas da zona da mata até que ele fosse todo recoberto por uma imponente cabeleira vegetal. Seria um grande passo para a auto-estima da cidade que deixaria de ter um cartão postal calvo e passaria a ter o Morro Cabeludo. A idéia era que gradualmente as mudas de vegetação nativa fossem crescendo e ocupando os espaços "carecas", ou seja, os espaços de areia do morro.

A proposta do Dr. Ivinson gerou polêmica. Qual o real impacto que o reflorestamento do Morro do Careca causaria para a cidade? Logo, a população se dividiu. Muitos eram a favor e achavam que seria um incentivo para povoar a cidade inteira com novas árvores. Os que eram contra, diziam que o turismo sofreria graves conseqüências, caso o poder público permitisse tamanha irresponsabilidade. Afinal, é do Careca que os turistas gostam mais.

Só se falava do assunto na cidade. o reflorestamento do morro virou tema obrigatório em todas as mesas de bares e até audiências públicas foram marcadas na Câmara dos Vereadores. Os políticos favoráveis ao projeto louvavam "a fertilidade de boas idéias e ideais de tão louvável personalidade conterrânea". Os contrários execravam a campanha, questionando com ira: "O que virá depois?! As dunas de Genipabu?!"

E o visual do "Morro Cabeludo"? Como seria? Será que ele adotaria um estilo channel, ou quem sabe um black-power? Teria franja? Faria tranças? Esse era outro mistério que alimentava a polêmica.

Depois de muita controvérsia, uma ONG criada, uma enorme mobilização, conseguiu-se a verba necessária para reflorestar o morro. A população tinha pressa e ficou acordado que a estratégia utilizada não seria a de plantio puro e simples de espécies nativas, pois demoraria muito até que se alcançasse o resultado almejado e o Morro do Careca merecia uma volumosa cobertura imediatamente. O plano traçado transportaria de Pirangi o maior cajueiro do mundo e o implantaria no local. Dessa maneira, a calvície seria resolvida definitivamente e em pouquíssimo tempo. A população ficou impressionada com a genialidade da solução proposta pelo Dr. Ivinson e até seus mais ferrenhos críticos se calaram diante de tamanha ousadia e empenho na solução do problema.

Quatro enormes helicópteros já se encontravam a postos equipados com guindastes especiais de remoção florestal para empreender a retirada do cajueiro gigante sem prejuízos para a árvore e transportá-la com segurança até o local do implante. Antes das máquinas levantarem voo, uma disputada entrevista coletiva seria concedida no centro de convenções de um hotel de Ponta Negra. No centro da mesa, com uma enorme logomarca do movimento "Morro

Cabeludo" criado pelo publicitário Gabriel Novaes às suas costas, Dr. Ivinson explicaria todos os detalhes da operação que se iniciaria em pouco tempo. Veículos de comunicação de todo o mundo estavam lá para cobrir o evento e divulgar esse que seria um dos mais incríveis casos de implante vegetal que já se teve notícia. Autoridades de toda a região estavam lá. O prefeito, a governadora, políticos dos mais variados escalões (o presidente não veio, mas mandou representante) e celebridades locais que buscavam holofotes.

O Dr. Ivinson começou a falar sobre todo o processo de transplante, das conseqüências positivas para a paisagem da cidade, do impacto que causaria na auto-estima dos cidadãos e diversos outros aspectos a respeito da operação vindoura. Foi quando um fato estarrecedor ocorreu. Uma das portas do centro de convenções foi aberta repentinamente, uma corrente de ar invadiu o ambiente com força, fez voarem papéis, saias, pequenos objetos e... uma peruca! A porta foi fechada, o Dr. Ivinson continuou seu pronunciamento cheio de autoelogios e de fanfarrice quanto às inigualáveis vantagens de sua empreitada, mas ninguém mais prestava atenção no que dizia o especialista.

O que se via na sala era perturbação e palidez nos numerosos semblantes. Repórteres suecos boquiabertos, deputados impressionados, curiosos atingidos em cheio pelo choque do momento. Logo, o susto deu lugar a uma gargalhada generalizada e a um crescente burburinho. Dr. Ivinson pediu ordem, clamou por silêncio, mas não conseguiu conter o rubor quando um dos presentes lhe trouxe sua peruca. Só então, percebeu que o seu mais valioso segredo fora revelado em rede nacional.

"O rei está nu!", gritou alguém da platéia, de onde os flashes das máquinas dos repórteres registravam a queda do Pitanguy capilar. "Nu, eu não sei. Mas careca, ele está!", respondeu outro ainda mais engraçadinho. Dr. Ivinson era careca, completamente. E o brilho de sua calvície foi conferido pela TV e pelos jornais dos quatro cantos do mundo. Foi o fim de uma promissora carreira. O projeto de reflorestamento do morro também foi cancelado. Ele se justificou dizendo que não tinha coragem de submeter-se a seus ousados tratamentos dermatológicos e preferia permanecer careca mesmo. Um jornal de Natal deu a tônica do caso em sua manchete do dia seguinte com letras garrafaís: "CASA DE FERREIRO, CARA DE PAU!"

E foi assim que o Morro do Careca permaneceu careca e os vendedores de cartões postais evitaram um enorme prejuízo em suas vendas. Quando vier conhecer Natal, evite falar em reflorestamento do morro ao passear por Ponta Negra. ■

**ELE SE JUSTIFICOU DIZENDO QUE NÃO TINHA CORAGEM DE SUBMETER-SE A SEUS OUSADOS TRATAMENTOS DERMATOLÓGICOS E PREFERIA PERMANECER CARECA MESMO. UM JORNAL DE NATAL DEU A TÔNICA DO CASO EM SUA MANCHETE DO DIA SEGUINTE COM LETRAS GARRAFAIS: "CASA DE FERREIRO, CARA DE PAU!"**



# Albertina

Por  
Vicente Serejo

Descobri, numa tarde dessas, que quase nada ficou nas minhas retinas do rosto alvo e dos olhos claros da minha tia Albertina. Tia-avó, irmã da minha avó Amália, filha do meu bisavô Francesco Rodine, o velho italiano que minha mãe ainda viu de chambre, e que um dia foi parar em Macau depois de fugir da pobreza no porão de um cargueiro. Partiu do porto antigo de Gênova, desembarcando no Ceará, para nunca mais voltar. Trabalhou, casou, teve filhos, e morreu na terra que escolheu para viver.

Onde anda Albertina, a minha personagem proustiana que me embalava nos braços, cuidava da minha roupa por não confiar a ninguém sua alvura fervida em anil? E os seus beijos na minha cabeça, suas mãos grossas e cheias de carinho, alisando meus cabelos? Em vão procuro nas gavetas da alma onde guar-do minhas lembranças. **Restam, embaçados pelo tempo, como se vistos por trás de uma vidraça antiga e empoeirada, apenas uns leves traços do seu rosto, daquela que tanto me queria bem.**

Morava com meus avós paternos. Vicente e Amália, no casarão de duas águas, última morada da Rua São José, de fundos para o rio. Na sala, as cadeiras de palhinha austríaca, e um coração de Jesus que sangra até hoje, entre espinhos terríveis, na casa da minha mãe. Na parede do lado, se a memória não falha, um São Jorge que enfrentava um dragão todos os dias. Na segunda sala, um armário alto com um aparelho de porcelana que de tão alva e de tão fina o tempo engoliu sem nunca ter sido usada.

Tinha um quintal, um cachorro que vivia nele, à sombra de uma árvore – talvez uma velha tamarineira – e só. Da padaria, de frente pro mercado, restou a minha herança: o pêndulo do relógio oito que até hoje bate as horas surdas da minha infância; e a mesa do meu avô, em longas tábuas de cumaru e pés torneados em miolo de Peroba do Campo. E que salvei, anos depois, na carroceria do caminhão do meu tio Newton Serejo. O casarão já abandonado, vivendo a lenta agonia de um tempo imenso de vida.

Para herdar esse passado de um bisavô pobre e sem nome, fiz de tudo. Um dia fui bater no porto velho de Gênova, na Itália, hoje um espaço cultural com uma



marina moderna. Mais de um século me separava de sua presença ali. Nada tinha a perguntar. Nem a ninguém. Mas demorei, cismarento, por algum tempo. E posto que nada era meu, nem a lembrança, porque nem sua fotografia deixou no álbum de família, ficou acertado comigo mesmo, numa tristeza sem mágoa: faz de conta que é lenda de família.

Mas Albertina, minha tia-avó, a de cabelos longos e cinzentos, com seu olhar quase azul, de rosto alvo e mãos cheias de ternura, essa eu conheci. Por isso anda por aqui algumas noites. Flutuando no grande mar da alma que nas noites de lua cheia e maré preamar vai espriando suas águas e a renda branca de suas espumas em suaves movimentos de saudade. Minha tia Albertina, personagem do meu pobre paraíso perdido... já não consigo vê-la na janela daquela casa, naquela rua distante de um tempo que não volta mais. Como dói... ■

Por  
Rubens Lemos Filho

Jornalista

Isaltino vinha de Picos, no Piauí. E como era feio o Isaltino, Compadecida me perdoe. O nariz, pontiagudo como uma faca dentada, o faria ganhar qualquer prova de 100 metros raros sem sair do lugar. O queixo, riscado à perfeição, colava com a ponta do nariz, o que o tornava um sócio de Russo, contra-regra da Buzina do Chacrinha. Feio, o Isaltino. E ainda por cima, chato. Falava com aquele sotaque meio indígena, tchudo bem, tsei não.

O manual da molecagem ensina que quando se chega a uma rua ou numa turma nova, deve-se respeito. E Isaltino chegou botando banca. Ele, que morava com seu Isauro, o pai caminhoreiro, a mãe, não lembro como se chamava, Isaurina e Isaldina, duas irmãs que não ficavam muito atrás no quesito harmonia facial. Uma das minhas curiosidades sempre foi saber quem escolheu o nome deles.

# E o palhaço, o que é?

Isaltino, menos magro do que eu, quis entrar numa pelada à força com a turma que morava no pé do morro, na rua onde até hoje vive a minha mãe. Levou uma surra que o prostrou por dias. Ladrão de oxigênio, foi o seu apelido. Quando aparecia, a corja fingia morrer de falta de ar. E ele espumava de cólera.

Isaltino então achou que era preciso se vingar do mais fraquinho, do mais "pouquinho" como dizem os nordestinos a respeito dos franzinos. E eu, lógico, fui o escolhido. Começou num jogo de futebol de botão. Era Flamengo, o Isaltino, pra completar. "Gico (Zico) é foda!" E jogou contra o meu Vasco. Só de escárnio, quebrou o meu meio-campista predileto, Zanata, feito sob encomenda, todo de acrílico.

Parênteses: O meu pai, quando eu passei a freqüentar a rua, me deu uma liçãozinha básica: "Apanhou na rua, leva mais duas surras em casa!" E a frase nunca deixou de ecoar quando a cuíca roncava nos pegadas contra a rua, colégio versus colégio, turma contra turma. Ainda ouço a voz do velho Rubens Lemos, rouca, vento a levá-la com saudade.

Isaltino esperava, por certo, que eu fosse ciscar para que ele me batesse. Recolhi meus botões, puto por dentro, mas já armando minha vinditta. "Palhaço, palhaço, palhaço!", berrava Isaltino, com o seu nariz de Sabugosa.



Ele não podia me encontrar que soltava uma piada, pegava minha sandália, arremessava longe, jogava contra mim para dar pancada em minha canela, ossada contra ossada. Resolvi mostrar quem era o palhaço de verdade. Escolhíamos os times para um clássico de sábado, no calçamento duro, uma e meia, duas da tarde, arroz com feijão do almoço ainda se debatendo.

Lá vem o meu algoz, carregando na mão esquerda um par de tênis Kichute, que o pai acabara de entregar-lhe ao chegar da Feira do Alecrim, a maior de Natal. Foi exibindo o presente que jamais o faria deixar de ser um perna-de-pau. Colocou um tênis ao lado do outro, ansioso por estrear o mimo.

Nem prestou atenção quando eu passei o pé esquerdo para o lugar do direito e o direito para o lugar do esquerdo. "Porra Isaltino, vem pra gente começar essa merda", berrava Tuca, uma espécie de xerife da rua. Isaltino foi no automático. Calçou o pé canhoto no direito e o destro no esquerdo. E eu lá, esperando a minha vez, caladinho. "Toca em mim, toca em mim", pediu Isaltino. Foi prontamente atendido.

Dominou com o jeito tosco dos cabeças-de-bagre e correu. Sem o menor controle do leme. Caiu de joelhos e derrapou. O chão duro rasgava-lhe a pele. Sangue e um grito que ecoou sobre os montes que cercam o bairro do Tírol. Ninguém acudiu. Só eu. Que trouxe de casa uma pequena garrafa de água oxigenada e prontamente espalhei nos ferimentos. O berro transformou-se num uivo de dor e revolta. Isaltino ainda espalmou a mão para me dar um tapa. Não viu que na outra eu trazia uma pedra com a qual abri-lhe a testa completando a emboscada.

Saudades de Isaltino. ■

# Ser potiguar

Por  
**Clauder Arcanjo**

Professor

Ser potiguar é nunca propagar que é melhor do que o paulista, do que o carioca, do que o cearense, do que o gaúcho, do que ninguém. Porque ser potiguar basta por si só, não admite (nem cabe) comparação. Pois sê-lo é muito mais um estado de espírito do que um orgulho tolo, do que um excludente preconceito.

Quando chegam novos habitantes em sua terra, o potiguar abre o coração majestoso, coloca todos para dentro – feito uma mãe gentil. Saúda-os, aquieta-os, faz com que todos participem do banquete no alpen-dre da casa-grande (sem senzala), regado a carne-de-sol e macaxeira. Depois, oferta a todos a bênção de uma boa água de coco, servida em uma rede branca e acolhedora, onde se espanta o calor dos corpos cansados com uma brisa, que parece vir lá do fundo dos corações potiguares.

Ser potiguar é ter o coração de um índio – Felipe Camarão – que já não existe mais em estado puro, mas que habita, miscigenado com todas as raças, em todo este torrão. Torrão que tem um jeito manso e bom. Acho que devido a isto, nosso Estado não poderia ter outra forma – um elefante. Nosso mapa interior sempre teve a benfazeja mansidão, a serena paz de um bom elefante.

Quando se é potiguar, tem-se o norte voltado para as brisas do Atlântico, ventos que nos trazem o verde azulado de nossos sonhos. Já ao sul de nossas vidas, temos um quê de cabra paraibano que nos acompa-nha em todas as lutas. A oeste do Éden, a cara de nosso elefante é

dirigida para o interior deste grande Brasil, mostrando o quanto temos os olhos voltados para nossa terra, a demonstrar que nossa bússola nunca nos levará para longe daqui.

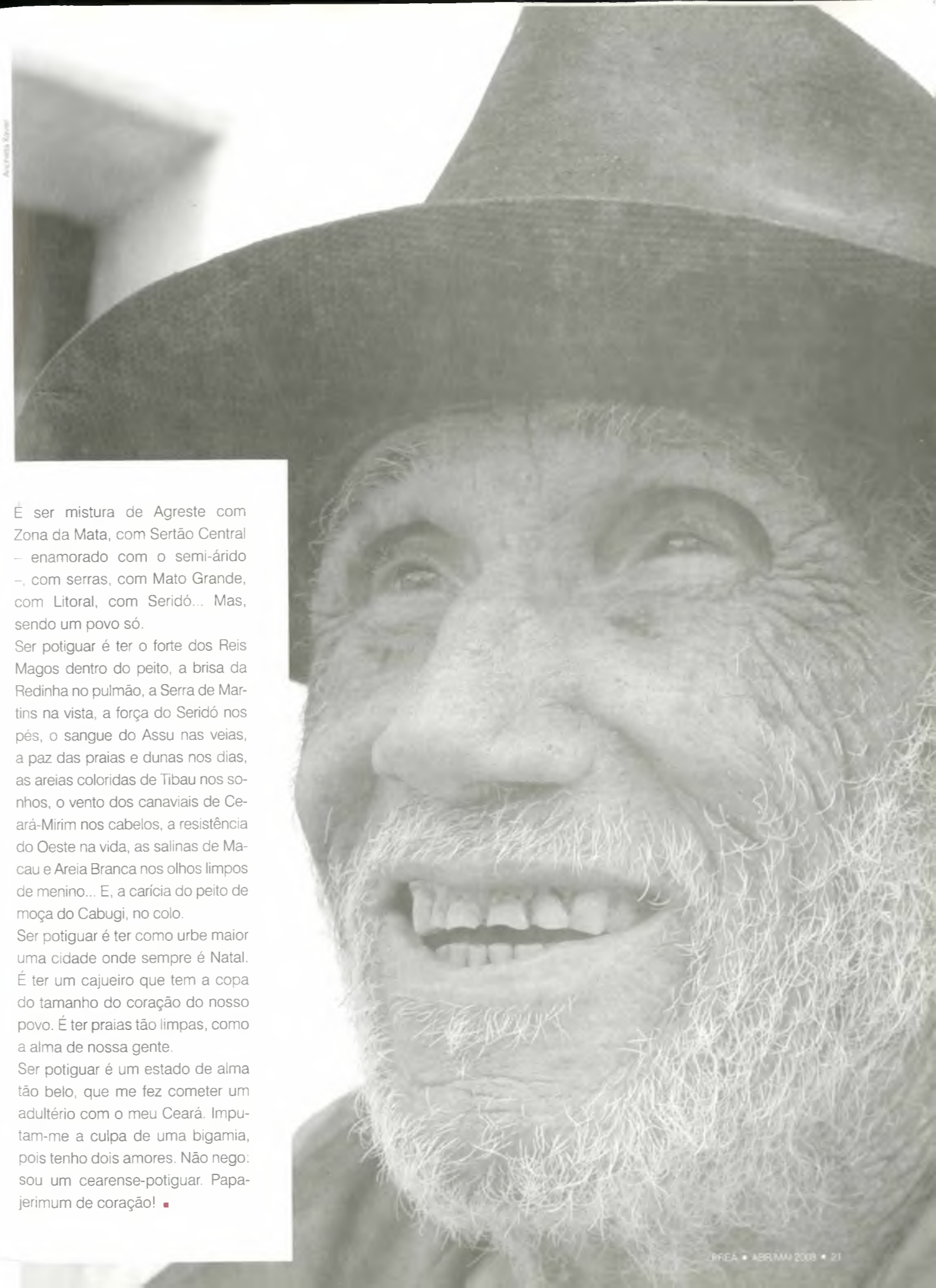
Percebe-se nesse olhar ocidental uma carícia com as terras alencarinhas, com o mapa cearense – rosto de mulher amiga. Dá-se um amálgama tão forte, que nossas fronteiras, até hoje, ainda estão indefinidas. Os limites são coisas dos geógrafos e não de povos irmãos.

O leste de nossa província está reservado para a mansidão do oceano, que nos afaga com uma brisa que gera um cinturão de terras prenhes de vida, enamoradas com os canaviais.

Ser potiguar é falar pouco, e agir sempre quando for preciso. É ser um povo que banuiu mais cedo a escra-vatura, e deu um cascudo em Lampião, pelo lado das terras de Mossoró. E, depois, salvou o folclore, ofertando um Cascudo ao Brasil.

É ser força feminina com o primeiro voto de nossas mulheres – Celina –, sem perder a ternura jamais. É ter um pouco de Palmira Wanderley, de Nísia Floresta, de Auta de Sousa, de Myriam Coeli, de Zila Ma-mede, e de tantas outras guerreiras.

É pisar no solo de Newton Navarro, Raimundo Soares de Brito, Padre Miguelinho, Dorian Jorge Freire, Alberto Maranhão, Dorian Gray Caldas, Henrique Castriciano, Vingt-un, Djalma Maranhão... Mas, principalmente, é pôr os pés na terra dos famosos anônimos que se orgulham em ter, tão-somente, o galardão de papa-jerimum.



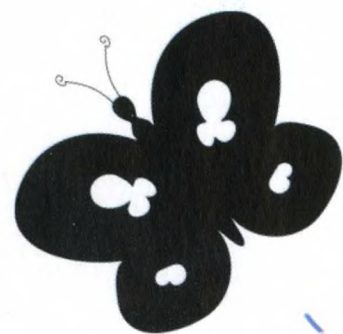
É ser mistura de Agreste com Zona da Mata, com Sertão Central – enamorado com o semi-árido –, com serras, com Mato Grande, com Litoral, com Seridó... Mas, sendo um povo só.

Ser potiguar é ter o forte dos Reis Magos dentro do peito, a brisa da Redinha no pulmão, a Serra de Martins na vista, a força do Seridó nos pés, o sangue do Assu nas veias, a paz das praias e dunas nos dias, as areias coloridas de Tibau nos sonhos, o vento dos canaviais de Ceará-Mirim nos cabelos, a resistência do Oeste na vida, as salinas de Macau e Areia Branca nos olhos limpos de menino... E, a carícia do peito de moça do Cabugi, no colo.

Ser potiguar é ter como urbe maior uma cidade onde sempre é Natal. É ter um cajueiro que tem a copa do tamanho do coração do nosso povo. É ter praias tão limpas, como a alma de nossa gente.

Ser potiguar é um estado de alma tão belo, que me fez cometer um adultério com o meu Ceará. Imputam-me a culpa de uma bigamia, pois tenho dois amores. Não nego: sou um cearense-potiguar. Papa-jerimum de coração! ■

# Poetas del mundo



Por  
**Deth Haak**  
"A Poetisa dos Ventos"

SPVA/RN

Cônsul Poeta Del Mundo - RN

UNEGRO

Embaixadora Universal da Paz

*Poetas Del Mundo*, é um movimento de escultores da palavra, ora escrita na imagética de cada um. Tem a aparência de algo unindo elos em corrente. Sempre circulando num contínuo movimento. De braços dados estamos lutando - com e pela palavra - pela sustentabilidade do Planeta. Do ar sem poluição, da água límpida. Da manutenção das matas. Do direito das minorias, aviltadas. Pela voz de todos os povos - oprimidos ou não. Não há que se falar em norte único do movimento. Para se fazer ouvir, poeta e poesia chegam com a palavra efetiva, de composições, mitos, espécies, formas, metrificadas ou não. **A poesia é a dialética da vida. Exprime-se em cores ou figuras. Imita a vida com o som, com o ritmo, com a harmonia. É tragédia ou comédia. Um canto elevado a ritmar a epopéia, versos soltos, poemas livres...**

**Flana o verso Pazeando  
No solo da humanidade  
Vão rimas conclamando  
Semear a Igualdade...**

Este escrito no Manifesto faz parte, é muito mais do que isso! A busca incessante de cada um dentro de si, sem esperar que lhes diga o que podem ou deve fazer. Nós os Poetas Del Mundo do Mundo todo, esperamos do I Congresso Mundial "Natal Um Mar de Poesia e Paz" um encontro de amigos virtuais na magia do real... A união dos seres na diversidade cultural chegará a Nata! Poetas escritores de todos os quadrantes virão ao Brasil discutir a necessidade da união fraterna, As artes em poesia, em suas nuances, em todos os idiomas, em todas as raças, credos e cores, formando o grande elo - universal - da poesia bem-dita. **O CONGRAÇAR DOS POVOS PELA PALAVRA E COM A PALAVRA EM BUSCA DA PAZ E DA HARMONIA NO PLANETA, SE FAZ NECESSÁRIO DAR UM BASTA À DEGRADAÇÃO! BASTA QUE CHEGUE NO VOZEAR PLENO DE ENCANTO, PELA DANÇA MANIFESTADA PELO**

**ABRAÇO UNO, INDIVISÍVEL DE POETAS DEL MUNDO!** Na globalização existente é difícil um líder, um guru... Somos uma comunidade de artistas afins onde se discute a literatura. Na Poética do cotidiano abarcando a humanidade, primando pela Cultura - em geral. Assim somos: Em cada continente um Embaixador e nas Capitais um cônsul, a coordenar os cônsules das cidades circunvizinha, assim impetramos a necessidade de democratizar a cultura para que ela esteja disponível em todos os locais onde possa ser acessada, seja internet, escola, cinema, teatro, presídios, ônibus, trens, hospitais praças públicas... É responsabilidade de cada Cônsul, informar ao Embaixador manifestações relevantes da Cultura local, a ser difundida nos quatro cantos do planeta. Assim, aqui no cotovelo do Brasil, dou-me conta dos eventos da Arábia Saudita e sucessivamente. Nem todos os que escrevem versos podem ser chamados de Poetas Del Mundo! **Um verdadeiro Poeta Del Mundo, é um ser comprometido com o Senhor dos encantos sublimes, constrói trincheiras nas causas humanitárias munido com armamento do verbo, brada ao universo a liberdade das palavras...** Poeta Del Mundo, é chegado o momento em que devemos unir as forças para defender a continuidade da vida: Somos os Guerreiros da Paz e os Mensageiros de uma nova etapa na Humanidade. Somos os Poetas da Luz, e essa Luz é o veículo que nos conduz à convocação que por nenhum motivo devemos deixar de assistir os que de nós alento esperam...

**Retratando nas caras negras engelhadas a situação  
Da inanição voraz, no olhar já sem vida do irmão...  
Espargindo descaso semeado na barroca argila insólita  
Devorando inda no ventre natimortos filhos da Etiópia.**

Vivemos atualmente o processo de morte de uma etapa degenerada e o nascimento de uma NOVA ERA em que o poeta tem uma lista determinante de coisas em que intervir. A corrente se move em busca do melhor porvir, educando, politizando, alimentando almas com poesias a reivindicar direitos cerceados por desmandos. A humanidade vive tempos decisivos para sua sobrevivência: segue em direção ao precipício que a conduz à extinção, ou troca de leme fixando trajetória para a superação coletiva que lhe assegure ampla subsistência ou... Sucumbirá ante os olhos chorosos da natureza!

**Natal... Por quem Poeto e choro  
A degradação do meio ambiente  
Peixes e rios mortos por nitrato  
Avoco-a Senhora inconseqüente...**

## Artigo

### Josenildo Brasil, do Poetas Del Mundo, durante a Caravana da Poesia em março deste ano

Desde os tempos mais remotos que o homem recorde, a existência humana se tem visto forçada a coexistir com o meio ambiente, o que lhe assegurou, e lhe segue assegurando, a possibilidade de viver. Porém ao mesmo tempo e paradoxalmente, o homem em seu afã de ser mais, de crescer e crescer tem deteriorado o planeta até levá-lo a limites que põem em perigo a possibilidade de seguir existindo como espécie. Se o homem não trocar de rumo, E AGORA!, As próximas gerações terão sólidas razões para nos odiar. Assim como deterioramos o planeta constantemente com o uso abusivo dos recursos naturais e humanos, assim também se constroem armas de destruição em grande escala, capazes de destruir toda a humanidade em poucas horas, e a supremacia do poder se concentra sempre nas mesmas mãos, no que hoje conhecemos como Império(s)...



**Que o manifesto impresso gire o quadrante universal  
Que se traduza em todas as línguas somadas aos gritos  
Em todos os continentes, queremos PAZ raiando ao sol!  
PAZ ao mundo. Que lido poema levantem-se espíritos  
Unidos num só propósito, não há guerra e sim a PAZ!**

Frente a este afã de domínio absoluto que poderá nos levar inevitavelmente à autodestruição e ante a tanta barbaridade ante a luz dos novos tempos que se anunciam, os Poetas Del Mundo empreendem o caminho do protesto, por um lado, na construção de um novo amanhecer, por outro, conduz à libertação definitiva do homem... Tradução do Manifesto Poetas Del Mundo, por Luis Arias Manzo, Secretário geral da entidade.

**Pelas mãos que perderão seus filhos  
Pela minha pátria MÃE gentil  
Que aos filhos de todo mundo abraça  
O verso ecoará pela América varonil!**

**OS POETAS  
DEL MUNDO  
EMPREENDEM  
O CAMINHO DO  
PROTESTO, POR  
UM LADO, NA  
CONSTRUÇÃO  
DE UM NOVO  
AMANHECER, POR  
OUTRO, CONDUZ  
À LIBERTAÇÃO  
DEFINITIVA DO  
HOMEM...**

### Deth Haak durante a Caravana da Poesia, organizada pela FJA, que percorreu mais de 30 escolas públicas do RN



A consciência coletiva decorre do concurso de vários indivíduos que contribuem em parcelas para o todo. É uma filosofia aberta que assegura que os valores do grupo não são mero expediente, mas são bons, e com vida própria - na sociedade que vive em nós. Com advento da internet, vemos ser isso possível... E passível de discussão de tudo e de todos e em tempo real nos preocupamos com urgir do tempo, pois a hora é de inclusão. É no ambiente colaborativo em desenvolvimento o eu Poeta interage com o homem e vive-versa, com interfaces. E as Sociedades como as que vemos aqui servem, mesmo, como instrumentos do coletivo, de comunicação direta, sem intermediários... Avante Poetas Del Mundo! ■

# Uma poetisa caraubense

Por  
**Anchieta Fernandes**  
Crítico literário e cinematográfico

Em épocas perdidas na história da obscuridade humana, existia um preconceito: o de que as mulheres tinham pouca inteligência, não eram modernas, não serviam para a prática intelectual, e sim apenas para bordar, cozinhar, etc. Em épocas mais recentes, se desenvolveu outro preconceito: o de que o habitante do interior era mal informado sobre os conhecimentos da cultura moderna. Todos os dois preconceitos já foram superados desde o século passado. O município de Caráúbas, no interior do Rio Grande do Norte, é um desmentido patente aos dois preconceitos. **Quando em Natal foi criado um clima de pesquisas revolucionárias da poética de vanguarda, há mais de quarenta anos, com lançamento do Grupo Dês, de poetas concretos natalenses, a maior parte dos poetas desse grupo era caraubense de nascimento.**

Quanto às mulheres intelectuais caraubenses, pode-se mencionar alguns nomes. Principalmente de produtoras do gênero Poesias. De Xaene Fernandes, a poetisa precoce que aos 12 anos publicou, pela Clima Editora, seu livro "Minhas Poesias", a Salete Pimenta Tavares, revelando suas quadrinhas pelas páginas do jornal "O Camiliano", de Socorro Fernandes, desenvolvendo, em cordel, flagrantes autênticos do sertão (v. seu folheto "Lembrando o Rei do Baião", 1990) a Terezinha Gurgel, também boa quadrinheira. É bom lembrar que Maria Sílvia Câmara, a excelente autora do livro "Tempo de Romance e Outros Tempos" (Coleção Mossoroense, 1983), embora mossoroense de nascimento, inspirou-se muito em Caráúbas para criar seus poemas, quando da época em que era Diretora do Grupo Escolar "Antônio Carlos", daquela cidade oestana.

Mais recentemente, surgiu Rizolete Fernandes. Líder feminista, socióloga e historiadora (é autora do livro A história oficial omite, eu conto: Mulheres em Luta no Rio Grande do Norte – de 1980 a 2000", 2004, é também boa poetisa, abrindo novos caminhos à poesia feminina norte-riograndense, tanto no que diz respeito ao trabalhar a palavra quanto a suscitar novos modelos de mobilidade dos signos através da página estruturante.

Rizolete  
Fernandes



Ela participou de coletâneas de poesias publicadas aqui no Estado e no Rio Grande do Sul e, no ano passado publicou pela Editora Una, de Marize de Castro, seu primeiro livro de poesias. Trata-se de "Luas Nuas". Não importando remostar aqui a força transgressora da poesia em relação à dependência luminosa da lua ao sol (como se pode deduzir do texto de Márcio de Lima Dantas, autor da orelha do livro, se na mitologia a lua era Selene, sem emanar luz própria, na poesia é "Lua de iniciativa, potência e vontade"), vale captar os outros efeitos criativos da linguagem na poética rizoletiana.

Os neologismos, criação de novas palavras, obje (a) tualizando a função do poético no contexto do idioma: "enloucremos", "enluareço". Nos espaços entre-fonemáticos, poder-se-á ter justificado o texto literário (não lógico-científico) dentro do viés explicativo de Julia Kristeva, descrevendo a "produção de sentido anterior à palavra dita".

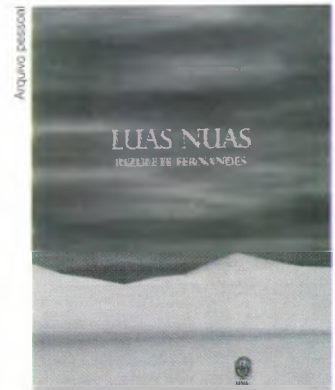
Este sentido poético vem conotar tanto expressões metafóricas ("bocas sonhadoras", "canhões de impaciência"), ou reinvenções semânticas (como no final do poema "Verão" – "não sei se chore/ou se chope", com a blague transformadora do substantivo em verbo), mas também a simplicidade da somente ternura: "na noite em que permaneço insone/é pra te velar o sono/nada mais".

Interessante o não uso do ponto final, fazendo então valer, ao final de cada poema, o silêncio visual, a não marcação tipo (gráfica) gramatical como intervalo, que rompe o fechamento do poema em seu ser, para levá-lo à transcendência de uma biplanaridade apontando para outro poema, o seguir que se abre para outro em uma seqüência sem fim de uma espécie de mil-e-uma-noites expressional (expressão poética como libertária).

Mas, como operação redutora, e ao mesmo tempo intercaladora de sentidos, tem o poema "Falta" que inteligentemente termina na lavra falta: quer dizer – falta uma geração que lute, falta uma geração que qualifique uma guerra mas, enfim, faltam todas as palavras anteriores, materializando assim, a poetisa, a funcionalidade mallarmaica do branco da página.

E tem-se então, no horizonte perceptual, o pulsar sensorial desencadeado pelo inconsciente ótico. É quando a poetisa, no universo cognitivo, utiliza uma espécie de variável combinatória, para, com mais de um sentido, intensificar o perceber da nova cena do mundo, em som e imagem. O poema "Lágrima", por exemplo, comove, de pura sugestão, despertando o imaginário do leitor, fazendo-o visualizar no pensamento a beleza da imagem da fruta. Pura cena plástica descrita, de fruta vestida de gelo, humanizada, chorando, em um processo

INTERESSANTE  
O NÃO USO DO  
PONTO FINAL,  
FAZENDO ENTÃO  
VALER, AO FINAL  
DE CADA POEMA,  
O SILÊNCIO  
VISUAL, A NÃO  
MARCAÇÃO  
TIPO (GRÁFICA)  
GRAMATICAL  
COMO INTERVALO,  
QUE ROMPE O  
FECHAMENTO  
DO POEMA EM  
SEU SER, PARA  
LEVÁ-LO À  
TRANSCENDÊNCIA  
DE UMA  
BIPLANARIDADE  
APONTANDO PARA  
OUTRO POEMA



Capa do Livro de  
Rizolete - Luas Nuas

de metagoge, chorando o silêncio de sua beleza, sem a beleza do som de um canário, que se ouve sem se ver, por ele se encontrar em um habitat não compartilhado pelo perceptor/receptor da beleza transmitida.

Como neste e noutros vetores semióticos, constata-se que Rizolete Fernandes domina muito bem o aparelho poético. Até mesmo quando esquematiza a extensão do discurso: quando necessário usa o discurso do poema de muitos versos, como "Decisão", com seus 26 versos longos; quando necessário o discurso breve, quase haicai; como em "Atriz", com seus dois sintéticos versos, síntese da própria definição que ela traz ao leitor, do poético literário como força subterrânea da palavra: "A palavra eximia atriz/urde trama mais que diz".

**Confira na página seguinte, um texto da poetisa Rizolete Fernandes**

# Onde, o calor do abraço?

Por  
Rizoete Fernandes

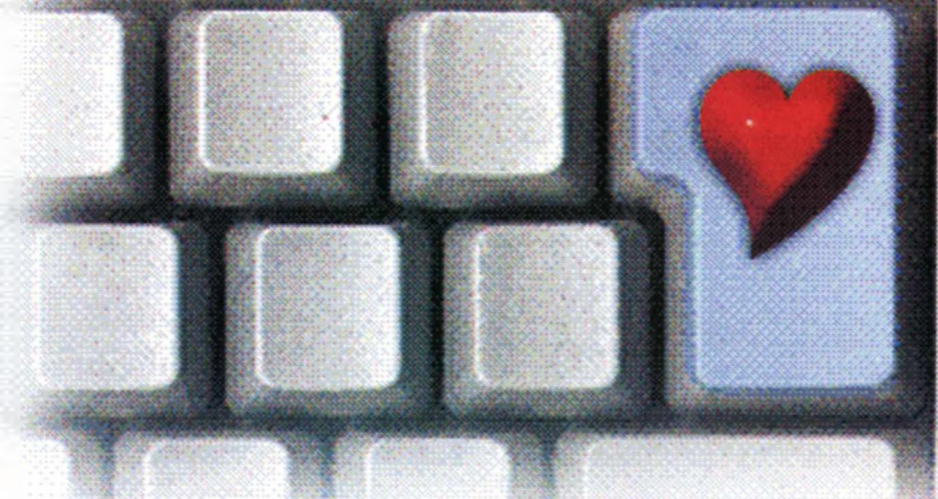
Poeta potiguar

Acabo de descobrir que sou uma imigrante digital. Trata-se de um termo usado pelo educador americano Marc Prensky, em artigo datado de 2001, para definir as pessoas que, como eu, viveram o advento do computador e da internet, a eles se adaptaram, mas que ainda preferem ler um artigo impresso e provavelmente manter uma agenda impressa, entre outros hábitos cultivados por grande parte das pessoas da minha geração. Imigrante digital se contrapõe ao nativo digital, integrante da geração que cresce imersa na tecnologia e não imagina a vida antes do computador, sem a internet.

Com efeito, essa ferramenta do mundo virtual contribuiu para socializar informações em tempo real, promover o contato pessoal e, até certo ponto, democratizar o acesso e o conhecimento das várias formas de expressão artística, universalmente produzidas, nos dias atuais. Digo até certo ponto porque, ao contrário do que muitos pensam, ainda é grande o número de pessoas no mundo sem acesso ao computador, portanto excluídas das facilidades da rede. São as apartadas das delícias da virtualidade. Para se ter uma idéia do tamanho dessa exclusão, no Brasil, são cerca de 35 milhões de internautas, numa população que se avizinha dos 200 milhões de viventes.

**VIVEMOS A ERA DA COMUNICAÇÃO VIRTUAL E NOVAS PRÁTICAS SE INSTALARAM EM NOSSO COTIDIANO. ALGUMAS SAUDÁVEIS, COMO ACESAR O ENDEREÇO ELETRÔNICO E LÁ ENCONTRAR RECADINHOS RECÉM - POSTADOS POR AMIGOS QUE VIVEM NO OUTRO LADO DO MUNDO, RESPONDER DE IMEDIATO E, MELHOR QUE ISSO, OUVIR-LHES A VIVA VOZ, UTILIZANDO O SKYPE, OU RECURSO SIMILAR; OU ESCREVER UM TEXTO QUE, EM POUCOS MINUTOS, VAI ESTAR PUBLICADO NUM SITE LIDO NO MUNDO INTEIRO, DIRIGIDO POR PESSOAS QUE NUNCA VIMOS, AO LADO DE TRABALHOS DE COLEGAS DE PROFISSÃO, IDEM; OU, AINDA, PODER PESQUISAR DADOS E INFORMAÇÕES SOBRE QUALQUER TEMA, SEM TER QUE SAIR DE CASA, PARA FICAR APENAS NESSES. UMA BELEZA!**

Por outro lado, há as práticas virtuais que já fazem parte da lista de preocupações de pais, educadores, sociólogos e psicólogos, entre outros profissionais. Como



Infogravura  
Venâncio Pinheiro

exemplo, tempo excessivo diante do micro, o que parece se configurar um problema para os pais, em constante dificuldade de acordar os filhos e mandá-los para o colégio cedo, uma vez que vararam as noites em bate-papos e outros entretenimentos nem sempre adequados à idade do navegante. Hábito que, associando imobilidade à ingestão (muitas vezes sem controle) de guloseimas, tem sido apontado como co-responsável pelo crescente aumento no índice de obesidade entre crianças e adolescentes. Trabalho para médicos endocrinologistas, alarmados com o fato de 3% da população brasileira estar afetada pela obesidade mórbida, segundo dados da Sociedade Brasileira de Cirurgia Bariátrica e Metabólica.

Em outra faceta da questão, contudo, o uso cada vez mais cedo da internet, pelas crianças, tem sido incentivado pelos próprios pais, que vêem a rede como babá eletrônica, em substituição a idêntico papel desempenhado pela televisão, até bem pouco tempo. O problema aqui, é que tal costume pode desenvolver nas crianças o vício do computador, que as tornará dependentes virtuais, sobre as quais já se debruçam estudiosos do comportamento e psicanalistas. Diagnosticam-se casos de maníacos virtuais, aquelas pessoas que levam as maquininhas até para a cama e que recorrem exclusivamente a internet no contato com amigos/as, colegas de trabalho e namoradas/os, em detrimento das relações de corpo presente.

Como autêntica imigrante digital guardo, sim, hábitos tais como confirmar por telefone encontros agendados por e-mail; quando experimento um novo software sempre me assalta a sensação de que o sistema vai travar; chamo o técnico à primeira luz vermelha acesa no computador; e me enfatia muito, mas muito mesmo, ler textos longos na tela. Livros, então, nem pensar. Tocá-los, sentir seu cheiro e peso, folheá-los, isto é insubstituível!

Antes que me atirem farpas, adianto que acho o mundo virtual/digital fascinante. O que me assusta (e preocupa) é a crescente substituição do contato pessoal pelo relacionamento virtual.

Operações comerciais, contatos profissionais, compreensível. Um papinho amigável, nos intervalos de encontros, vá lá. Mas, namoro virtual, do começo ao fim? Segundo a Revista Época de setembro de 2007, (no. 486, p. 89), os mais jovens estão fazendo até sua primeira declaração de amor pela internet! Este meio que, pasme, já é o mais praticado pelos nativos digitais para se comunicar com os próprios pais! Agora me diga: do ponto de vista sócio-afetivo e familiar, não há, nisso, alguma coisa estranha?

**Em tais casos, é lícito pensar que o relacionamento virtual está, na verdade, contribuindo para isolar mais e mais as pessoas, num mundo já tão apartado. Como fica a sociabilidade? E o saudável e prazeroso hábito de receber amigos em casa, jogar conversa fora, rir ou chorar juntos? De abraçar os entes queridos, tremer, desfalecer, vibrar a um cochicho, nos braços de quem amamos? Onde a sutileza de perceber a reação no olhar do outro, a pele eriçada de emoção? Onde o calor do abraço?**

Não faço um libelo contra as novas tecnologias da comunicação, definitivamente incorporadas à nossa vida e que utilizo no dia-a-dia para divulgar meu trabalho e no contato com amigos, reconhecendo-lhe mais efeitos positivos do que negativos. Mas tenho dúvidas se a maioria que a elas recorre, notadamente os mais jovens, detém o necessário olhar crítico e se a utiliza para melhorar - e não para piorar - o já deficitário relacionamento humano.

Também não chegarei ao extremo do cantor britânico Elton John que, recentemente, pediu o fechamento da internet, para sempre, entendendo que, assim, as pessoas sairiam e se comunicariam mais, em vez de se fecharem em casa e entrar em blogs.

Finalmente, assumindo integralmente a condição de imigrante digital, declaro em alto e bom som, que não substituirei a sonoridade da voz e do riso, o calor do abraço e do beijo das pessoas, pelo computador. Ah, não, isso não, caro leitor: venha de lá um abraço! ■

**Por**  
**Mary Land Brito**  
**Fotos**  
**Teotônio Roque**

Gestos tranquilos, olhar sereno e um leve sorriso no rosto. É assim que descrevo Sérgio Mamberti, pois das diversas vezes que o encontrei, nas mais diferentes situações, essas três características estavam sempre presentes. Sujeito falante, em cada pergunta que eu fazia para esta entrevista, ele respondia, de uma só vez, a da questão e outras tantas que ainda estavam por vir.

**ATOR DESDE 1956, FORMOU-SE EM 1961 NA ESCOLA DE ARTES DRAMÁTICAS, HOJE LIGADA À USP. EM TODOS ESTES ANOS DE CARREIRA, FEZ QUASE 70 PEÇAS, CERCA DE 35 FILMES E MAIS DE 30 NOVELAS. TAMBÉM CONTAM-SE EM DEZENAS OS PRÊMIOS POR ELE CONQUISTADOS.** Paralelo à sua atuação como ator, destacou-se também na atividade política. Sempre foi um ferrenho lutador dos direitos dos artistas. Para as crianças de todo o Brasil, ele é simplesmente Tio Vítor, seu personagem em Castelo Rá-Tim-Bum.

Sérgio, em sua singularidade, está à frente da Secretaria da Identidade e da Diversidade Cultural, desde que foi criada em 2004, pelo Ministro Gilberto Gil. Já entre centenas de outros brasileiros, é mais um potiguar. Não de nascimento, mas de coração. Pisou por nossas terras pela primeira vez em 1982 e, desde então, já voltou diversas vezes. Participou de festival cultural no Forte dos Reis Magos, filmou O homem que desafiou o Diabo de Moacyr Góes, lutou por um teatro em Mossoró, fez política representando seu partido - o PT, apoiou - através de sua Secretaria - eventos como o Encontro de Cultura Popular da FJA, prestigiou shows de artistas locais, participou da Caravana Mário de Andrade... Sem falar nas visitas aos amigos.

Mamberti foi escolhido para ser o entrevistado desta edição por ser uma figura de destaque na área cultural do país e por sua estreita ligação com o Rio Grande do Norte. Conheça, nas próximas linhas, um pouco mais desse ator, diretor, produtor, militante político e agitador cultural.





## Sérgio Mamberti

**Mary Land Brito: A Secretaria da Identidade e da Diversidade Cultural foi uma criação da atual gestão do Minc. Que lacuna você acha que ela veio preencher?**

**Sérgio Mamberti:** Na verdade, eu acho que no Brasil a tradição de políticas públicas para a cultura deixava muito a desejar. Tinham muitos grupos que dependiam exclusivamente da gestão da sua cidade, do seu estado e por isso era difícil sobreviverem. Em termos de Governo Federal, existiram umas gestões mais favoráveis, outras menos favoráveis ao desenvolvimento de políticas públicas, mas não existia um projeto cultural. Então nossa Secretaria veio fortalecer os subsídios de políticas públicas através de uma ampla participação popular, de uma ampla participação de vários artistas de todos os segmentos, de representantes de expressões populares que nos permitissem construir as políticas de que o Brasil estava precisando. A gente provocou uma grande participação dos que fazem cultura, uma grande discussão nacional para a implementação dessas políticas e com isso a gente tem conseguido mobilizar a sociedade, sempre trabalhando no protagonismo de cada um dos segmentos no sentido de uma afirmação cultural e de uma participação efetiva na construção das políticas públicas do nosso Governo. **No Ministério, temos projetos muito gratificantes, como é o caso dos Pontos de Cultura, temos ações no audiovisual, cursos de capacitação nos mais diversos segmentos como os indígenas e os ciganos. É maravilhoso, se você parar para pensar o somatório de disso tudo.** A gente pode até ter cometido erros e tem questões muito complicadas como, por exemplo, a cadeia produtiva na área de teatro. Tem alguns obstáculos. A questão da dança ainda está em processo. Mas, de qualquer maneira, os nossos acertos são muito grandes. Procuramos fazer cultura como está na lei. O que estamos fazendo é uma possibilidade real de estarmos construindo alicerces sólidos para a nossa cultura, com toda a sua diversidade.

**Mary: Como a Secretaria tem trabalhado para perpetuar a tradição popular?**

**Mamberti:** Todo o nosso esforço através dos nossos editais é de valorização, de fomento às culturas tradicionais, ou seja, de criar condições para que os grupos tenham o direito de comprar suas roupas, seus instrumentos e, principalmente, transmitir para as futuras gerações essa riqueza cultural. **Estamos procurando trabalhar é na organização das expressões da cultura popular para que possam sobreviver dignamente e possam estar fora da circunstância de ter que aceitar propostas para sobreviver que não tenham nada a ver com o seu projeto original.** E isso faz parte de uma construção de políticas públicas, de um regime; aí acho que as parcerias com estados e municípios são fundamentais e têm um resultado mais forte na raiz do problema. Acho que é um conjunto de ações, mas principalmente a consciência, vamos dizer, é preciso trabalhar a questão da auto-estima, de você saber que aquilo é uma coisa que tem uma tradição naquela região, naquele local, naquele momento e que é importante transmitir esses expressões tradicionais. Nelas está o DNA da formação do estado, do povo. É através do sabor das peculiaridades de cada uma dessas manifestações que você começa a ver o Rio Grande do Norte mais presente. Isso pra mim foi um fator importante,

por exemplo, na minha aproximação com o estado, que não é só paisagens bonitas. Junto com as paisagens tinham músicos, tinha dança, tinha repente, tinha um conjunto de manifestações que me encantaram e que traduziram pra mim a essência do povo natalense, do povo potiguar.

**Mary: Você que teve sua formação no teatro, como vê essa área hoje, do ponto de vista do gestor? Como está o diálogo desse setor com o Minc?**

**Mamberti:** O teatro ainda não encontrou, dentro do Ministério, as políticas que vêm equacionar, como aconteceu com o cinema, alguns anos antes. O ciclo produtivo do teatro mudou muito de características. Tínhamos público pra fazer teatro de terça a domingo. Mas hoje, com todas as características e necessidades da atualidade, a cadeia produtiva ficou muito onerosa. É difícil se comprometer com sala de teatro a semana inteira. E mesmo com três dias de espetáculo lotado você não consegue ter uma resposta para cobrir todos os gastos de uma produção. Necessitamos realmente do apoio de leis de incentivo, sempre tem que ter alguma coisa por fora. Na minha época, por exemplo, eu digo assim, até os anos setenta, o teatro sobrevivia com mais tranquilidade. Se a peça tivesse uma boa bilheteria, você só tinha a crescer. Mas hoje você tem que ter uma mídia extraordinária, você passa a ter um custo com teatro que vai além de fazer o espetáculo acontecer. E se você vai viajar, as dificuldades se multiplicam. Acho que esse é o momento do Ministério se debruçar sobre essa questão das cadeias produtivas. Nós já temos hoje em dia mais números que estão sendo fornecidos pelo IBGE que vão nos permitir ter mais clareza sobre isso. Mas é preciso ter mais conversas com a comunidade para que a gente veja qual o modelo de produção que, de certa maneira, vai priorizar hoje em dia essas expressões, essa riqueza. E lutar por sustentabilidade para elas e ao mesmo tempo impedir que os espetáculos teatrais se banalizem em função dos apelos comerciais. Queremos que o principal agente seja a qualidade, não o dinheiro. É preciso trazer elementos para a discussão como a violência, a questão da mulher. Mas não é só isso que garante a qualidade, pois ela depende da boa encenação, de bons atores e também da importância de se fazer um mapeamento para que a essência seja preservada. E se você não faz a coisa espontaneamente, ou o espetáculo fecha ou perde em qualidade. Eu acho que o Ministério está avançado neste diálogo. Já chegou o momento.

**Mary: Como foi seu primeiro contato com Natal?**

**Mamberti:** Por acaso, em 1982, fui convidado para fazer uma peça que ia viajar o Brasil todo e uma das casas seria justamente Natal. Natal era uma cidade assim: bem tranquila, não tinha a via costeira. Ponta Negra era uma coisa fora da cidade. Fiz muitos amigos e aí fui conhecendo a cidade. Fui a Genipabu, ao Cajueiro, que naquela época não era tão grande (risos). Conheci bastante coisas da cidade e fiquei com aquela promessa de voltar. Fiquei hospedado no Hotel Reis Magos que ainda existia naquela época. Tinha o Ducal lá no centro, mas preferimos ficar no Hotel Reis Magos, mesmo que ele estivesse meio caído, porque era perto da praia.

NA MINHA ÉPOCA,  
POR EXEMPLO, EU  
DIGO ASSIM, ATÉ OS  
ANOS SETENTA, O  
TEATRO SOBREVIVIA  
COM MAIS  
TRANQUILIDADE.  
SE A PEÇA  
TIVESSE UMA  
BOA BILHETERIA,  
VOCÊ SÓ TINHA  
A CRESCER. MAS  
HOJE VOCÊ TEM  
QUE TER UMA MÍDIA  
EXTRAORDINÁRIA,  
VOCÊ PASSA A TER  
UM CUSTO COM  
TEATRO QUE VAI  
ALÉM DE FAZER  
O ESPETÁCULO  
ACONTECER.





**EU DIRIA QUE SEI BEM PORQUE MÁRIO DE ANDRADE FICOU MARAVILHADO COM A RIQUEZA DA CULTURA, COM A DIVERSIDADE CULTURAL DO RIO GRANDE DO NORTE. VOCÊ TEM DESDE UM ELINO JULIÃO, A UMA DONA MILITANA QUE FOI, INCLUSIVE, UMA INDICAÇÃO MINHA PARA O PRÊMIO DA ORDEM DO MÉRITO CULTURAL**

**Mary: E pelo que sei, você tem muitos amigos na cidade....**

**Mamberti:** Sim, desde minha primeira visita, já fiz bons amigos. Fiquei com aquele compromisso de voltar e nada. Aí os amigos começaram a insistir e eu peguei uns dias de férias. Eu e minha esposa Pérola. Desde então, já voltei em várias ocasiões. Também fiz em Natal campanha para o PT, para minha amiga Fátima Bezerra e assim fiquei conhecendo os problemas da cidade. Em suma, hoje me sinto muito mais próximo de Natal, com uma vivência real da cidade. **Eu gosto de Natal desde a Ribeira, passando pela Praia dos Artistas, Ponta Negra, tudo. Todas aquelas praias maravilhosas do litoral sul, do litoral norte e esse carinho com que o povo de Natal recebe os recém-chegados e acolhe de uma forma muito especial, que a gente se sente fazendo parte da cidade. Eu me sinto hoje se não um potiguar completo, pelo menos um natalense eu já sou bem autêntico mesmo.**

**Mary: Mas você também percorreu várias cidades do interior...**

**Mamberti:** Sim, fui conhecendo também o interior do Estado. Conheço Mossoró, conheço a região de Pau dos Ferros, o Seridó, Caicó, Jucurutu... Fui até Galinhos, fui até Macau, Na verdade eu fui, pouco a pouco, ampliando minhas andanças por lá. Em Mossoró, eu, inclusive, fiz uma campanha no sentido de criar o Teatro Municipal da cidade. E no ao passado fui com filhos e netos para Pipa.

**Mary: Visitando todos esses municípios, o que você descobriu sobre a nossa cultura? Que surpresas você teve?**

**Mamberti:** Todas as surpresas boas. Primeiro lugar, do ponto de vista da cultura popular. Eu diria que sei bem porque Mário de Andrade ficou maravilhado com a riqueza da cultura, com a diversidade cultural do Rio Grande do Norte. Você tem desde um Elino Julião, a uma Dona Militana que foi, inclusive, uma indicação minha para o prêmio da Ordem do Mérito Cultural. Tem também os músicos contemporâneos, que são maravilhosos! Como a Cantora Roberta Sá, Cida Lobo, a Valéria (Oliveira), a Krhystal... Estou falando assim dos expoentes, mas há os compositores, os instrumentistas que são de primeira qualidade. Tem uma grande movimentação teatral, no sentido do teatro amador, que acolhe muito bem as companhias quando a gente chega. Tem também excelentes representações nas artes plásticas. E falo isso aos quatro cantos: sou encantado com a cultura popular do Rio Grande do Norte.

**Mary: Por falar em Cultura Popular, temos visto em algumas apresentações “folclóricas” da cidade, a nossa cultura transformada em espetáculos pra gringo ver. Como você analisa essa questão?**

**Mamberti:** No Ministério, defendemos a não espetacularização. Sei que é necessário que os grupos tenham um calendário de apresentação e quanto mais extenso for esse calendário, maior sua possibilidade de sustentabilidade, mas é preciso tomar cuidado para proteger sua identidade cultural. Trabalhamos junto com o Ministério do Turismo, eles montaram os roteiros culturais do Brasil a partir da diversidade cultural. Ou seja, eu acho que esse é um encontro desejado, embora outra coisa seja passar por esse campo e tomar uma forma totalmente comercial, sem nenhum cuidado, sem a menor consideração com a autenticidade de suas raízes. Eu acho que é aí que fica perigoso. Os mecanismos de controle da própria sociedade têm que estar atuantes e devem funcionar muito bem, para que você não engane e não apresente uma visão deformada desse patrimônio cultural que é de vocês, que é patrimônio das cidades, do estado, que é patrimônio brasileiro também. Então é uma faca de dois gumes, a gente não pode pura e simplesmente ignorar a presença dos turistas, porque eu acho que a relação com o turista pode ser muito rica, mas temos que tomar cuidado com essa coisa predatória de transformar qualquer coisa em tradição cultural e com isso criar uma falsa imagem do que é a cultura do RN e ainda descaracterizar obras importantes.

**Mary: Como está a possibilidade de novas ações entre a sua Secretaria e a Fundação José Augusto?**

**Mamberti:** Estamos conversando com a Fátima (Bezerra), com o Fábio (Lima), com o Gilson (Matias) e com o Crispiniano, para levar o Festival Rap e Repente para Natal este ano e queremos estar de novo juntos apoiando o Encontro de Cultura Popular. Além disso, estamos sempre abertos para orientar projetos e unir forças para conseguir verba para realizá-los.

**Mary: Pra finalizar, como fica o Sérgio Mamberti ator, ativista político e gestor? Como se dá essa união no dia-a-dia?**

**Mamberti:** Olha, o ator não vai embora, só porque ele não está trabalhando. O ator está presente, mas a atividade do ator está muito restrita, pois é preciso um forte comprometimento com o lado do gestor, para que você possa respeitar todas as obrigações e cumprir o seu papel. Não dá pra fazer temporada em teatro, nem mesmo sexta, sábado e domingo, pois se tem muito o que trabalhar em projetos do próprio Ministério ou em ações por todo o país. Neste fim de semana, participei de uma reunião no Pará e depois fui para Manaus. Cheguei ontem, tarde da noite e oito horas da manhã eu já estava aqui trabalhando. Dessa forma, não dá para assumir um compromisso com teatro, porque teatro, você sabe como é, não é? Não é só uma noite. Além disso, fica complicado me inserir em uma peça. Se o espetáculo tiver o patrocínio da Lei Rouanet, por exemplo, eu não posso por uma questão de ética. Embora eu não interfira em nada, mas parece desonesto e não basta parecer honesto, tem que ser honesto. E o ativista político está caminhando lado a lado com o gestor. ■

**TEMOS QUE TOMAR CUIDADO COM ESSA COISA PREDATÓRIA DE TRANSFORMAR QUALQUER COISA EM TRADIÇÃO CULTURAL E COM ISSO CRIAR UMA FALSA IMAGEM DO QUE É A CULTURA DO RN E AINDA DESCARACTERIZAR OBRAS IMPORTANTES**

# Sob a sombra do Cabugi

Por

Sérgio Villar

Fotos

Vlademir Alexandre

Quando Angicos foi emancipado do município de Açu, em 11 de abril de 1933, o Pico do Cabugi – um dos símbolos informais do Estado – começou a paquera com a nova cidade. E ali, no coração do Rio Grande do Norte, a 170 quilômetros da capital, a relação entre a serra e a cidade evoluiu. Hoje, um é propriedade do outro. O Pico do Cabugi é parte integrante de Angicos. E a cidade é quase refém de sua paisagem. Do alto de seus 590 metros de altitude, o Cabugi assiste ao desenvolvimento de um município cercado de lendas e fatos relevantes às páginas da história potiguar.

A cidade de Angicos é mundialmente conhecida pelas experiências pioneiras do educador Paulo Freire e seu método de alfabetização. Logo na entrada, uma placa estampa os dizeres emocionados do educador quando voltou à cidade, em agosto de 1993, para receber o título de cidadão angicano: “Em nenhum lugar do mundo estive mais tocado do que aqui e agora”. E a herança do educador parece ter ficado. As escolas do município são bem cuidadas. A aposta na educação ajudou Angicos a ser um dos 15 municípios do Rio Grande do Norte aprovado pelo Selo Unicef.

E o Selo ajudou a traçar o mapeamento das expressões culturais da cidade. Não há nenhum grande nome da cultura potiguar ou de representatividade para o folclore norte-rio-grandense. O que Angicos guarda são aqueles artistas anônimos. Com seu trabalho desconhecido mesmo na cidade onde mora. E nestes personagens sem maiores glórias ou reconhecimentos, encontram-se o retrato da simplicidade e do talento do interiorano. Habilidades repassadas entre gerações ou aprendidas sob formas que a própria razão desconhece.



É o caso do nonagenário Luiz Jota Sobrinho, dono de poesia de causos e uma memória de causar inveja a qualquer jovem. Está tudo guardado em sua cabeça. Nada foi escrito; nada foi catalogado. É poesia parecida com literatura de cordel. E "seo" Luiz sequer sabe o que são xilogravuras. O poeta recebeu a equipe da PREÁ surpreso. É essa a reação desses artistas anônimos, desacostumados com a notoriedade merecida. É como se praticassem a arte da pintura, da poesia, do artesanato pra passar o tempo arrastado, da "vida besta", como escreveu Drummond.

E Angicos, com apenas 12 mil habitantes, é repleta desses artistas. Alguns têm perpetrado tradições e representações do artesanato do município, como a produção de peças em crochê, cerâmica e palha. As duas últimas, por falta de incentivo das autoridades locais e interesse das novas gerações, praticamente sumiram do município. A apreciação do doce de pêlo – extraído de uma touceira de cacto homônima – ainda é cultivada em Angicos.

Berço do ex-governador Aluizio Alves, Angicos já não respira os ares das campanhas memoráveis do político populista. As últimas gestões municipais foram dominadas por partidos de oposição ao PMDB de Aluizio. Permanente mesmo só a atividade pecuária, como segmento principal da economia angicana. E a criação bovina reporta à história da cidade, desde quando o tenente Antônio Lopes Viegas comprou o sítio Angicos ao coronel Miguel Barbalho Bezerra, em 1760. O tenente, descendente da família Dias Machado, ao falecer em 1805, deixou iniciada a povoação da cidade. Angicos – nome de uma árvore abundante no olho d'água, alguns metros abaixo da atual cidade – passou à categoria de vila em 1836.

A emancipação como cidade se deu em 24 de outubro de 1936. São 71 anos de uma cidade que vive sob a doçura artesanal do doce de pêlo, do anonimato de suas expressões culturais e de uma história política e pedagógica exportada para alhures.



**"Venho contar a história da minha terra; história de uma região que ficará guardada em seu coração. Angicos é cidade do Nordeste brasileiro, sertão de povo forte, trabalhador e valente, que teve como fundador um tal tenente. Era o senhor Antonio, Antonio Lopes Viegas, fazendeiro da região. Lá num tem preguiça não: o povo é trabalhador, enfrentava a seca forte com coragem e labor. São José, padroeiro da terra é o santo protetor a quem o sertanejo pede chuva, pois tem muito fervor. Mas num Nordeste de sertão tão seco, lutar pelas terras era questão de poder, as lutas eram travadas, as terras eram tomadas, ou a ferro ou a fogo, e os bandos se agrupavam e das terras se apossavam, deixando a suas marcas de sangue e terror. Era um tal de Curisco; Diabo loiro também tinha; também tinha Lampião que na época todo mundo temia. Lampião era temido em todo o sertão. Na caatinga o seu bando se escondia, onde macaco nenhum lá conhecia. Macaco? Macaco, sim! Era os soldado que os cangaceiro atocaiava na estrada dessa vida de agonia. Mas não se preocupe, meu povo, pois o Angico que todos diz que esse povo passou e que o temido Lampião saqueou, não foi o nosso não, o meu Angico, não. Éta lugar bão de gente acolhedora."**

*Ayra Moabb Monteiro Pessoa (pedagoga)*



D. Maria de Santana: cerâmica é tradição de família

O TRABALHO COM  
ARTESANATO NA  
FAMÍLIA É AINDA  
MAIS ANTIGO. COISA  
DE GERAÇÕES.  
SÃO PANELAS,  
POTES, XÍCARAS.  
A DIVERSIDADE  
DE FORMAS E  
TEXTURAS CHAMA A  
ATENÇÃO E REVELA  
ASPECTOS SOCIAIS  
E HISTÓRICOS DA  
ARTE BRASILEIRA,  
DE DESCENDÊNCIA  
INDÍGENA

### TRADIÇÃO MANTIDA COM ABNEGAÇÃO

Os potes servem para guardar flores; enfeitar a sala; armazenar água, feijão. Quem compra um pote compra uma lembrança. E de lembrança vive Maria Santana, 58 anos. Antigamente quase todo bairro do Alto da Esperança produzia peças em cerâmica. O comércio era farto. Hoje é praticamente extinto, não só no bairro como na cidade. Santana é das poucas a insistir na prática. Diz que faz porque gosta, apesar do trabalho árduo e mais das vezes dispendioso.

Dessa maneira, Santana mantém uma das tradições mais antigas de Angicos. Ela mesma aprendeu com a mãe. O trabalho com artesanato na família é ainda mais antigo. Coisa de gerações. São panelas, potes, xícaras. A diversidade de formas e texturas chama a atenção e revela aspectos sociais e históricos da arte brasileira, de descendência indígena. Para a produção das peças em cerâmica podem ser utilizadas várias técnicas. Santana usa facas, palhetas de cabaça; artefatos rudimentares.

O barro é coletado em Forquilha, sítio do município de Santana do Matos. É Maria Santana quem procura. O material já vem sem impurezas. Para transportar cerca de cinco sacos de cimento cheios da argila, a artesã freta um veículo. Paga R\$ 90. Essa rotina se repete quatro vezes ao ano. As vendas muitas vezes sequer compensam. Julga-se pela moradia de Santana: uma casinha de taipa de poucos cômodos. Os clientes a procuram na porta para adquirir as peças. Na semana anterior à visita da PREÁ, Santana havia vendido seis panelas para um quilo de feijão. Cada uma a R\$ 4.

Com uma porção de barro à frente, Santana amassa, faz o monte, molda a peça; alisa com a mão, faca ou palheta. Tem também um pedaço de sola de sapato para alisar. O sabugo do milho serve para um retoque semelhante a uma parede arranhada. "É uma putaria só esse negócio", brinca a filha de Santana, também artesã. Dos dez filhos de Santana, quase todos conhecem o ofício. Mas nenhum pratica. O produto perdeu a aceitação no mercado de Angicos: uma cidade sem vocação turística – potenciais compradores desse artesanato. "Só querem comprar quase de graça", reclama a artesã.



A GENTE  
LEVA TANTA  
FUMAÇA E  
QUENTURA QUE  
PARECE UMA  
ABELHINHA"

Moldado o formato desejado, a peça passa um dia pra secar. Depois de poucos retoques, vai ao fogo alto e à lenha. Santana coloca esterco de animais ao redor da peça. Ela conta que é para não entrar vento e danificar o artefato. "A gente leva tanta fumaça e quentura que parece uma abelhinha", brinca Santana. Para amenizar a dureza do ofício, ela leva ao fogo quando o sol está menos quente. O resultado final são peças simples, sem maiores adornos ou retoques arrojados. Como a arte resgata a identidade de um povo, as peças cerâmicas de Santana são singelas como a artesã, amarronzadas como sua morada e feitas com a habilidade de quem insiste em preservar tradições.

### DULCIMAR RELEMBRA TEMPOS MELHORES

Perneiras de couro para deixar as pernas do vaqueiro protegidas; potes, panelas e aribés feitas de barro amassado; santos de umburana; mantas de algodão. Tudo é artesanato popular. E o ofício de Dulcimar da Silva Moreira, 56, é arte popular das mais autênticas. Dulce, como é conhecida, produz vassouras e esteiras de palha de carnaúba. É quase uma remanescente da época em que a atividade unia famílias do bairro Alto da Alegria, em Angicos, em torno da produção de cestos, chapéus, bolsas; uma diversidade de artefatos em palha. A comunidade praticamente vivia desse ofício.

### Dulcimar é uma das poucas que ainda fazem arte com palha de carnaúba



**O TRABALHO DE DULCE É, PORTANTO, A PERPETUAÇÃO DE UMA PRÁTICA INDÍGENA DE SÉCULOS, CULTIVADA EM ANGICOS AO LONGO DE GERAÇÕES. INFELIZMENTE, ALÉM DE DULCE, APENAS CINCO ARTESÃS CONTINUAM COM A PRODUÇÃO DO ARTESANATO DE PALHA DE CARNAÚBA**



Artesanato de palha de carnaúba

A carnaúba é abundante no Nordeste brasileiro. É encontrada nas várzeas do rio. Como o artesanato da cerâmica, a produção artesanal a partir da palha de carnaúba tem origem indígena. E ainda mais dos índios que povoaram o Rio Grande do Norte. O trabalho de Dulce é, portanto, a perpetuação de uma prática indígena de séculos, cultivada em Angicos ao longo de gerações. Infelizmente, além de Dulce, apenas cinco artesãs continuam com a produção do artesanato de palha de carnaúba. Só Dulce faz esteiras. A produção hoje se limita às vassouras. Os cestos já não se vêem.

É que o comércio do produto praticamente se extinguiu em Angicos. Segundo Dulce, na época boa da produção vendiam-se 500 vassouras ao mês. Com 50 vassouras, hoje, a artesã passa o ano. A palha da carnaúba era retirada por nativos ribeirinhos, no Rio Velho, e dadas em troca do pó da palha, útil para confecção de velas e produtos variados de cera. Praticamente de graça. Nos dias de hoje pouco se vê quem faça disso um ofício. Um centro de palha – suficiente para confecção de 20 vassouras, cada uma vendida por R\$ 1 – custa R\$ 12.

O centro de palha é entregue já seco. A primeira providência é tirar o pó. Um pote de margarina cheio de pó pode ser comercializado por R\$ 5. Muito pouco, se levado em conta o número de centros de palha e o trabalho em aglutinar a mercadoria em um pote. Dulce tem um problema nas cordas vocais. A fala é muito prejudicada. Muitos afirmam ser o problema decorrente do pó da palha. Ela nega. Com a palha seca e sem pó, Dulce começa o entrelaçado das palhas. Em cerca de dez minutos consegue fazer uma vassoura. As esteiras, ou tapetes de palha, ela só faz por encomenda. É que tem pouca demanda. Mas a artesã disse ter 20 peças encomendadas.

Apesar de um trabalho relativamente fácil de ser produzido e de utilidade doméstica, o comércio do artesanato perdeu espaço em Angicos. Pouco ou nada se vê na modesta feira livre da cidade. Se depender de Dulce, a tradição será mantida. O filho, o sobrinho e o neto aprenderam o ofício. E antes o artesanato fosse como poesia, presente em cada quarteirão, em cada diário de adolescente, em cada esquina do cotidiano, sem precisão de venda e compra, apenas uma produção da arte para a arte.

### PEÇAS DE CROCHÊ EM CONSÓRCIO

O artesanato de crochê continua bem difundido em Angicos. É uma das fortes tradições do município que foi mantida. A explicação para isso as artesãs não têm. Muitas das peças, sobretudo as mais trabalhadas, não encontram aceitação no mercado. Mafra Maria da Costa, 40, acredita que a facilidade com o aprendizado e a forma quase terapêutica em se trabalhar ajudam a manter a tradição deste artesanato. "Hoje se encontra facilmente revistas ensinando o crochê", diz Mafra.

Vista por este ângulo, outras práticas artesanais de Angicos permaneceriam em voga. Infelizmente, não é o que se vê. Além do crochê, o comércio de bonecas



Consórcio de crochê garante as vendas

de pano, o fuxico e peças elaboradas a partir de retalhos também encontram compradores. Ainda assim, nada que se possa viver bem com o comércio artesanal, embora alguns se sustentem precariamente com a pouca renda. Mafra é funcionária pública municipal. Tem no crochê uma renda extra e um ofício aprendido quando criança, ensinado pela tia.

Em Angicos as artesãs de crochê são muitas. É fácil encontrar qualquer peça. Caminhos de mesa, bico de toalhas, tricô... As peças são, em geral, utilitárias, como toalhas de mesa, guardanapos para bandeja, capa para almofadas, mantas para bebê, etc. Muitas vezes uma artesã complementa o trabalho da outra. "Enquanto Marilda faz o ponto e cruz, eu faço o bico da toalha (uma espécie de acabamento de renda)". Um argumento plausível para o bom número



Bonecas de pano é uma das tradições do artesanato local

de artesãs no trabalho com o crochê pode ser a organização entre elas. Embora não haja associação ou cooperativa, algumas artesãs se juntam em uma espécie de consórcio para comercializar seus produtos. Para vender dois conjuntos de toalhas, ao preço de R\$ 60, por exemplo, juntam-se seis compradores e cada um paga seis parcelas de R\$ 10 todo mês. E a cada mês há um sorteio em que um dos compradores é contemplado. Este foi um modo criativo encontrado para a tradição sobreviver e possibilitar uma boa renda às artesãs. E se o dinheiro extra é pouco, a tradição do artesanato popular de Angicos agradece.

## Angicos



NA HORA QUE EU NASCI/  
JESUS CRISTO ME  
ABENÇOOU/ POR ISSO  
SOU FELIZ/ EM TODO  
CANTO QUE VOU./ EU  
NÃO SEI POR ONDE VIM/  
NEM TAMBÉM VIM PRA  
FICAR/ AQUI EXISTE UM  
SEGREDO/ E EU TOU  
TREMENDO DE MEDO/  
QUE A MORTE MANDOU  
ME CHAMAR/ OLHO PRA  
TODO CANTO/ E NÃO  
VEJO ONDE ELA TÁ”

“Seo” Luiz  
poeta popular

### POETA ESPERA PELO RECONHECIMENTO

O poeta popular Luiz Jota Sobrinho é um dos maiores talentos de Angicos. E como a grande parte dos poetas populares, amarga também a falta de incentivo e de reconhecimento. Mesmo no meio cultural do município seu nome é desconhecido. Aos 94 anos, “seo” Luiz continua com a memória tinindo. É o consolo de quem nunca teve seu talento registrado. É possível que a memória desgastada tenha apagado muito de sua poesia. As pessoas que trabalham com a cultura do município ficaram surpresas quando “seo” Luiz soltou o verbo. A promessa foi a de levar o nonagenário a um estúdio para a gravação de um CD, para catalogar mais uma personalidade cultural de Angicos.

**A poesia de “seo” Luiz fala de uma vida sofrida, de saudades, de fé, mas também traz a irreverência típica do sertanejo. Algumas sequer podem ser transcritas na íntegra. É poesia simples, autêntica, de quem apenas trabalhou duro na lavoura, no garimpo, carregando bezerro nas costas quando vaqueiro, sem estudos ou conhecimentos outros.** Como poeta popular nordestino, traz também algum conservadorismo. “Seo” Luiz não toca, não é violeiro, repentista. De certo sua poesia falada não é elaborada em cima das métricas do cordel, do mourão. A poesia de “seo” Luiz é mais um lamento seu; um registro dos cenários e épocas do sertão em que habita; sertão sofrido em que a morte sonda cada metro de chão rachado, como única sombra do lugar.

“Na hora que eu nasci/ Jesus Cristo me abençoou/ Por isso sou feliz/ Em todo canto que vou./ Eu não sei por onde vim/ Nem também vim pra ficar/ Aqui existe um segredo/ E eu tou tremendo de medo/ Que a morte mandou me chamar/ Olho pra todo canto/ E não vejo onde ela tá”. Também de saudades, já aos 94 anos, vive o poeta: “Hoje estou sentindo saudades/ Da mamãe e do papai/ É o casal jamais esquecido/ Que minha embranção me traz/ Minha mãe é aquela velhinha/ Tem seu amor profundo/ Sofreu horas de dores na vida/ Para me ver sob a luz desse mundo/ Os favores que eu devo são tanto/ Que não posso pagar de uma vez/ Obrigado, mamãe e papai/ Jesus Cristo é quem paga a vocês”.

E para não dizer que não falei das amenidades que colorem a vida... “Chega dona Luzinete/ Com seu vestido amarelo/ Ela traz dentro do priquito muxo, cancro e gonorréia/ E traz mais uma ferida na canela/ Do tamanho de uma tigela/ Roxa que nem uma cebola/ Quem quiser perder a rola/ Bote no priquito

dela”. E não bastasse o peso da idade, “seo” Luiz ainda chacota do destino generoso com os 94 anos de saúde: “No tempo da minha infância/ Eu levava tudo a revés/ Corria de pés descalço/ Num espinhava meus pés/ Mijava com dez palmos/ Às vezes com mais de dez/ Hoje com 95 anos/ Já tô mijando meus pés”.

### TRÊS LENDAS TRÁGICAS

As lendas relatadas pelos sertanejos mereceriam estudos antropológicos aprofundados. São histórias fantásticas. Quase sempre de muito sofrimento ou dramaticidade. Talvez um antropólogo afirme que tais características têm suas raízes nas próprias condições de vida, periodicamente assoladas pela seca ou pela fome. Verdade é que são repassadas entre gerações. E mesmo nos dias atuais, com os esclarecimentos da comunicação de massa, ainda encontra defensores de tais teses como ocorridos verdadeiros. Em Angicos, as três lendas mais contadas são histórias trágicas. Algumas, os personagens, de fato, foram moradores da cidade e possuíam as características físicas e comportamentais dos relatos. A riqueza de detalhes e dos lugares faz acreditar em uma hipótese verídica. Objetos e lugares ainda existem. São fatores que reforçam a credibilidade na lenda, mesmo revestida de fantasias outras.

#### Lenda de Damasiinha

Conta-se que Damásia Francisca Pereira e Francisco Lopes, parentes próximos da família fundadora de Angicos, eram muito bem casados. Um dia, o comportamento de Francisco muda repentinamente. Ele passa a tratar a esposa com grosserias. Damásia, ainda moça em idade, sofre com paciência e resignação. A cada dia que passa, os maus tratos pioram.

Em 1943, realizava-se na vila a festa do padroeiro. Na véspera do encerramento do novenário, a mãe de Damasiinha surpreende na fisionomia da filha o sofrimento. Mas Damásia negou qualquer problema. De volta ao sítio Santa Cruz, onde moravam (hoje do doutor Gilberto Wanderley), Francisco manda-a deitar-se na mesa da sala de jantar. Sem relutância, Damásia obedece. Ali mesmo, o marido degola a mulher.

Cercando o cadáver de dois círios, Francisco vai à casa de seu compadre João Felipe da Trindade, e comunica-lhe o crime hediondo. Abriu-se inquérito no cartório de Angicos. Francisco confirmou o assassinato. Ele morreria pouco depois miseravelmente. A morte de Damásia ecoou pela cidade. As suas virtudes, diz a lenda, foram revividas por todos os que a conheceram. A mesa do sacrifício e uma pedra, que alteava do ladrilho irregular, ficaram manchados pelo sangue da vítima.

Diz a lenda que quando o cadáver, acompanhado por grande multidão, chegou à favela, arrabalde da vila em que esta se desenhava, os sinos dobraram sem que ninguém os tocasse. Na cidade, ainda hoje, entre o tímido



“NO TEMPO DA MINHA  
INFÂNCIA/ EU LEVAVA  
TUDO A REVÉS/ CORRIA  
DE PÉS DESCALÇO/  
NUM ESPINHAVA MEUS  
PÉS/ MIJAVA COM DEZ  
PALMOS/ ÀS VEZES COM  
MAIS DE DEZ/ HOJE  
COM 95 ANOS/ JÁ TÔ  
MIJANDO MEUS PÉS”



## Angicos

fanatismo do sertanejo, há quem ore fervorosamente à santa Damasiinha. A mesa em que foi degolada se encontra na residência de Francisco Guilherme Filho.

### Lenda da Tapuia

A Lenda da Tapuia tem registro em artigo publicado no jornal A República, por Luiza Lira. A cena se passa próximo ao pequeno riacho da cabocla ou da tapuia. Conta-se que colonos perseguiram uma índia solteira para saciarem suas vontades sexuais. Desamparada, sem esperança de auxílio, a índia preferiu encerrar-se numa urna de pedra, morrendo sufocada, a entregar o corpo à fúria dos seus perseguidores.

### Lenda da loca de Mãe Donça

Segundo a lenda, Mãe Donça era uma senhora que morava no alto da Favela. Certa tarde, depois de forte chuva, ela saiu pra comprar querosene para as lamparinas. Precisou vir ao centro da cidade comprá-lo, para seus familiares não ficarem no escuro depois da tarde chuvosa. Quando caminhava sobre as pedras da Gangorra – riacho que tinha de atravessar, escorregou no lodo das pedras; caiu batendo com a cabeça. A morte foi instantânea.

A lenda conta que o corpo desapareceu. Nas pedras, as marcas de sangue e seus cabelos. Diz também a lenda que em noites de lua cheia, ouvem-se gemidos e supõe-se ser ela. Quando chove e a pedra fica molhada, a impressão é de que ainda há manchas de sangue e os sinais dos seus cabelos. O local ainda recebe visita de curiosos. Ficou chamado de “Loca de Mãe Donça”.

## SOBREMESA É MARCA REGISTRADA DA CIDADE

O pêlo é uma fruta extraída de uma touceira de cacto muito encontrada em Angicos. A fruta exótica é uma das particularidades do município. Tem cor transparente e muitas sementes. Parece com romã. Tem um azedinho gostoso. É fruta saborosa. Muitos preferem comê-lo gelado e com açúcar por cima. Mas tem também o doce de pêlo, com calda açucarada, bem difundido em bares, restaurantes ou mesmo residências de Angicos.

Como algumas práticas artesanais, a colheita do pêlo diminuiu no município. Antes, era mais visto nos canteiros ou pelo centro da cidade. A safra é no período chuvoso. Agora, com algumas palmas vistas nas áreas periféricas, é menos degustado pela população. Há ainda os que recomendam e recebem na porta da casa. É que a colheita da fruta não é coisa simples.

Para retirar a fruta do cacto é recomendável luva ou um saco envolvendo a mão. Primeiro tira-se a palma. Costuma-se usar também uma folha de velame – planta de folha larga – pra arrastar a palma no terreno arenoso para a retirada dos espinhos. Se pegar na pele é coceira na certa. E é o que geralmente ocorre, mesmo com os praticantes mais experientes. Depois é descascar manualmente, retirar o fruto e degustar um pouco do sabor de Angicos.

Sequência de fotos da produção do doce de pêlo



## A DECADÊNCIA DO VERDÃO

Quando se fala em cabaré, a primeira lembrança são as casas de encontro francesas, cercadas de algum glamour, com mistérios escondidos atrás de cada cortina ou dos corpetes das damas; um passeio irresistível num universo dominado por fetiche, sedução, desejo e luxúria. Pensa-se em Marlene Dietrich, Liza Minelli, Betty Davis... Uma realidade bem diferente dos prostíbulos vistos no interior. Em geral são antigos, decadentes, mas que um dia viveram uma época gloriosa. É o caso do “Verdão”, ainda em funcionamento no bairro do Alto da Esperança, em Angicos.

A dona do cabaré é Maria de Fátima Marques. Os 42 anos de Fátima denotam expressão cansada, de quem pouco espera da vida. A princípio rejeitou o convite para uma entrevista. Não queria sair da rede em que descansava o corpo que tantas vezes foi seu instrumento de trabalho. Fotos ela não quis. Estava “desarrumada”. A vaidade ainda persiste, apesar de a época em que era procurada pela alta sociedade angicana ter passado. Políticos, figuras importantes eram os frequentadores do Verdão nos idos da década de 1980. Pessoas vinham de outra cidade para passar a noite e provar das prostitutas do recinto. Fátima é cearense, do município de Aracati. Há 24 anos chegou a Angicos, se-



## Angicos

gundo ela, a passeio. Preferiu não especificar qual tipo de passeio. Diz apenas que o ex-prefeito da cidade, Jaime Batista, logo doou a casa que ela fez de cabaré. Desde o início, em 1984, chamou-se Verdão. O nome é em função da cor das paredes da fachada. As primeiras prostitutas eram todas do Ceará. Moravam no Verdão. É que quase todos os dias havia movimento de clientes. As quatro ou cinco "meninas" de hoje vêm apenas nos fins de semana. No sábado em que a PREÁ esteve no local, tinham três. Duas eram cearenses. A outra era do município vizinho, de Pedro Avelino.

Mesmo as prostitutas sendo sazonais ou passageiras, Fátima presta toda a assistência. Fornece alimentação e moradia quando precisam. Por vezes parece uma relação maternal. É que a meretriz conhece a dureza de vida das garotas. Com um incentivo, uma delas até casou com um cliente, um cabeceiro de Angicos. Fátima viveu em uma época mais amena, de mais prestígio. No início, até ganhou bom dinheiro. O bastante para criar os sete filhos. Diz não ter se arrependido da vida que levou e leva. "Era a opção que eu tinha. Se eu pudesse, fechava e trabalhava com outra coisa. Aqui aparece todo tipo de gente", lamenta.

**MESMO AS PROSTITUTAS SENDO SAZONAIS OU PASSAGEIRAS, FÁTIMA PRESTA TODA A ASSISTÊNCIA. FORNECE ALIMENTAÇÃO E MORADIA QUANDO PRECISAM. POR VEZES PARECE UMA RELAÇÃO MATERNAL**

Enquanto Fátima assiste TV em sua rede, cercada de seus pequeninos e do seu quinto marido, três clientes bebem no ambiente ao lado. Nos fundos estão cinco quartos. As mesas são em quatro, postas em uma pequena varanda. Todos bebem cerveja e uma das meninas acompanha dois deles. Em frente, uma bicicleta, uma moto e um carro velhíssimo estão estacionados. A radiola de ficha, encostada na parede, já não funciona. É o retrato de uma época em que, mesmo sem luxo ou elegância, o Verdão era local de encontro da alta sociedade angicana.

**"NUM DEIXO NINGUÉM NA ESTRADA"**

O táxi de Geraldo Rocha serve mais como morada do que como meio de trabalho. O Chevrolet 79, de cor bege, está acabadíssimo. Digno de uma reforma completa do programa global do apresentador Luciano Huck, Lata Velha, em que o carro tem sua lataria e peças trocadas e fica novinho em folha. O taxista disse que "um pessoal" já inscreveu o Chevrolet no programa. Mas Geraldo espera mesmo são mais "corridas". Segundo ele, os mototáxis têm acabado com os taxistas. Não bastasse o aspecto do táxi de Ge-

raldo, ele ainda o faz de moradia. Deita o banco e por ali dorme todos os dias. E engana-se quem pensa em estofados mais confortáveis ou coisa parecida. **A única adaptação feita foi em função do trabalho. Geraldo instalou um gás de cozinha no carro como combustível. Segundo ele é muito simples: "É a mesma coisa de assar uma carne". Ao lado do banco do motorista passa uma mangueira para levar o gás encanado do bujão até o carburador. "É mesmo que gasolina", diz novamente**

Com o bujão cheio de gás, Geraldo roda 170 quilômetros. Muito para as poucas viagens que faz ao dia. "Às vezes umas quatro, às vezes nenhuma". O taxista conta com a ajuda alheia pra trocar peças do carro e algum suporte para alimentação. A casa da mãe é o posto primeiro para a higiene e troca de roupas. O resto é tudo no carro. "O que atrapalha pra dormir são as muriçocas. O resto tá tudo certo". Geraldo é de Santana do Matos. Chegou em Angicos em 1959 pra tentar emprego. Era agricultor de formação. Começou a trabalhar com consertos e reformas de bicicletas até que o dono do posto de Angicos o chamou para "trabalhar fazendo corrida". O táxi de Geraldo não tem identificação. Parece mesmo um carro velho comum, não fosse o bujão e a direção de bugre. Há 30 anos na estrada, Geraldo disse que já transportou todo tipo de gente. O apelido é de um tipo só de categoria: Geraldo das Putas. Conta-se que o ponto preferido do taxista era o cabaré Verdão. Mas o taxista corrige: "Não tenho preconceito. Faço ponto na rodoviária, no cabaré, no posto, na BR. Num deixo ninguém na estrada".

## AS LEMBRANÇAS DE MARIA ZÉLIA

**As reminiscências e lembranças de Angicos estarão reunidas em breve no segundo livro da ex-prefeita e escritora Maria Zélia Moreira Alves da Cunha. O primeiro, "Angicos de ontem e de hoje", conta a história de fundação da cidade. A segunda obra literária da escritora se chamará "Angicos de ontem e hoje: disto eu me lembro". Fruto de pesquisas e recordações de Maria Zélia, de uma época ainda presente em sua memória.**

Das lembranças relatadas pela escritora surge uma Angicos mais lírica e saudosa. Época de carnavais memoráveis, das festas-bailes em que cada moça procurava exibir a melhor fantasia. Segundo a escritora, o último grande carnaval na cidade foi em 1979. Tempos também das passeatas movidas sem bandas ou os chamados showmícios, apenas ao barulho de tampas de lata. Maria Zélia lem-

bra que as passeatas costumavam aglomerar classes sociais distintas em um mesmo espaço, numa verdadeira manifestação democrática. "As "mulheres perdidas" acompanhavam a passeata. Ao final, quando chegávamos no clube, elas respeitavam o ambiente e ficavam só na porta". Angicos também foi pintado pelas cores do folclore. Segundo Maria Zélia, o Pastoril era folguedo muito praticado no município, como também as cruzadas eucarísticas, em que eram produzidas dramatizações. O Boi de Reis também se apresentava na cidade, mas o grupo vinha de fora. "Eu, criança, me confundia com um boi com pernas de gente". E desses detalhes do ontem e da descrição do hoje, a escritora reconta a história do município em palavras, recordações e saudosismos.

**INFELIZMENTE, A ARTESÃ NÃO CONSEGUIU ORGANIZAR A ASSOCIAÇÃO. MAS CRIOU A CENTRAL DO ARTESÃO. O ESPAÇO É AGRADÁVEL. TEM 100 ARTESÃOS CADASTRADOS, COM CARTEIRA DE IDENTIFICAÇÃO. ATRAVÉS DA CENTRAL, AS PEÇAS SÃO ENCOMENDADAS.**

## ARTESÃ LUTA PARA CRIAR ASSOCIAÇÃO

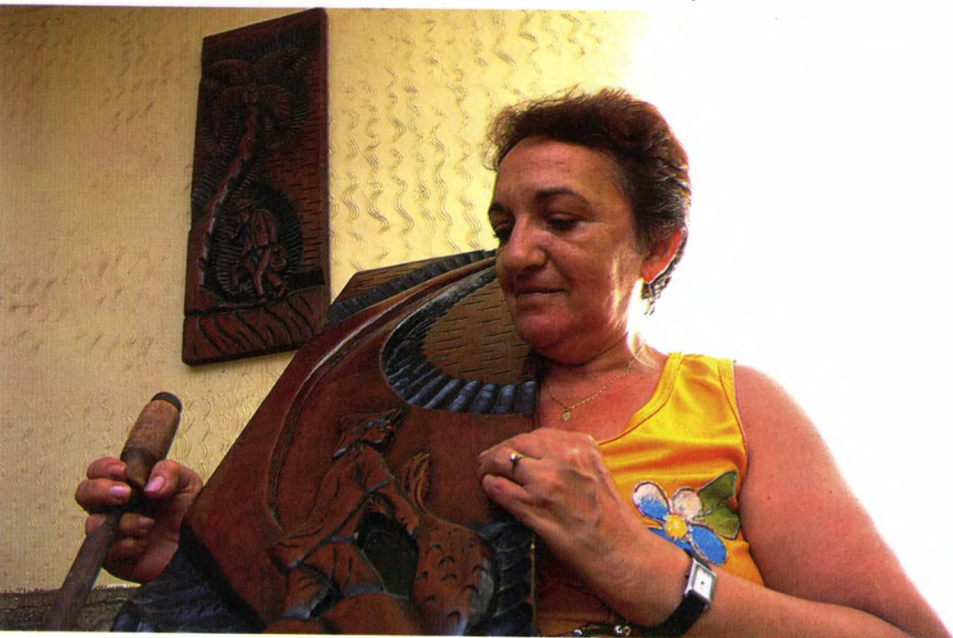
A artesã Fabíola Souza da Rocha tentou criar uma associação para reativar o comércio do artesanato em Angicos. A peleja durou três anos. Nesse tempo, percorreu a cidade de bicicleta para conhecer e cadastrar artesãos dos quatro cantos. Fabíola percebeu a decadência e quase extinção de muitas práticas, como o artesanato da cerâmica e da palha. Viu também a falta de estímulo dos artesãos, sem espaço para comercializar seus produtos.

Infelizmente, a artesã não conseguiu organizar a associação. Mas criou a Central do Artesão. O espaço é agradável. Tem 100 artesãos cadastrados, com carteira de identificação. Através da central, as peças são encomendadas. O único espaço em que a maioria dos artesãos tem para expor o fruto de seu trabalho é a feira livre de Angicos.

Fabíola cita o encarecimento do material e atividades extras dos artesãos para a queda na produção. É que antigamente cada um vivia do trabalho artesanal. A prática é inviável nos dias de hoje. Programas do Governo do Estado têm ajudado a fomentar a atividade, como auxílios de microcrédito e facilidade de empréstimos, viabilizados através do Meios (Movimento de Orientação e Integração Social, do Governo do Estado). A meta de Fabíola ainda é a associação, inviabilizada por falta de dinheiro. Segundo a artesã, será o meio de melhor organização da classe artesanal do município.

## Angicos

Esculturas talhadas em madeira também fazem parte do artesanato local



### A ARTE REQUINTADA DE DULCIMAR

A escultura a partir de tocos da madeira é trabalhada em Angicos pela artesã Dulcimar Monteiro Damasceno, 51. São trabalhos minuciosos; impressionam pela beleza e qualidade. As esculturas talhadas em madeira têm essa característica de arte requintada. Parece influência da Idade Medieval. Os preços dos trabalhos, geralmente, são altos. A madeira é de lei. Dulcimar prefere o cedro ou a imburana. E a artesã assume a obra como autobiográfica. E nem precisava. Detalhes dos quadros emprestam peculiaridades ao trabalho de Dulcimar.

Alguns tipos de relevo foram criados pela artista, como uma espécie de arranhado visto em cada quadro de madeira talhada. São peças esculpidas por uma essencialidade delicada e intimista. Percebem-se vivências pessoais em cada imagem. Dulcimar retrata a figura de pescadores, da tradição popular. Nada se vê do pensamento burguês, falso e oportunista. Cada peça, mesmo com o luxo transmitido pela madeira trabalhada e envernizada, guarda uma simplicidade autêntica.

Muito do trabalho da artesã é comercializado em Natal. Alguns de seus painéis estão espalhados pela capital. Dulcimar nem sabe onde estão. Diz que vendia em feiras livres de Natal ou no Centro de Convenções, sem procurar saber o destino de sua obra. A artesã aprendeu a arte da talha em madeira através de um curso no Centro Social Urbano (CSU) de Natal. Isso há 30 anos. Tentou por algumas vezes repassar o conhecimento em Angicos. Organizou cursos e oficinas. Mas, até agora ninguém deu continuidade ao ofício.

**DAS LEMBRANÇAS  
RELATADAS PELA  
ESCRITORA SURGE  
UMA ANGICOS  
MAIS LÍRICA E  
SAUDOSA. ÉPOCA  
DE CARNAVAIS  
MEMORÁVEIS, DAS  
FESTAS BAILES EM  
QUE CADA MOÇA  
PROCURAVA EXIBIR  
A MELHOR FANTASIA**

### POESIA FEITA POR QUEM NÃO SABE ESCREVER

Mariano Bevenuto da Silva, 45, seria mais um Silva não fosse a mania de escrever versos na escola. Os amigos gostavam, incentivavam e a fama ultrapassou os limites do muro da escola para depois receber o reconhecimento como uma das expressões culturais do município. Gravou um CD amador com seus versos, em um estúdio de Angicos. Bevenuto é um desses artistas natos. Sequer sabe explicar como aprendeu a escrever. Os temas são os mais variados. Diz que responde à inspiração.

“Se vejo uma coisa boa ou ruim na rua, chego em casa e bolo os versos”. E Bevenuto precisa gravar na mente a idéia. Ainda analfabeto, as mãos da filha são o instrumento de registro de seu trabalho. Os temas são mesmo os mais variados. Bevenuto é apolítico, sertanejo e cosmopolita em seus versos. Quem afirma é ele próprio: “Faço o que me inspira. Se pedirem um verso pra campanha de um político, eu faço. Se pedirem pra falar ruim do mesmo político, faço também”.

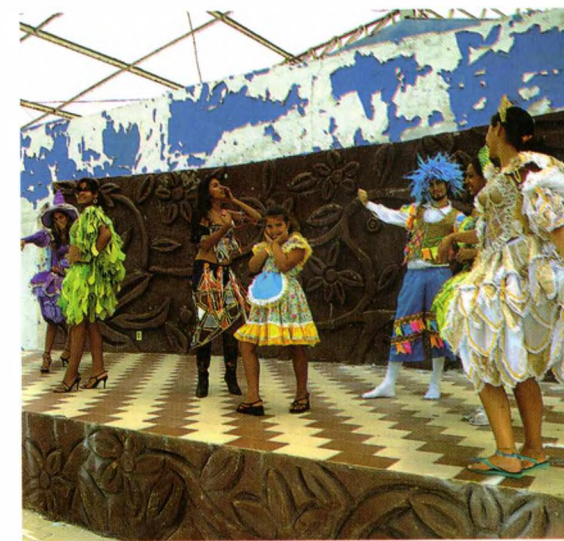
### CENTRAL VIDA LUTA PARA SE MANTER

**Os grupos parafolclóricos funcionam geralmente como instrumentos de difusão do folclore, das tradições de seus municípios ou para fins educativos. É assim também em Angicos. O grupo Central Vida tem se apresentado em eventos da cidade há sete anos. Foi fundado a partir de um grupo de quadrilha**

estilizada. Os convites para apresentação ultrapassaram o período junino e o grupo sentiu a necessidade e buscou alternativas em seu repertório de shows.

O Central Vida realiza apresentações de dança e teatro. As peças e musicais costumam contar a história de Angicos e seus personagens. Tudo encenado a partir da pesquisas históricas em fontes literárias e da contação de histórias de alguns moradores mais antigos. O grupo também repete o comumente visto nos grupos amadores de outros municípios e tem nos adolescentes a maioria dos 40 componentes.

Os fundadores do Central Vida são dois incentivadores da cultura angicana. Francisco – ou Chico do Arrocho, como é conhecido – e Ayra Moabb. Chico é secretário de cultura do município. Ayra é pedagoga e coordenadora do Unicef em Angicos e quem arquiteta muitas das coreografias do grupo. O figurino do grupo é bem composto. Algumas peças são recicladas e, segundo o próprio Chico, secretário de cultura do município, denotam as dificuldades do grupo em angariar recursos para se manter. E com mais esse adendo, qualquer semelhança com outros grupos parafolclóricos do estado não é mera coincidência.





**Maurício Gomes mostra orgulhoso uma de suas produções**

### **PAINÉIS DA VIDA COTIDIANA**

As paredes da casa do artista plástico Maurício Nunes dos Santos são painéis da vida cotidiana de Angicos. Poderiam estar pintadas em muros da cidade para embelezar as ruas mal cuidadas. São imagens religiosas, de expressões fervorosas; paisagens dos bairros e monumentos culturais do município. Muitas são caricaturas – os quadros mais vendidos, segundo o artista. Tudo a tinta óleo. A imagem da Estação de Trem da cidade tem também quatro personagens, inspirados em pessoas que vê na cidade ou que leu em livros sobre a história de Angicos. "Procuro analisar comportamentos e respirar o ar da cidade para retratar com fidelidade a imagem que vejo e conheço", diz o artista.

### **A CURA DO "MAU OLHADO" E QUEBRANTO**

Aos 97 anos, Maria Conceição Lopes Viegas, a Mariquinha, já não cura quebranto e mau olhado. Segundo suas lembranças, desgastadas pela idade, parou há uns oito anos. Recorda com dificuldade a reza feita para curar toda e qualquer moléstia. Diz mais ou menos assim: "Pedro e Paulo foram a Roma. Com Jesus se encontraram. Jesus disse: "Pedro, o que há? Mal de morte te curará. Com ramo de oliveira São João curará e mais nunca perecerá". Em uma outra, os dizeres são estes: "Seu Amâncio, amansador de touro brabo, amansará a natureza da doença desse menino, como foi amansado os tigres e os leões que passaram no Rio Jordão, como Deus e eu também". Depois, a rezadeira se benze três vezes.



**Mariquinha: curandeira de mau olhado e quebranto**

**Mariquinha disse que vinham em número de dez atrás de reza. De uma vez só. Procuravam a curandeira gente rica e pobre. A pedagoga Ayra Moab contou que o gado de uma fazenda estava morrendo. Não se sabia o motivo. O proprietário procurou Mariquinha. E ela passou o conselho: "É cobra". No outro dia acharam uma cascavel na fazenda. Um dos nove filhos de Mariquinha, Nicolau Gomes, 60, disse que após a sessão de cura, os ramos verdes usados pela curandeira ficam murchos.**

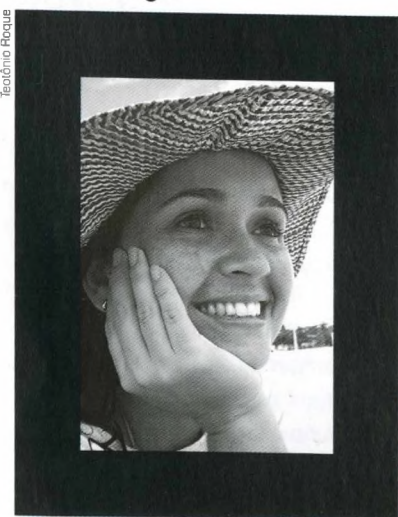
O "mau olhado" parece força oculta que produz desgraça e doença. Os interioranos acreditam nas coisas boas, mas acreditam, principalmente, nas coisas más. O mestre Câmara Cascudo estudou a crença no mau olhado. Segundo ele, o povo ingênuo e supersticioso acredita que "alguém olhou com olho mau a criança, a moça, a roseira, o animal bonito, a árvore frondosa. E nesse olhar veio a força maléfica, a energia agressiva e mortal, o veneno imponderável". Dessa maneira, o doente até é visto pelo médico, mas o curandeiro e a bruxa são ouvidos como se fossem autênticos milagreiros. No interior, médico é rei destronado. ■

# Havana

Visão  
Perspectivas  
Prédios sombrios  
Simpli**CIDADE**  
Vida feliz **CIDADE**  
Povo a sorrir  
Povo vivo  
Povo livre  
Liberdade vigiada para não ser embargada  
Povo vigilante  
Esperança eterna  
Utopia real

Poesia de Teotônio Roque sobre CUBA

Andréa Gurgel



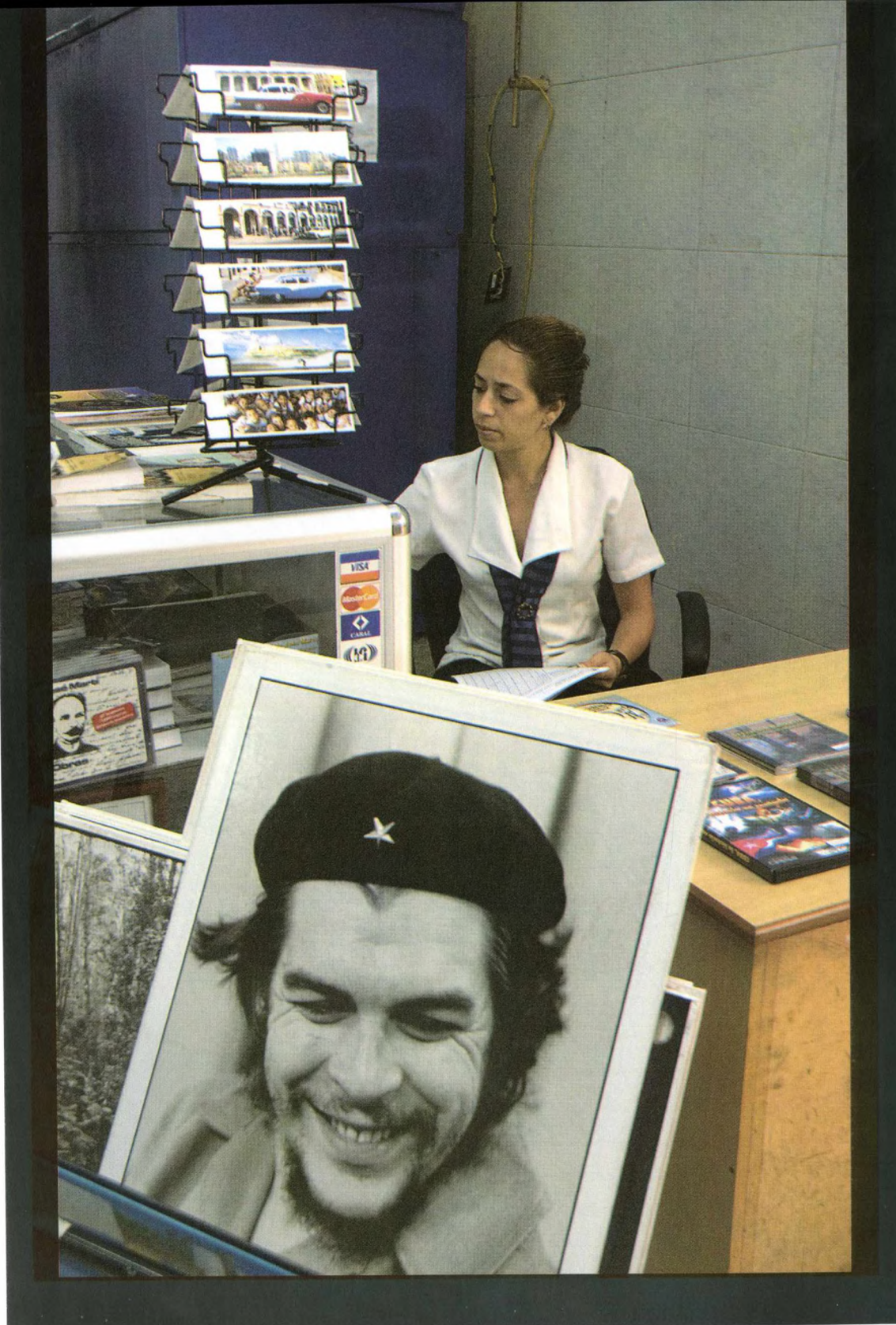
No ano de 2005, quando a possível saída de Fidel era apenas algo que se comentava baixinho pelas ruas de Cuba, a fotógrafa potiguar Andréa Gurgel fez uma viagem a Ilha que resultou nas fotos que você vê neste ensaio, que em breve será transformado em exposição.

# 1.

Artista produz e vende seus trabalhos no Largo da Catedral de Havana

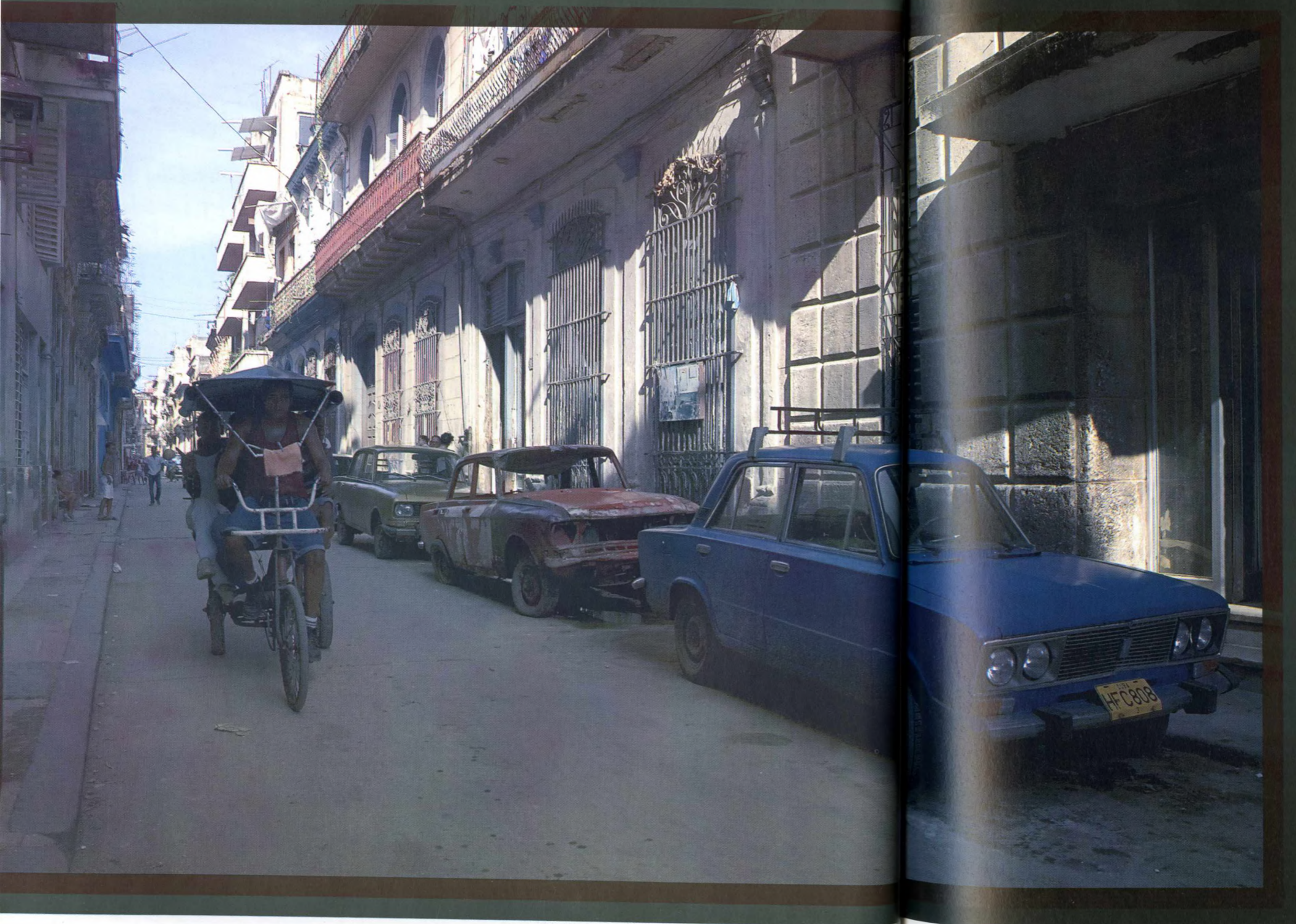


Prédio Público do centro de Havana



Lojinha da Rodoviária de Havana

# 4.



# 5.



# 6.



5. Meninas com Senhorita, tradicional doce cubano

6. Capitólio Nacional. Cópia do que existe em Washington



Franklin Serrão

**LINGUAGEM**

Impressionismo figurativo/abstrato, pós-expressionismo. Elementos de arte pop.

Serrão pinta traços coloridos e afiados como navalha. Sua pintura desafia a razão para materializar os mundos oníricos existentes em cada um de nós. Sombras coloridas esculpem volumes e tocam a viola dos mais variados temas: pescadores, cangaceiros, rupestres, bares e cabarés, fúria de deuses egípcios, nosso povo potiguar. Sua pintura é um mosaico de metamorfoses, ora densa, ora suave. Atualmente vive uma fase surrealista figurativa/abstracionista. Próxima exposição, em produção, "metamorfoses".

[www.esquinadobeco.blogspot.com.br](http://www.esquinadobeco.blogspot.com.br)

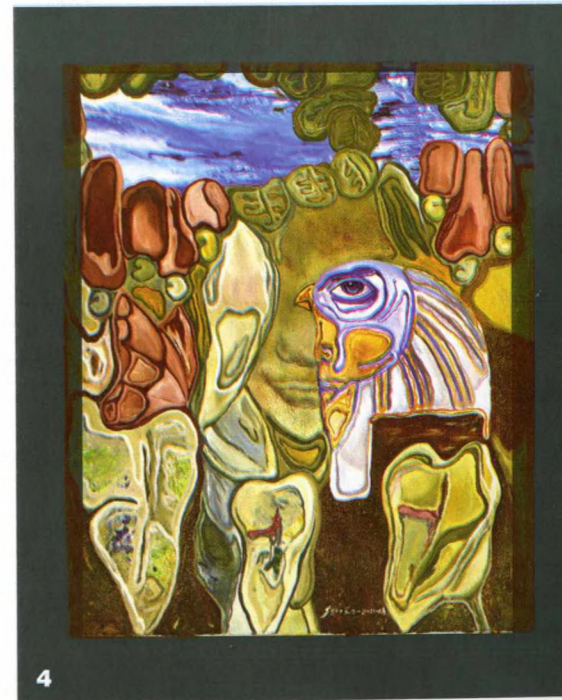


Fotos Alex Gurgel

1. Homenagem ao Mestre Vitalino 2. Duelo de Titãs 3. Desejum de Hórus (o deus falcão) 4. Retrato de Hórus



3



4

# Mariposa Blanca:

Por  
**Buca Dantas**  
Cineasta

Mariposa Blanca é um filme que mistura documentário e ficção, resultante de uma parceria entre artistas do Rio Grande do Norte e Cuba que acreditam no cinema como um instrumento a ser utilizado a serviço da transformação social, em oposição ao cinema "deseducador" e portador de elementos nocivos e desagregadores da cultura.

A idéia de realizar esse filme surgiu no ano de 2006, quando o artista visual Guaraci Gabriel convidou o roteirista Geraldo Cavalcanti e o diretor de fotografia Julio Castro para juntos irem a Cuba participar da 9ª Bienal de Artes Visuais. A idéia original era registrar a participação de Guaraci Gabriel na referida bienal. Geraldo Cavalcanti resolveu escrever então um roteiro de um docudrama que abordasse os aspectos sócio-culturais e ideológicos de Cuba e o apresentou a Guaraci que de pronto acatou a idéia. Chegando em Cuba, os artistas mantiveram contato com o produtor Guillermo Estrada que apresentou o projeto do filme ao ator Jorge Perugorria (Estorvo, Goya, Morango e Chocolate) que de imediato se seduziu pela idéia central do filme: um artista cubano que deixa a ilha durante o período especial (década de 90) e se aventura no mundo em busca do lugar perfeito para viver. 15 anos depois, após constatar que a sua pátria em nada se diferenciava do resto do mundo, ele retorna para casa, agora consciente de que os paradigmas de sociedade espalhados por todo planeta estão longe do formato de uma sociedade ideal com a qual sempre sonhara.

O filme é uma produção independente e suas gravações iniciaram em 2006. São mais de 20 horas de imagens gravadas e 10 horas de depoimentos de pessoas de diferentes nacionalidades que abordam aspectos históricos, sociais, culturais e ideológicos da ilha de Fidel. Em março passado os diretores do filme Geraldo Cavalcanti e Guaraci Gabriel estiveram em Cuba realizando as últimas cenas do filme e fechando acordo com o ICAIC (Instituto Cubano de Arte e Indústria Cinematográfica) para edição e finalização do filme.

O filme estreará, em Cuba e no Brasil, em meados de 2009. Integrantes do movimento do cinema independente dos Estados Unidos aguardam sua estréia para viabilizar sua exibição nesse país.

Os diretores alegam que seria impossível a realização desse trabalho sem os apoios do Governo do Estado do RN Fundação José Augusto (através do seu diretor geral Crispiniano Neto), Candinha Bezerra e do próprio Guaraci Gabriel que, em alguns momentos, tivera que vender algumas de suas obras para cobrir gastos com viagens.

## MARIPOSA BLANCA E O CINEMA PROCESSO

Mariposa Blanca é a continuidade do Cinema Processo, movimento iniciado no ano de 2006 com o filme Viva o Cinema Brasileiro!. Continuidade no sentido mesmo já apontado pelo manifesto desse movimento, quando aponta caminhos a seguir em função da qualidade patente, entre os autores culturais locais, no fazer cinematográfico.

## MARIPOSA BLANCA É A CONTINUIDADE DO CINEMA PROCESSO, MOVIMENTO

INICIADO NO ANO  
DE 2006 COM  
O FILME VIVA  
O CINEMA  
BRASILEIRO!.  
CONTINUIDADE NO  
SENTIDO MESMO  
JÁ APONTADO  
PELO MANIFESTO  
DESSE MOVIMENTO,  
QUANDO APONTA  
CAMINHOS A  
SEGUIR EM FUNÇÃO  
DA QUALIDADE  
PATENTE, ENTRE  
OS AUTORES  
CULTURAIS  
LOCAIS, NO FAZER  
CINEMATOGRAFICO.

O filme tem a criação e direção de dois artistas que situo em ambientes e elaboração artística paralela (e por isso complementares). Geraldo Cavalcanti (roteirista e diretor) e Guaraci Gabriel (artista visual). Planejamento e caos na mesma estrada cognitiva, permitindo o surgimento de um filme intuitivo e perturbador.

Mariposa Blanca faz uma costura étnica, psico-social e ideológica entre mundos. Ambientado em Cuba, o filme fala de valores locais e universais, como toda obra seminal. Narrativa construída através de atuações apaixonadas de artistas de vanguarda, seduzidos pela oportunidade histórica de se fazer um novo Cinema Latino-americano. ■

Julio Castro



Cenário Cubano - Fotograma do Filme

Guillermo Estrada



Equipe de Produção

# Potiguaras em Cuba



# Difundir a produção independente é condição para a criatividade e a diversidade cultural

Por

**Josimey Costa da Silva**

Superintendente de Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte e Diretora da Televisão e da Rádio FM universitárias

Comunicar é estabelecer a sociabilidade por meio da criação de vínculos integrativos entre pessoas e entre todas as áreas do conhecimento humano. A comunicação é, portanto, uma condição do exercício político, da difusão do saber e da possibilidade do aprendizado. Sua natureza é pública, e assim ela é definida pela legislação que rege a área no país. Comunicação pública significa deixar falar e ouvir toda uma multiplicidade de vozes. Isso é prerrogativa de liberdade e fundamento de interação social democrática.

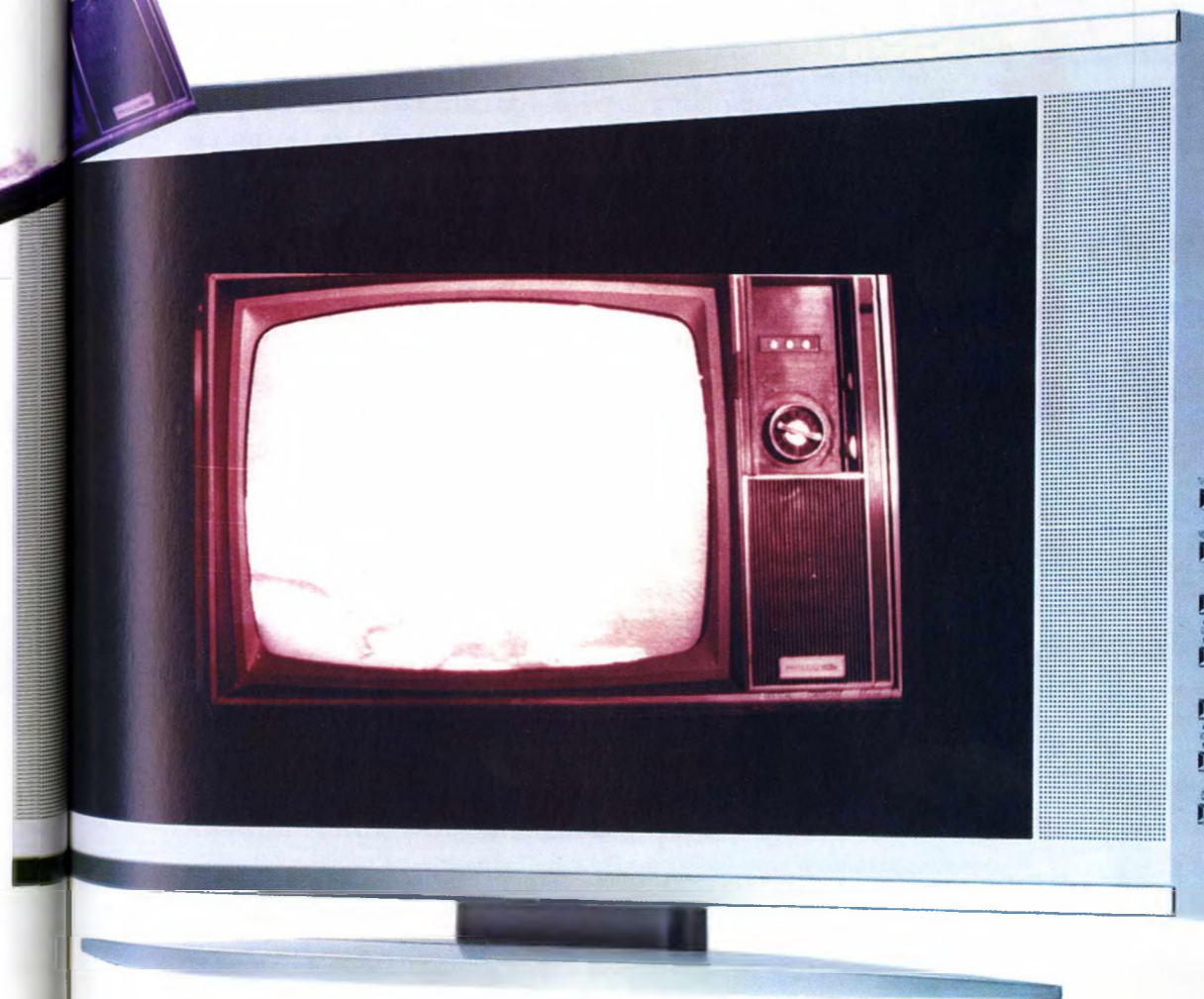
O caráter necessariamente público de qualquer comunicação social nem sempre é compreendido e exercido por empresas e profissionais que atuam na área, mas isso não deve reduzir as práticas comunicacionais aos interesses privados nem ao domínio exclusivo das instituições estatais. Todos nós temos, sem exceção, essa responsabilidade a cumprir, o que não é pouco, nem fácil, mas nem por isso menos importante.

A aprovação da medida provisória que cria a Empresa Brasil de Comunicação, ocorrida agora em março, traz a promessa de institucionalizar canais de comunicação pública em âmbito nacional, com a qualidade necessária e a abertura mais ampla possível para a sociedade como um todo. Claro está que este é um conceito que apóia qualquer televisão educativa ou cultural, mas a realidade não tem comprovado a teoria. As televisões educativas no Brasil não foram

implantadas em função de um planejamento que refletisse uma política governamental para o setor, nem foram propriamente os frutos da ação da sociedade civil organizada. Mas, com certeza, elas foram as sementes de um novo olhar que hoje podemos lançar para a comunicação pública e a radiodifusão no país.

A primeira emissora educativa a entrar no ar foi a Televisão Universitária de Pernambuco, em 1967, seguida pela TVU do Rio Grande do Norte, fundada em 1972, hoje integrante da Superintendência de Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte junto com a Rádio FM Universitária e a Agência de Comunicação. Desde o início, a TVU-RN esteve ligada às iniciativas para montar um sistema nacional e integrado de emissoras educativas data. A primeira tentativa nesse sentido, liderada pela TVE do Rio de Janeiro, criou o Sistema Nacional de Radiodifusão Educativa informalmente em 1979, com legalização em 1982. A TV Cultura de São Paulo foi outra liderança nessa área, com ações que culminaram na

**A PRIMEIRA EMISSORA EDUCATIVA A ENTRAR NO AR FOI A TELEVISÃO UNIVERSITÁRIA DE PERNAMBUCO, EM 1967, SEGUIDA PELA TVU DO RIO GRANDE DO NORTE, FUNDADA EM 1972, HOJE INTEGRANTE DA SUPERINTENDÊNCIA DE COMUNICAÇÃO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE**



## Curtas.

Arquivo / TVU



Estudante de comunicação apresenta o Telejornal da TVU

**ABRIR ESPAÇOS PARA PRODUÇÕES INDEPENDENTES E PARA CONTEÚDOS REGIONAIS TEM SIDO APONTADO COMO SOLUÇÃO PARA UMA PROGRAMAÇÃO DE QUALIDADE E CULTURALMENTE MUITO MAIS RICA**

formação da Rede Pública de Televisão em 1999. Em comum, esses sistemas e redes buscavam refletir a enorme diversidade cultural deste continente chamado Brasil, o que teve êxito sempre relativo, limitado a períodos de tempo curtos ou a centros produtores com maior peso.

Hoje, como decorrência dessa história, do desenvolvimento da tecnologia, do amadurecimento da sociedade civil, do florescimento das possibilidades de produção cultural com maior difusão ao público, podemos assumir: somos diversos, somos capazes e todos temos direito à voz ampliada pelos veículos da comunicação de massa. Tais veículos

estão cada vez mais definidos pelos conceitos de portabilidade e de construção do conteúdo pelo usuário, como também pela acessibilidade e multiplicidade de oferta. Isso implica, como dizem os analistas da conjuntura, um brutal choque de demanda pela produção de conteúdos e formatos novos a serem veiculados pelas emissoras de televisão que estão no ar. Elas vão precisar de muita e variada programação para manter o interesse do seu público, o que representa uma oportunidade histórica para a produção independente no país. Ou seja: é a vez do diretor ou produtor, do realizador que não está empregado em nenhuma televisão, que não produz atendendo a demandas fixas, mostrar o que faz.

**ATUALMENTE, AS PRODUÇÕES ALTERNATIVAS AINDA POSSUEM POUCO ESPAÇO NAS EMISSORAS PÚBLICAS, QUE ASSIM COMO AS COMERCIAIS, ATUAM COMO PRODUTORAS E NÃO APENAS COMO DIFUSORAS DE CONTEÚDO. O ESQUEMA DE PRODUÇÃO É MUITO CARO PARA TODAS, ALÉM DE LIMITAR AS POSSIBILIDADES DA CRIAÇÃO, POIS SÃO AS MESMAS PESSOAS PRODUZINDO SEMPRE.**

Abrir espaços para produções independentes e para conteúdos regionais tem sido apontado como solução para uma programação de qualidade e culturalmente muito mais rica. O 1º Fórum Nacional de TVs Públicas, realizado em Brasília em 2006, transformou essa posição num manifesto.

A TVU-RN aposta nessa direção. A programação de uma TV pública deve contemplar as manifestações culturais de toda ordem, tanto as artes visuais como a literatura, a música erudita e a popular, a informação e o debate, como forma de representar todos os grupos sociais, todos os cidadãos. É preciso veicular a pluralidade de idéias e de estéticas, e isso não pode ser feito de forma restrita do ponto de vista da produção nem da gestão.

Um bom exemplo é o programa DOCTV, lançado em agosto de 2003 por meio de convênio entre a Secretaria do Audiovisual do Ministério da Cultura, TV Cultura e a Associação Brasileira das Emissoras Públicas, Educativas e Culturais - ABEPEC. O programa DOCTV é um modelo de política pública que hoje sistematiza a coprodução e a teledifusão de documentários nacionais no Brasil e em mais 15 países. O impacto cultural da iniciativa é tremendo e, acredito mesmo, duradouro.



Programa Xequê-Mate, produzido pela TVU

Estamos apoiando o programa desde o princípio, mas queremos seguir esse caminho também com nossos próprios passos. A Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN mantém dois cursos na área da Comunicação Social (Jornalismo e Radialismo), com criação em andamento de um terceiro (Publicidade e Propaganda). Isso e mais a sua emissora de televisão de sinal aberto, a emissora de rádio FM e a agência de comunicação com veículos impressos e eletrônicos representam uma possibilidade concreta de intervenção social. Não qualquer intervenção, uma contribuição efetiva para a disseminação do conhecimento e a diminuição das desigualdades que impedem o pleno exercício da cidadania.

Por isso, estamos buscando a cooperação com entidades de atuação na área de áudio-visual, tais como Cineclube Natal, Associação Brasileira de Documentaristas/RN e outros, como os órgãos estadual e municipais de cultura, para realização de ações de difusão e incentivo e apoio à produção de vídeo experimental, documentários e filmes. Queremos exibir no rádio e na TV as produções áudio-visuais da comunidade potiguar. Por isso, estamos estreando um programa novo ainda em 2008, para o qual está sendo formado acervo e que vai difundir a produção independente local e regional.

**CONVIDAMOS A TODOS OS PRODUTORES INDEPENDENTES E AS ENTIDADES CULTURAIS A ENVIAR SUAS PRODUÇÕES PARA NÓS VEICULARMOS.** Estamos abrindo alas para essa produção não institucional, autoral, artesanal, múltipla, fundamental. Temos a pretensão de querer servir de referência qualitativa aos veículos de comunicação social do Rio Grande do Norte com a reflexão crítica como conteúdo e a experimentação como formato. Mesmo que nunca consigamos isso, só tentar já terá valido a pena. ■



Alegria Alegria durante apresentação do Alto do Caldeirão

Nivia Uchôa



# O teatro vai ao povo

Por  
Cefas Carvalho

**NATAL.** Com origens na tradição dos menestréis da Idade Média e nas trupes que iam de feudo em feudo, também na era medieval, o teatro de rua sobreviveu bravamente a todos os modismos e evoluções do teatro e hoje se mostra como uma das vertentes mais poderosas e fortes do teatro atual. E o Rio Grande do Norte tem uma tradição consistente em relação a esta arte.

Em Natal, o símbolo maior do teatro de rua é o grupo Alegria Alegria, fundado em 1983 por um grupo de atores-encenadores como Rino Dantas, Júnior Santos, Alex Ivanovich, João Pinheiro, entre outros. Dois anos depois, entrou no grupo Grímário Farias, que até hoje é um dos coordenadores e líderes da equipe.

O Alegria, Alegria consolidou o teatro de rua em Natal, fazendo, ao longo das décadas, centenas de apresentações e intervenções em praças e calçadas, levando informação e alegria para crianças, jovens e adultos com espetáculos como "As Aventuras de Pedro Malazartes" do dramaturgo Racine Santos, um de seus maiores sucessos até hoje.

Atualmente o grupo contém atores como Goreth Barbosa, Fátima Fialho, Jailson Moreira e Nilton Mendes, entre outros, e está em plena atividade, se apresentando-se em estados do Nordeste, com frequência.



Archeida Xavier

O Pessoal do Tarará faz performance nas ruas de Mossoró

### MOSSORÓ

Segunda cidade do Estado, Mossoró também tem uma forte tradição de teatro de rua. Seria impossível falar da revolução cultural em Mossoró sem citar a Companhia Escarcéu de Teatro. Liderada por Lenilda Sousa e Nonato Santos, a trupe, há duas décadas, vem compondo o cenário artístico como o mais importante grupo de teatro de rua da cidade. Especialidade: levar espetáculos ao povo, onde quer que ele esteja. Na rua ou no campo, lá estão os artistas que promovem, aonde chegam, um verdadeiro escarcéu artístico.

**NO CURRÍCULO DA ESCARCÉU, ESPETÁCULOS QUE VÃO DESDE O CLÁSSICO "PAIXÃO DE CRISTO" AO ATUAL "CHICO TIRA E MANÉ VESTE"**

Mas a especialidade da trupe é fazer o público rir e refletir com os temas que

envolvem preconceito, desigualdade social, direitos e desrespeitos que fazem parte do cotidiano do povo brasileiro. Tudo feito a partir de uma linguagem simples e direta, mas com muita riqueza de talento.

Onde tem arte e cultura a Cia Escarcéu está presente. Em 1986 foi integrante da Cooperativa Caiçara de Artistas e Técnicos de Mossoró (COOCAR), movimento que marcou a história do teatro em Mossoró. Foi a Escarcéu quem fundou, em 1988, o grupo Raízes Movimento Negro. Em 2000 resgatou para o carnaval mossoroense a personagem da Maria Espinha Brasa. Sem contar com as participações especiais nos principais espetáculos da agenda cultural do município, como O Auto da Liberdade, Chuva de Balas no País de Mossoró e Oratório de Santa Luzia.

Recentemente, a Companhia Escarcéu de Teatro teve o atual projeto aprovado pelo Banco do Nordeste do Brasil. Em meio às apresentações do espetáculo "Chico Tira e Mane Veste", o grupo vem trabalhando no próximo espetáculo que retratará o preconceito racial denominado de "Negra Sim Senhor".

De acordo com Lenilda Souza, uma das fundadoras da companhia, o novo es-



Lenilda Souza do Escarcéu durante apresentação em "A Negra"

petáculo levará ao público situações cotidianas vividas pelos negros. "Moramos numa cidade onde se cultua a libertação dos negros, mas as pessoas não se assumem como negras. Isso é uma realidade", comenta.

Um outro grupo de destaque em Mossoró é 'O Pessoal do Tarará', que surgiu da vontade de representar e levar arte para o povo. A trupe ficou conhecida na cidade pelas apresentações feitas em praças públicas, sob a produção e direção de Dionízio Neto, mais conhecido no meio artístico como Dionízio do Apodi. Hoje o grupo, com o segundo trabalho produzido, se tornou uma referência para Mossoró.

O Pessoal do Tarará, assim como vários outros grupos artísticos da terra, integram parte importante do cenário cultural de Mossoró. Com talento indiscutível, o grupo é formado por atores que fazem da arte

de representar, um alimento para a alma. Atualmente composto por onze atores, o grupo reúne gerações como um ator de 12 anos e outro de 46, que, em cena, passam a mesma maturidade de talento. O espetáculo "O Inspetor Geraldo" é uma comédia cotidiana que encanta e faz o público cair na risada. No Dia Internacional do Teatro, o grupo apresentou no Teatro Municipal Dix Huit Rosado um documentário sobre a peça. A apresentação do grupo fez parte da programação de comemoração da data na cidade. Ou seja, onde tem arte e cultura O Pessoal do Tarará é parte integrante.

O Pessoal do Tarará nasceu no dia 13 de novembro de 2002, com apenas quatro componentes. O grupo não precisou fazer muito para ter o talento reconhecido. Uma prova disto foi a oferta de patrocínio da Petrobrás. "Ficamos surpresos, porque enquanto muitos lutam por um patrocínio destes, ele veio até nós em forma de oferta. Foi muito significativo para nós que fazemos parte do cenário cultural de Mossoró", declara Dionízio.

### OUTROS MUNICÍPIOS

Uma das combinações mais perfeitas da alegria é a mistura criança e circo. E no município de Santa Cruz, na Região do Trairi, é exatamente essa a proposta da Companhia Teatral Arte Viva, coordenadora do Ponto de Cultura que leva o nome do grupo. O Ponto funciona desde o ano passado, mas faz dezessete anos que o grupo existe no bairro do Paraíso

Até aí tudo normal, inclusive o histórico de dificuldades que os integrantes do grupo tiveram que vencer para continuar existindo. Mas a "atração principal" do circo não é o palhaço atrapalhado, o intrépido trapezista ou o bigodudo domador de leões. É uma televisão!

O Arte Viva criou a ação "Da Escola ao Ponto" e já recebeu mais de 250 alunos

**O PESSOAL DO TARARÁ, ASSIM COMO VÁRIOS OUTROS GRUPOS ARTÍSTICOS DA TERRA, INTEGRAM PARTE IMPORTANTE DO CENÁRIO CULTURAL DE MOSSORÓ. COM TALENTO INDISCUTÍVEL, O GRUPO É FORMADO POR ATORES QUE FAZEM DA ARTE DE REPRESENTAR, UM ALIMENTO PARA A ALMA**

Arte Viva pretende trabalhar com todas as escolas de Santa Cruz



Alex Gurgel

da rede pública de ensino. A meta, segundo os coordenadores e também atores, palhaços e oficinairos, é atender todas as crianças e adolescentes matriculados nas 17 escolas da cidade.

Toda sexta-feira, uma turma com cerca de 30 crianças e adolescentes é convidada a conhecer o Ponto, que funciona num circo armado no pátio da sede construída em forma de mutirão, num terreno cedido por um dos moradores locais. "Levamos os alunos para uma espécie de turnê dentro do circo", afirma Marcos Antônio, integrante da companhia. "Mostramos os elementos do teatro e da cultura popular", completa Fábio de Souza, que também faz parte do grupo.

Diversos municípios do Estado possuem respeitados grupos de teatro como Janduís, com o grupo Ciranduí, que faz parte do filme que o cineasta potiguar Buca Dantas está realizando na cidade. Em Umarizal, está sendo montado o grupo Escambo. Em Açu, existe o Teatralha e em Cerro Corá, o Cordel do Pau Quebrado vem se destacando na pesquisa de elementos populares. ■

Divulgação



**QUANDO EU ESCUTO KHRYSYAL CANTAR, EU ME LEMBRO DOS MEUS TEMPOS DE CRIANÇA IRREQUIETA COM O MUNDO, COMO CALEIDOS-CÓPIO DE UMA TORRE SURREALISTA E TROPICAL.**

É como se fossem pérolas que vão se enfileirando por entre sombras e encantos. Acima da nossa capacidade de perceber que o sentimento humano (às vezes), é um mero despertador da manhã.

Khrystal, como voz que anuncia que temos compromisso com a trilha da vida, confessionário das nossas inúmeras revelações musicopoéticas, rodopia como o olhar de uma serpente, os versos que nos fazem texturas de uma promessa sobre o mar de quem sempre procurou pelo espelho refletido na própria alma.

E o roteiro que efusivamente nossos sentidos encontram, são como prateleiras abarrotadas de frutas e perfumes. Personagem de inúmeras misturas de cores sonoras. Inoculador que arremessa como uma árvore/ave, todas as nossas teias, carícias, faixas ao redor de quem se esqueceu de curtir o luar.

**Sim, Khrystal nos ensina. Nos encanta. E nos transforma. Como um carrossel de inúmeros portos, espalhando crisântemos e a elegia dos nossos infindáveis desejos. Ela é mariposa e contra-mestre.**

Arregaça com seus pulmões o fascínio pelos segredos bem guardados. Até como declaração de amor pela sua obra tão delicadamente preciosa e de inúmeros cordões e reflexos sonoros. Khrystal é mesmo uma aventura que nos cerca de cuidados e celebrações. É como dizer para nós, que através da música dela conseguimos a sagração plena. Como língua que saliva e soletra o fascínio pelo carinho que todo mundo merece.

Ladeira que escorrega como só os paralelepípedos alcançam, o desfecho do vislumbre de mãos e beijos, canção que amanhece, como nos enfeitando de ludicidades e estrepolias e da infinita capacidade que nossos corpos têm de acolher o blues e o baião.

Vejamos, como só o tempo nos promete, do que precisamos para validar tanto brilho e suor: essa moça, essa cantora, essa intérprete, essa mignon, como nome que nos faz lembrar a peneira que penera baús e rotas, é, como a própria natureza nos diz, símbolo de cor, coisa de preto, raça, que

Por  
Carlos Gurgel

**Khrystalina voz que me domina**

## Musica.

além da sua indômita vontade, é rica, exuberante em ousadias e audácias do tempo que ela escolheu como espelho, guia, fonte, estuário das suas simpatias e preferências.

Ela rompe o verniz da escuridão dos nossos próprios olhos. Desvenda a venda, se revela como conselheira de amores perdidos, sofridos e achados. Tinge o reflexo da luz da lua numa lagoa, o luar de um coração de menina, que baila como uma moça, mulher que ela é, acima de qualquer vinagre e aquarela.

E é no palco, com sua presença sonora que Khrystal desfila sua voz, como gente que desfralda incelenças, e o som de um sax, jazz, lamentos, de quem chama pelo seu chão, circundado por florações, rezadeiras, buquês, serras, caçuás e o cacto que nos limpa a língua seca e sedentária.

Sim, Khrystal nos faz signos do tempo, como bandeiras que alçam vôo, e que nos arremessam como velas acesas, lâminas que são visões de uma aventura na selva da sua intensa e inesgotável paixão pela sua música.

Como uma tradição de quem se lança no futuro, essa cantora se faz reconhecida pela sua enorme capacidade de transmitir com a sua voz a erupção dos nossos medos, fantasmas e rumores refeitos. Sinal de toque de escolher o repertório dos nossos sonhos.

Ela encara e encarna a promessa de toda uma legião de batuques, baticuns, cozinha sonora, bip bop, fraseados de quem vai fundo no sentimento dos que procuram no talhe do sol e do sal o bronzeado dos que escolheram a via do mar e das suas melodias, como porto seguro dos seus enormes paraísos.

O **samba** de Khrystal é como a cadência de uma rinha de briga de feira, que acontece com o luzir de facas e improperios. Peleja que alimenta com o seu azulejo a fogueira onde faíscam as partes de um jogo incandescente e inesquecível.

O **rock** de Khrystal lembra o rodopio, o vagão de um trem, que no seu sacolejar, no vai e vem dos trilhos, destampa a série de faces, olhos esbugalhados, prazer pelo som nos tímpanos de quem pernoita tamanha e animalesca canção.

O **xote**, na voz de Khrystal, é o próprio vexame que incendeia com o seu folhetim de serras e grutas, o gosto de quem sempre procurou pelo seu parceiro, como prenúncio de uma lembrança, em cima do rapé, do sopé da montanha de lendas e trovoadas.

### khrystal representa uma cigana em "A Festa do Menino Deus"



Anchieta Xavier

Assim, a energia e o lamento dessa cantora, é a voz que se esconde na aba de uma cacimba, de um açude, uma lusofônica luz. Parceira e paradeiro de enormes clarões e parrachos. Esparramando a cantiga dos nossos mais preciosos mistérios.

Porisso, quando Khrystal canta, somos todos ourives e sempre oferendas, lapidados como um beijo que nos persegue, anunciando o cortejo das tormentas e o escárnio do mundo que não passa de um instante na janela do seu dicionário ferido. Sim, pousemos na sua música, como uma crônica dos costumes do nosso quintal, quando anuncia que o humano pântano das nossas emoções, é como um incêndio que dilacera o ócio e o caos de todas as luzes que encontramos pelo caminho de quem sempre procurou pelas pedras e pelos ossos do nosso correio lírico/sentimental, carmim das nossas máscaras contemporâneas. Litorâneas.

E o híbrido som, como saindo de caixas preciosas e alforriadas, ecoa por sobre os nossos instintos, fascínios e sincronicidades, pronto como o mais insubstituível arremate orquestral, tocado por imensas e titulares nuances vocais.

**ESSA KHRYS TAL É MESMO UMA REVOADA DE POSSIBILIDADES VOZÍFERAS. DA LAMENTOSA CANÇÃO QUE RETRATA COMO UMA IMAGEM PERENE E PERFECTA, O IMBROGLIO DE UMA RELAÇÃO EPIDÉRMICA E INDIGESTA; ATÉ UMA VISAGEM QUE CONCLAMA A LUA, PARA JUNTOS LIMAR A SINUOSA ESPINHA DE UM POEMA BARROCO.**

Essa menina, essa deusa de cor e concreta, se refaz, o tempo todo, em constante redemoinho, alçando sua voz, espalhando com o seu furor e tremor, os corações de quem sempre desejou a limpa luz do seus solos.

Tomemos o seu estilo para conseguirmos entender o seu próprio ritmo: ela destampa a casca do coco, embolada, baião, lamento, blues, síncopes de brasilidade contemporânea, desnudez, carne e osso, intenso idílio de uma confissão que ressuscita tendas e máscaras, sortilégios e intensas paixões.

Pensando assim, a canção que Khrystal professa é uma grande gruta. Loca que desloca com o seu sulco, o vulto, o cochichar do vento, da folia que arrasta com o seu ar, o lamento do mar onde nascemos na Ponta do Morcego, Camurupim, Black Point, Artistas, Genipabu e inúmeros outros litorâneos grãos de areia.

Ela é como uma fada de cordão encarnado. E nesse seu mar, estalagem de prenúncios e prepúncios, somos estrelas, azedumes, lendas das ondas que molham nossos leitos e pescarias.

Uma jóia que brilha intensamente. Como voz que se espalha e contagia a todos. Pedra preciosa. Cristal das nossas mais infinitas e lapidadas canções. Como eco intenso e feroz. Bruxa linda de nós. ■

### Khrystal em "A Festa do Menino Deus"



Anchieta Xavier

O

## caleidoscópio-Caetano e a diferença em suas canções

Por  
João Batista de Moraes Neto

O escritor Caio Fernando Abreu observa na obra do compositor Caetano Veloso uma multiplicidade de vozes, as quais são responsáveis por compor o universo de sua canção. Para o escritor gaúcho, há vários sujeitos na feição dessa obra, o que acaba produzindo um caleidoscópio. Essa é a imagem que o escritor visualiza a partir do seu olhar sensível:

**ESSE CALEIDOSCÓPIO-CAETANO, VOCÊ PODE GIRÁ-LO NAS MÃOS PARA ENCONTRAR SUBITAMENTE SAMBA E ROCK, DALVA DE OLIVEIRA E BOB MARLEY, FREVO E FADO, AMÁLIA RODRIGUES E JOHN LENNON, BOLERO E REGGAE, ELVIS PRESLEY E VICENTE CELESTINO. POR SER UMA FRONTEIRA, AQUELA QUE COM UMA GUITARRA ELÉTRICA DIVIDIU A MÚSICA BRASILEIRA EM ANTES E DEPOIS DELE, CAETANO NÃO TEM FRONTEIRAS. (ABREU, 2005, P. 148)**

Esse caleidoscópio, como diz Abreu, já existe desde os heróicos tempos do tropicalismo. Afinal, isso já estava incorporado ao projeto desse movimento. Assim, o elemento fronteiro torna-se importante para que se possa visibilizar as imagens que dizem respeito à constituição de identidade dos textos velosianos. Considerando o que foi citado, o ser fronteiro desmonta as fronteiras, abrindo espaço, então, para lugares intercambiáveis da cultura. Daí evocar-se o "passante mestiço", de Michel Serres, que na performance da obra de Caetano associa-se a uma escrita cambiante da canção. Em que consiste, pois, esse entre-lugar, esse fronteiro espaço capaz de criar



essa imagem tão ricamente sugestiva de um caleidoscópio no ambiente da cultura brasileira? O "eu sou trezentos, sou trezentos e cinqüenta" de um marioandradino... Caetano que é sempre tão oswaldiano? Esse caleidoscópio que, no espaço cultural de nossa contemporaneidade, sendo capaz de desmontar uma série de mitos do conservadorismo local, assume sua condição de mulato, levando-se em conta o que se sabe a respeito da "autonegação" que caracteriza os diversos movimentos da história canônica de nossa cultura, principalmente, no tocante às letras. Sua imagem caleidoscópica é desestabilizadora e, por isso, instiga-nos ao debate. Risério (p. 79), a propósito, esclarece-nos que: a condição mulata, com seu caráter fronteiro, intersticial, complica ainda mais o quadro, trazendo uma outra dose de ansiedade, insegurança e preocupação. É dessa forma que essa imagem caleidoscópica, associada à posição mulata do sujeito, impulsiona-nos em direção ao "elemento híbrido" de Santiago, ao tratar de literatura no ensaio "Entre-lugar do discurso latino-americano". Diz ele:

**A MAIOR CONTRIBUIÇÃO DA AMÉRICA LATINA PARA A CULTURA OCIDENTAL VEM DA DESTRUIÇÃO SISTEMÁTICA DOS CONCEITOS DE UNIDADE E DE PUREZA: ESTES DOIS CONCEITOS PERDEM O CONTORNO EXATO DO SEU SIGNIFICADO, PERDEM SEU PESO ESMAGADOR, SEU SINAL DE SUPERIORIDADE CULTURAL, À MEDIDA QUE O TRABALHO DE CONTAMINAÇÃO DOS LATINO-AMERICANOS SE AFIRMA, SE MOSTRA MAIS E MAIS EFICAZ. (SANTIAGO, 1978, P. 18)**

Com a escolha dos textos velosianos, deseja-se colocar em cena, ou seja, pôr em relevo, uma tessitura artística que implica na abordagem dos aspectos negligenciados pela cultura, mesmo que essa escolha diga respeito a um poeta que, no mercado brasileiro da canção, já se constitua como um "medalhão". É preciso evidenciar que sua obra, como uma performance que é investida de criticidade, estabelece um lugar de interpelação, o qual pode estar associado ao pensamento serriano: toda evolução e todo aprendizado exigem a passagem pelo lugar mestiço (SERRES, p. 19). Essa incursão pelo "lugar mestiço", o entrelugar de que fala Santiago e também Homi Bhabha, apresenta esse caráter intercambiante da cultura, em que o sujeito é um passageiro mestiço. Trata-se do "elemento híbrido", que desfaz as noções eurocêntricas de unidade e pureza. Nesse movimento, o que se instaura é a criticidade da diferença.

Esse é o "novo discurso crítico" compreendido por Santiago, por meio do qual a obra cambiante, mestiça, procurará exercer o seu papel crítico, sendo a voz (ou vozes) assumidas pelo "sujeito da periferia", de acordo com Cornejo POLAR (p. 56). Convém observar que o sujeito das canções velosianas opera esse deslocamento, incidindo em criticidade, cuja pertinência da diferença traz à cena o caleidoscópio, suas diversas máscaras reveladoras da diversidade cultural.

Para BHABHA (P. 20), "a representação da diferença não deve ser lida, apressadamente, como o reflexo de traços culturais ou étnicos preestabelecidos, inscritos na lápide fixa da tradição", mas como a mescla, o "elemento híbrido", uma outra possibilidade de representação ou expressão que articule "a diferença cultural". Daí poder-se ver que o Caleidoscópio-Caetano agencia essa articulação na performance lítero-musical de suas canções. Essa hibridação remete ao sentido de ambivalência que a palavra poética faz irromper em seus textos. Aí é visível a máscara velosiana, essa "expressão das transferências, das metamorfoses", "alegre negação da identidade e do sentido único", como afirma Bakhtin (1987, p.35) em seus estudos sobre a cultura popular no contexto da Idade Média e do Renascimento. Sendo que, na contemporaneidade da arte velosiana, essa expressão se dá no conjunto de inter-relações propiciado pela canção, a performance interativa dos gestos e do texto cantado, a que Bakhtin se refere como uma "peculiar inter-relação da realidade e da imagem" (idem).

No entrelaçamento de vozes que costumam compor a canção velosiana, assumir-se mais do que se esconder é o procedimento corrente que faz revelar suas posições de identidade, sempre no limiar da perspectiva político-cultural. Fazendo-se a ressalva de que, quanto ao político, a relação é por outro viés, uma vez que o mais importante é desmontar, com base numa perspectiva cultural, a dicotomia esquerda/direita, considerando aspectos que a visão política convencional não achava importante discutir ou problematizar.

Para Caetano, o Recôncavo não é somente a metáfora reiterativa que dá voz ao lugar de onde se fala, mas uma imagem que se multiplica em diversas faces. É nesse lugar mestiço que se encontram as falas do poeta. Múltiplas vozes que remetem ao passado envolto no presente de Sugar Cane Fields

Forever, quando a transposição do cenário da Liverpool dos Beatles refaz-se na serena contemporaneidade da mata urbana do Recôncavo. Desse modo, Strawberry transmuda-se em sugar cane. Veja o texto da canção:

**Verdes mãos  
Cavalinho de flecha  
Eu quero, eu quero  
Sou um mulato nato  
No sentido lato  
Mulato democrático do litoral**

**Vem  
Comigo no trem da Leste  
Peste, vem no trem  
Pra Boranhém**

**Verde Vênus  
Ir, ir indo, ir, ir indo, ir, ir indo  
Pra passar fevereiro em Santo Amaro**

O diálogo encenado pelos poetas Caetano e Sousândrade, além dos Beatles, em versos tão rápidos, viabiliza uma discussão cultural que envolve os signos da urbanidade e do rural, do provinciano e do cosmopolita, a fim de travar um debate que extrapola a paisagem tacanha do mero nacionalismo. Para WISNIK (2005, p. 106):

**ISSO DEMONSTRA QUE TODO O SEU COSMOPOLITISMO VANGUARDISTA SE ALIMENTOU DA DIALÉTICA ENTRE A NECESSIDADE DE FORÇAR UMA SAÍDA INTELLECTUAL DA PROVÍNCIA, E A DE PROVAR QUE O OLHAR SOBRE O MUNDO PODE SER CONSTRUÍDO A PARTIR DO VÍNCULO SENTIMENTAL COM A MESMA.**

É nesse sentido que uma série de canções de Caetano será produzida, estabelecendo uma maneira eficaz de fundir a sua origem do Recôncavo com a paisagem urbana de Salvador e de outras grandes capitais por onde ele andou. O mundo arcaico do interior, da cultura da cana-de-açúcar não está muito distante do comércio que era feito entre os que fornecem a matéria-prima e os que dela se apropriam em termos de grandes lucros. A relação dominador/dominado, colonizador/colonizado permeia as mesmas questões que serão problematizadas em versos pré-tropicalistas, tropicalistas e pós-tropicalistas. O "sujeito da periferia" investe-se de cosmopolita, a partir de sua postura antropofágica, declarando-se mulato para o mundo, a fim de expor uma identidade possível entre tantas. Diz o poeta moderno do Recôncavo: eu nasci no Brasil e sou mulato do interior da Bahia, filho de gente do povo. (...) Gente do povo brasileiro mesmo! (VELOSO, 2001, p. 10) Em sua fala em entrevistas ou em seus versos das canções, o sujeito assume a identidade problemática. Aquela que é descartada historicamente pelos cânones culturais. Risério (1993) aborda esse problema da auto negação em seu ensaio e cita as figuras ilustres de Machado de Assis, Mário de Andrade e Jorge de Lima, como aqueles que mal tangenciaram a perspectiva de poderem assumir sua cor da pele e no que isso poderia trazer em termos de temas e discussões relevantes para a cultura brasileira. Por isso, torna-se pertinente trazer à

baila essa questão nos poemas das canções velosianas, pois elas interagem com a tradição, sem negá-la. Abrem caminhos para novas leituras, novos posicionamentos, além de produzirem uma mestiçagem na própria relação entre forma e conteúdo da canção. O aspecto híbrido é uma constante na escolha das palavras, das imagens, dos referentes. Na complexidade do conjunto que resulta de letra e música, os sons, os arranjos, os gestos da performance criativa no palco, o cenário, tudo isso envolve uma diversidade de aspectos culturais que produzem a diferença responsável por desmontar a pureza e a unidade concebidas como verdades únicas no panorama da cultura ocidental. ■



# Fundação José Augusto, 45 anos

Por  
**Tarcisio Rosas**  
Sociólogo e pesquisador do CEPEJUL

Esta edição da Revista PREÁ, de certa forma, homenageia o transcurso do 45º aniversário desta instituição cultural, surgida a partir da constatação do então Governador do Estado, Jornalista Aluizio Alves, de ser o Rio Grande do Norte desprovido de uma política efetiva, nesta área. Diz ele: "As raras atividades, nesse setor, eram atribuídas à Secretaria de Educação que, com as tarefas próprias e os encargos dos convênios com a Aliança Para o Progresso, não dispunha de tempo nem de recursos para promover estímulos à cultura" (Jornal "O Galo", jun., 1993). Concretizaria sua idéia com o Decreto-Lei n.º 2.885, de 8 de abril de 1963.

Ata de Instalação do Conselho Curador e Conselho Diretor da Fundação José Augusto e posse dos respectivos membros.

— Aos três de junho de mil novecentos e sessenta e três, num dos Salões do Palácio do Governo, sob a presidência do Dr. Helião Carneide de Albuquerque Galvão, reuniram-se em sessão conjunta o Conselho Curador e o Conselho Diretor da Fundação José Augusto, constituído na forma do Decreto n.º 4.068, de 29 de maio último e dos respectivos atos de publicação publicados no Diário Oficial em 30 de maio. Estão assim constituídos os dois órgãos:

**Conselho Curador:**  
Epifanio Dias Fernandes  
Dr. Roberto Pereira Varela  
Dr. Carlos Medeiros  
Dr. Armando Renato Fernandes  
Dr. Manoel Benício de Melo Sobrinho  
Dr. Pedro Coelho da Silva  
Dr. Jocelyne Villar de Melo  
Jornalista: Esmarcos Calazans Fernandes

**Conselho Diretor:**  
Dr. Silvino Carmelino de Faria  
Dr. Paulo Pinheiro de Viveiros  
Dr. Helião Carneide de Albuquerque  
Dr. Abelardo Calazans

ARQUIVO FJA / CEPEJUL



Grupo Escolar Antonio de Souza, inaugurado em Primeiro de maio de 1923 no prédio onde está instalada atualmente a Fundação José Augusto

**NO SEGUNDO SEMESTRE DE 1979 FOI PROMOVIDA AMPLA REFORMULAÇÃO NA ESTRUTURA DO ÓRGÃO, DOTANDO-O DE MAIS AGILIDADE E AMPLIANDO SUA ABRANGÊNCIA.**

No início, uma de suas funções básicas foi a de aglutinar e manter outros organismos que lhe eram preexistentes: a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Natal, o Instituto Juvenal Lamartine, a Faculdade de Jornalismo Eloy de Souza e o Museu de Arte e História, bem como a de criar e manter a Biblioteca Pública do Estado (entraria em funcionamento em 1969). Quanto à Faculdade de Sociologia e Política, criada em 1965, era integrada à estrutura do Instituto Juvenal Lamartine.

Assim é que, desde a sua criação e até 1975, destacavam-se as faculdades como a viga mestra da instituição, posto que as intervenções culturais, propriamente ditas, restringiam-se, via de regra, a conferências isoladas e a ciclos de palestras e debates sobre temas vinculados às áreas de conhecimento daqueles cursos, salvo, evidentemente, as atividades inerentes ao museu e à biblioteca e eventuais apresentações artísticas. Convém mencionar, ainda, que, com o advento da Gráfica Manimbu (1965), foi iniciada a publicação de livros, no entanto apenas 35 títulos foram editados até 1973.

## Especial.

Após a transferência daqueles cursos para a UFRN, em 1975, simultaneamente à criação e operacionalização da Consultoria Técnica, inicia-se nova fase no desempenho da FJA. São daquele período os projetos Circo da Cultura (que permaneceria em atividade até o fim dos anos oitenta) e notáveis obras de restauração de monumentos históricos e artísticos, quais sejam: antiga Casa de Detenção de Natal (hoje, Centro de Turismo), Casa-grande do Engenho Guaporé, em Ceará-Mirim, e Solar do Ferreiro Torto, em Macaíba.

Pouco antes (1974), surgiram o CEPEJUL – Centro de Estudos e Pesquisas Juvenal Lamartine (na verdade, uma nova designação jurídica para o antigo Instituto, permanecendo com as mesmas características e atribuições) e o Centro de Desenvolvimento Cultural, que teria importante participação no processo de operacionalização do Sistema Estadual de Bibliotecas, iniciado no ano anterior, na criação e implantação da Consultoria Técnica e na promoção de eventos culturais diversos, como encontros folclóricos e literários. Foi este Centro responsável pela organização e execução de importante seminário sobre a valorização do patrimônio histórico e artístico, objetivando definir as prioridades, nessa área, para restauração.

No segundo semestre de 1979 foi promovida ampla reformulação na estrutura do Órgão, dotando-o de mais agilidade e ampliando sua abrangência. Naquela época o Centro de Desenvolvimento foi cindido, dando origem ao Centro de Documentação e ao de Promoções Culturais, e é com base neste tripé – CEPEJUL, CEDOC, e CPC – que se desenvolvem, desde então, a maioria das ações da Entidade. Com efeito, dezenas de estudos e pesquisas foram realizadas,



Arquivo FJA / CEPEJUL

**José Augusto Bezerra de Medeiros, patrono da Fundação**



**Faculdade de Filosofia, criada em 1955 e inaugurada em 1957 no prédio onde hoje está instalada a FJA**

englobando a história de diversos municípios, do extinto BANDERN, de instituições estaduais de saúde e da própria Fundação; sobre a política de combate às secas, antes e depois da SUDENE, e sobre personalidades da história potiguar, cujo 1º volume incluiu nomes compreendidos entre os séculos XVI e o XIX (está em processo o 2º volume, cobrindo o século XX). Deixamos de citar outros trabalhos realizados pelo CEPEJUL por absoluta falta de espaço.

O CEDOC, por sua vez, é responsável pela organização, guarda e preservação de documentos em suas diversas formas, além de gerir memoriais, museus, bibliotecas e o setor de preservação do patrimônio histórico e artístico. Quanto ao CPC, compreende os segmentos que operacionalizam atividades pertinentes à cultura popular, à música e à dança. Os projetos mais marcantes, ao longo do tempo, foram, entre outros, o de Feiras Culturais, os de Festivais de Folclore e de João-rebondo, o de Encontro de Cultura Popular, de Apoio às Bandas de Música, etc.

Considerando, como dissemos acima, o espaço restrito de que dispomos para o presente enfoque, enumeramos tão-somente a ocorrência de outras estruturas e iniciativas, como sejam: Teatro Alberto Maranhão, Instituto de Música Waldemar de Almeida, Cidade da Criança, Orquestra Sinfônica, Teatro de Cultura Popular, Corais Canto do Povo e Harmus, Projeto Seis e Meia, EDTAM- Escola de Dança, Casas de Cultura Popular, Centro Experimental de Teatro e outros.

A quem interessar mais informações, sugerimos consultar o título FUNDAÇÃO JOSÉ AUGUSTO: 40 ANOS (1963-2003), publicado em 2004. ■



**Fachada atual da Fundação José Augusto**

somente ao Conselho Diretor, tinha como  
deliberação de convocar conjuntamente os  
Conselhos.  
Comunicou também que estavam  
ultimadas as providências para fecharem  
das caducas da Faculdade de Filosofia.  
Detalhadamente o assunto  
a tempo ficaram estabelecidos os segui-  
mas:  
I - Não haverá licença  
II - Não haverá licença  
III - A licença para  
IV - Em relação às li-  
em caráter excepcional e por vol-  
fissou o seguinte: a) manter as  
didas anteriormente as fun-  
dação; b) manter, sem vone-  
as que foram comatidas pos-  
momento da Fundação; c) e  
Conselho Técnico, Administrativo

# Retratos de uma cidade através do cartão-postal

Por José Correia Torres Neto

Dentre os elementos mais fidedignos para a composição da história encontra-se a arte fotográfica. Coloridas ou em preto e branco observam-se de imediato as evidências físicas, descritivas e conceituais de uma época. A fotografia, referenciada como uma das mais belas artes, apresenta o dinamismo que envolve um espaço, um lugar, uma cidade, uma sociedade, mostrando desde os seus detalhes arquitetônicos até os usos e costumes de uma determinada época.

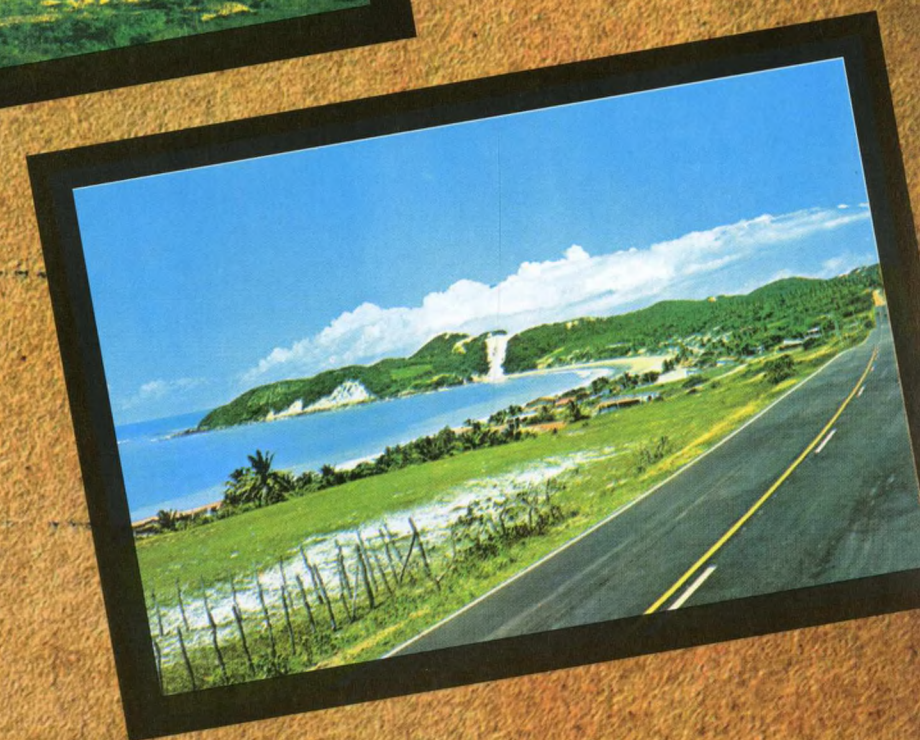
EXISTE UM ACERVO, AINDA ESPALHADO E À ESPERA DE UM MUSEU, DE DIVERSAS IMAGENS DE NATAL QUE MOSTRA O QUANTO A CIDADE SOFREU MODIFICAÇÕES EM SUA ESTRUTURA FÍSICA, ARQUITETÔNICA, URBANÍSTICA E ATÉ MESMO EM SUA ESTRUTURA ARBÓREA. ALGUMAS DESSAS IMAGENS COMPÕEM VÁRIAS SÉRIES DE EDIÇÕES DE CARTÕES POSTAIS QUE CIRCULARAM ENTRE ÀS DÉCADAS DE 70 E 90 DO SÉCULO PASSADO.

Alguns cartões da cidade ameaham diariamente em sebos os postais que retratam uma Natal não tão distante no tempo, mas bastante modificada nas lembranças de muitos de seus habitantes. São garimpagens do pop-art que, depois de algum tempo, servem como referência pictórica de uma época, de um momento.



REPRODUÇÕES DE CARTÕES-POSTAIS

Acima, Estádio Presidente Castelo Branco (Castelão), hoje chamado de Machadão. Foto Jaeci. Distribuidor J. Pereira e Cia Ltda.



Ao lado, Praia de Ponta Negra. Foto Jaeci. Distribuidor J. Pereira e Cia Ltda.

Quando se analisam algumas dessas imagens, elas nos reportam a uma cidade ainda acanhada em relação ao real progresso de um centro urbano, o acentuado desenvolvimento imobiliário, a redução drástica de áreas verdes e de aquíferos, e o obsoletismo de algumas de suas construções apontam um crescimento vertiginoso e bastante arriscado de uma determinada região. Nas imagens desses postais, pode-se analisar o quanto foram deficientes e até o quanto foram imprudentes algumas ações em relação à história dessa cidade. Desse momento em diante conclui-se que os cartões-postais – frequentadores de rodoviárias, aeroportos e mensageiros de boas novas – possuem a sua importância para uma análise da dinâmica urbana em um relativo intervalo de tempo.

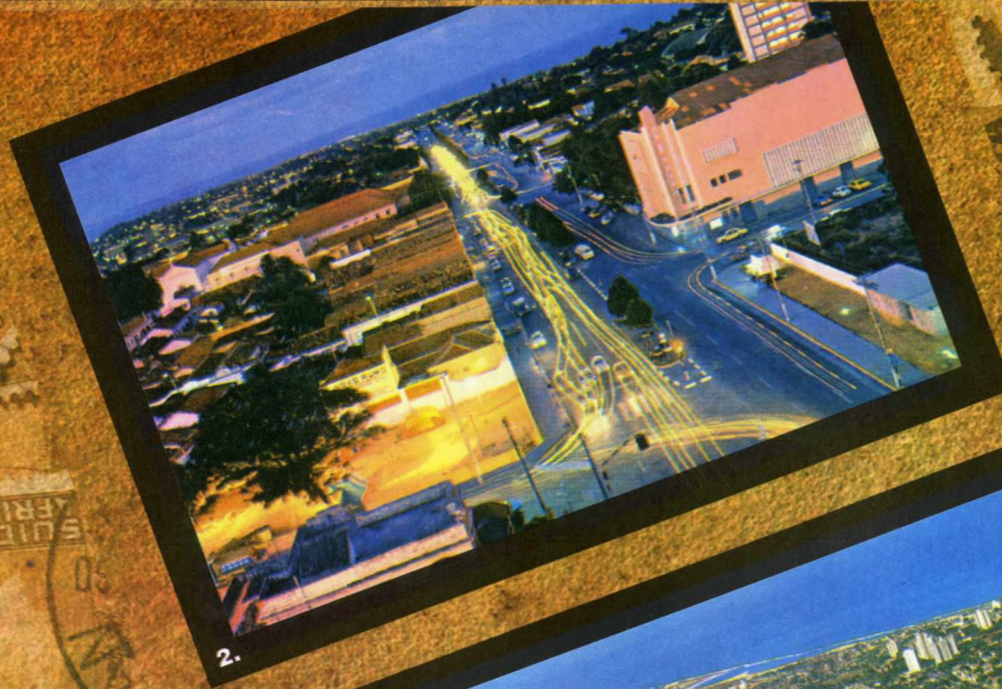
1925



### AS MODIFICAÇÕES ARQUITETÔNICAS E A VERTICALIZAÇÃO DO CRESCIMENTO

A observação dos espaços físicos existentes na cidade e suas edificações através das imagens de alguns cartões-postais das décadas de 70 a 90 indicam uma cidade ainda meio adormecida em relação à sua verdadeira beleza. A visibilidade de suas dunas, de seu rio, de suas praias ainda não estava ameaçada e nem tão encobertas pela verticalização imobiliária.

Os prédios antigos que compartilharam o crescimento de uma geração, ou que construíram uma modernidade momentânea, se impõem como que se pudessem resistir às intempéries e às absurdidades das idéias e dos desejos humanos.



1. Praia do Meio.  
Editoração e fotografia  
Eduardo Sallum.

2. Vistas parcial noturna.  
Fotógrafo não informado  
no cartão-postal

3. Vista parcial da cidade,  
praias e Rio Potengi.  
Foto Tavares. Distribuidor  
Livraria Opção

4. Praia de Ponta Negra e  
Parque das Dunas. Foto  
Tavares. Distribuidor  
Livraria Opção

As novas construções, que vieram ocupar os espaços vazios ou que vieram substituir os velhos prédios de paredes grossas e sem cor, não pouparam esforços para alargar-se ou para sobrepujar aqueles que – sob a luz da modernidade – já não eram tão imponentes assim.

Natal cresceu com paredes de concreto e vidro, tornando-se visível apenas para poucos, pouquíssimos. E os prédios antigos e os espaços abertos que estampavam os cartões-postais passaram de uma realidade cotidiana para apenas lembranças saudosistas.

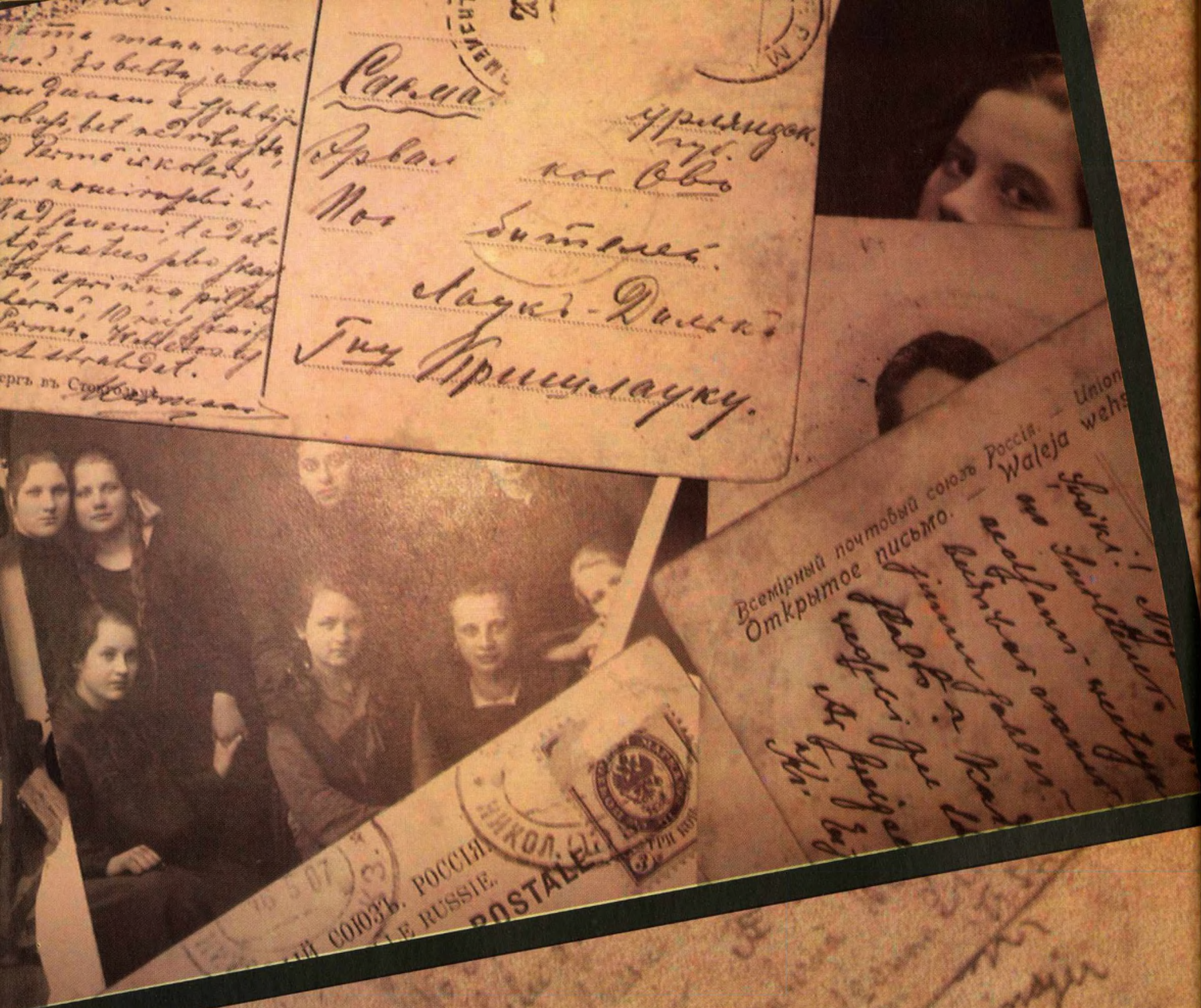
Os espaços vazios ou os locais cobertos por densas vegetações que caracterizavam as dunas, a estrada de Ponta Negra, Petrópolis, Tirol, Praia do Meio, como tantos outros locais, foram substituídos por coloridos arranha-céus. Atrrelados ao desenvolvimento urbano, a ocupação dos espaços e a substituição do verde pelo concreto cinza não obedeceram a uma regra clara e nem a uma racionalidade ecológica.

### ARBORIZAÇÃO E MEIO AMBIENTE

As teorias sobre as ilhas de calor, mudanças bruscas de temperatura, avanço do mar em algumas cidades e de outros fenômenos climáticos são comprovadas

claramente na região metropolitana de Natal. Além dessas ocorrências observa-se a redução drástica da quantidade de árvores nas ruas da cidade e a falta de uma política ambiental adequada que vise à ocupação dos espaços com vegetações nativas de médio e grande portes.

Luis da Câmara Cascudo, em uma crônica intitulada "A taça florida" publicada no jornal "A Republica" em 07 de fevereiro de 1929, já observava uma Natal que no passado fora um cidade abundante de jardins. Outras crônicas cascudianas mostram diversos elementos que causavam desajustes no cotidiano ambiental de Natal quando, por exemplo, ele escreveu que "a vida apressou o rythmo e estas flores desapareceram", abordando o acelerado crescimento de Natal em substituição à arborização das ruas e avenidas. As imagens de alguns cartões-postais de Natal mostram a certeza da devastação ambiental causada pelo crescimento urbano. Praia de Ponta Negra, Tirol, Petrópolis e outros bairros foram modificados ou projetados sem a preocupação de preservar as espécies nativas e nem de repor as que foram sacrificadas, tornando a cidade um grande parapeito de concreto armado.



#### A ORIGEM DO CARTÃO-POSTAL

O cartão-postal foi instituído no Brasil através do Decreto nº 7695, de 28 de abril de 1880, pelo conselheiro Manuel Buarque de Macedo que era o Ministro da Agricultura, Comércio e Obras Públicas. O cartão postal era um retângulo de papelão fino com o objetivo de circular pelo Correio sem a necessidade de um envelope. Uma de suas faces era destinada ao endereço do destinatário, juntamente com a impressão do selo postal, e a outra era utilizada para a mensagem. O tamanho reduzido, em relação às cartas comuns, e a dispensa do uso do envelope tornaram essa forma de correspondência mais fácil e bem mais barata.

Os primeiros cartões postais emitidos faziam parte do monopólio oficial, mas no fim do século XIX alguns países começaram a autorizar as indústrias particulares a imprimirem cartões postais para serem circulados através dos correios após a colocação dos selos no valor fixado. Houve um grande estímulo na utilização do cartão-postal e com isso começou-se a inserir gravuras de vários tipos que compartilhavam o mesmo local com a mensagem.

A diversidade de gravuras, em cores ou em preto e branco, despertou o interesse de muitas pessoas em guardar os cartões postais. Os cartões postais eram recordações de viagens ou presentes de amigos, além daqueles obtidos por compra ou troca. Com a variação e circula-

ção intensa desses cartões, culminou no colecionismo de cartões postais: a cartofilia.

Os cartões postais ganharam impulso com os novos processos que permitiram imprimir a imagem colhida pela fotografia, e com a popularização, ocorreu a autorização legal quando os correios de todos os países, no final do século XIX para início do século XX, permitiram que a gravura ou a foto, ocupasse todo o espaço de uma face.

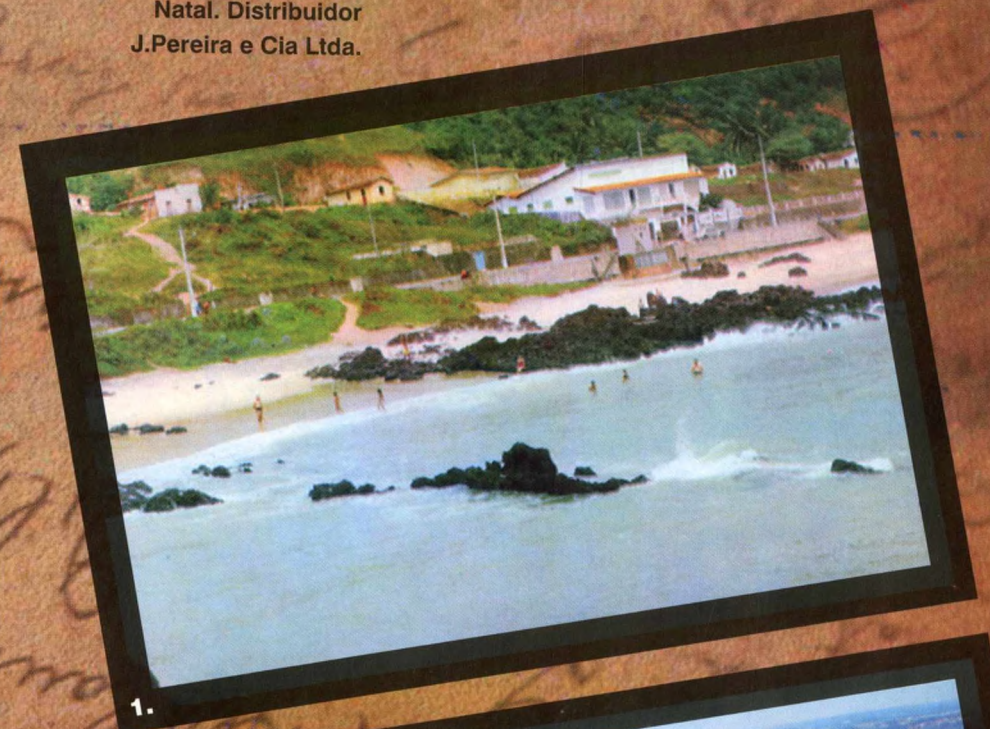
Muitas pessoas foram responsáveis pela produção de cartões postais no Brasil. Fotógrafos, ilustradores, tipógrafos, mostraram a arquitetura, a moda, os transportes, os estilos artísticos, o folclore, a religião e toda a cultura brasileira, assim como eram realizados em todo o mundo.

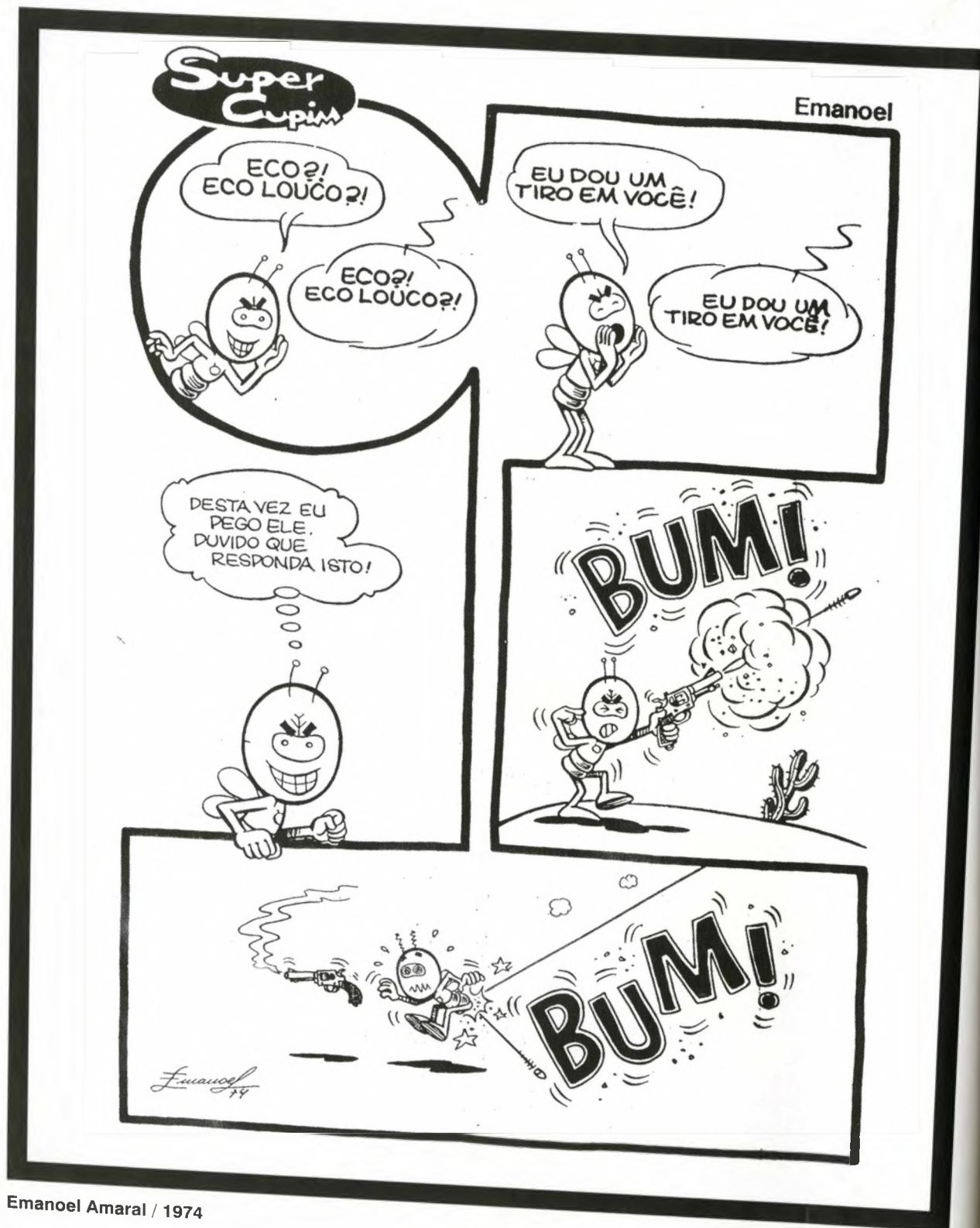
Em Natal, um dos responsáveis pela produção de cartões postais foi Fortunato Rufino Aranha (João Pessoa, PB, 1862 – Natal, RN, 18.04.1947). Fortunato Aranha é considerado o mais antigo livreiro da cidade e o proprietário de uma das maiores bibliotecas. A sua livraria Cosmopolita localizava-se à rua Dr. Barata e ostentava na fachada a inscrição “artefactos para escritório”. Ele se encontra nos registros históricos da cartofilia brasileira como um dos instigadores e produtores de cartões postais no Rio Grande do Norte. ■

OS PRIMEIROS  
CARTÕES-  
POSTAIS EMITIDOS  
FAZIAM PARTE DO  
MONOPÓLIO OFICIAL,  
MAS NO FIM DO  
SÉCULO XIX ALGUNS  
PAÍSES COMEÇARAM  
A AUTORIZAR  
AS INDÚSTRIAS  
PARTICULARES  
A IMPRIMIREM  
CARTÕES-POSTAIS  
PARA SEREM  
CIRCULADOS ATRAVÉS  
DOS CORREIOS APÓS  
A COLOCAÇÃO DOS  
SELOS NO VALOR  
FIXADO

1. Praia do Meio.  
Exclusividade das  
Organizações Walter  
Pereira S/A.

2. Vista aérea de  
Natal. Distribuidor  
J.Pereira e Cia Ltda.





Emanuel Amaral / 1974

# PROGRAMA DE DESENVOLVIMENTO DA

# CULTURA

DO RIO GRANDE DO NORTE

## EDITAIS DE

- CULTURAS POPULARES • Cornélio Campina
- TEATRO • Chico Villa
- JORNALISMO CULTURAL • Rubens Lemos
- LITERATURA DE CORDEL • Xexéu
- TERCEIRA IDADE • Ubirajara Macêdo
- GRAVAÇÃO DE CD • Núbia Lafayete
- CINEMA • William Cobbet
- CULTURA PARA JUVENTUDE • Emanuel Bezerra
- QUADRINHOS • Moacy Cirne
- LITERATURA • Oswaldo Lamartine
- TEATRO DE RUA • Lula Medeiros
- DANÇA • Roosevelt Pimenta
- PINTURA • Thomé Filgueira

Informações: (84) 3232 5324 | [www.fja.rn.gov.br](http://www.fja.rn.gov.br)



F U N D A Ç Ã O  
.....  
**JOSE AUGUSTO**



MISSÃO

CONSTRUIR CIDADANIA CULTURAL  
PARA O POVO POTIGUAR COM ÉTICA,  
TRANSPARÊNCIA E PARTICIPAÇÃO.

